







efletindo na gravidade do momento que temos vivido, com desafios de toda ordem não há como não considerarmos as consequências de nossas ações.

As vivências de hoje são resultado direto de nossas ações passadas e, por que não dizer também, de nossas reações e retaliações.

Os valores do mundo, de uma visão que considera apenas o ângulo da vida material, não nos capacita a compreendermos os fatos que ocorrem em nosso dia a dia. E com emoções descontroladas, sem conhecermos mais acuradamente os fatos, tomamos este ou aquele partido. Vejamos por exemplo as guerras que ora afetam o nosso planeta. Não há lados vencedores, todos perdem, todos são afetados, mesmo os que não estão diretamente nas zonas de conflito.

Deveremos sim nos posicionarmos, mas sem atacar ou julgar, antes tomando o partido da paz. Que não abracemos esta ou aquela bandeira que nem representa nossa ancestralidade; bandeiras que pintam as suas cores e traçam suas linhas e nos separam uns dos outros; tomemos a bandeira branca da paz, que representa o desejo das nações praticarem entre elas os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, e vivenciemos Deus, o Cristo e a Caridade.

Que possamos nos calar e acalmar os nossos corações, para que sejamos nós aqueles que estarão, com suas preces, com suas posturas, irradiando a paz por todo o planeta.

"Nunca houve uma boa guerra, nem uma paz má."

- Benjamin Franklin



Revue Spirite

Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN KARDEC le 1er janvier 1858

Propriedade do Conselho Espírita Internacional (CEI)

Logo et Marque Européenne enregistrée à **l'EUIPO** (Office de l'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® Trade mark 018291313

Marque française déposée à **L'INPI** (Institut National de la Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.



Editado por

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© copyright 2020

Ano 167

Nº14

CEI | Trimestral | Janeiro 2024

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

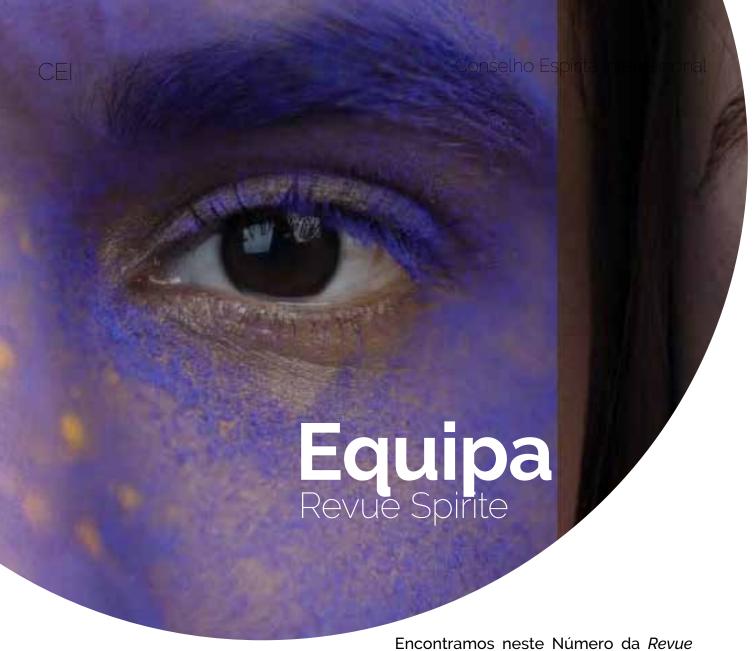
Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com www.cei-spiritistcouncil.com

Revue Spirite

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Nuno Cruz
36	Espiritismo e Filosofia	Jorge Elarrat
54	Espiritismo e Religião	Cláudia Lucas
70	Revisitando a Revista	Sílvia Almeida
82	A Geração Nova	Sandra Borba
100	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Meimei
106	Plano Histórico	Samuel Magalhães
120	Espiritismo e Sociedade	Redação Momento Espírita
128	Momento Espírita	Redação Momento Espírita
136	Entrevista	Divaldo Franco
148	Comunicação Social Espírita	André Siqueira



NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáxica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta série da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.

novos olhares sobre o tema da Pluralidade das Existências, quer entendido no sentido estrito da reencarnação propriamente dita, quer ampliando-se às vivências do Espírito noutros planos, para além do físico. O tema é abrangente e de múltiplas possibilidades, mas converge num princípio - é que essas múltiplas experiências concorrem para o melhoramento progressivo da Humanidade. Num momento de profundas convulsões físicas e morais, essa é uma certeza que nos encoraja e anima, em cada dia, relembrando-nos que somos uma pequena peça nessa gigantesca engrenagem humana e que o nosso ainda que minúsculo contributo consciente coopera com as Grandes Almas para o triunfo do bem e do progresso.

660S

talentos
de Deus
são iguais
para todos,
competindo
a nós outros
a solução do
problema alusivo
à capacidade
de recebê-los*

HISTÓRIA **DA CAPA**

A vida humana é uma jornada evolutiva, no processo das diversas encarnações, cujo objetivo é o aprimoramento contínuo e gradual.

Cada vida é uma oportunidade única, durante a qual as valiosas experiências vividas permitem aprender a superar desafios, a corrigir erros passados e a ficar mais próximo da perfeição.

Esse processo de aprimoramento não se limita apenas ao indivíduo, mas abrange a Humanidade, na elevação coletiva da consciência humana, alcançando níveis mais elevados de compreensão, amor e fraternidade.

A nossa escolha de capa está relacionada com as várias "camadas" do autorretrato e reflete conceitos de identidade e autenticidade, desconstrução e construção decorrentes do processo individual de autoconhecimento.



Emmanuel









- 1. **Sara Barros** (2024)- "Deconstructing the layers" digital image based on Hadis Safari and Sonu Agvan A nossa escolha de capa para o número 14 da *Revue Spirite*.
- 2. **Mustafa Memish**, estudo de capa.
- 3. Rhys Abel, estudo de capa.
- 4. **Benjamin Farren**, estudo de capa.

Espiritismo e ciência face a face





*Nuno Pereira da Cruz Engenheiro Físico e colaborador do Centro Espírita A Casa do Caminho – Lisboa, Portugal.

NUNO PEREIRA DA CRUZ*

Espiritual Multiverso Cosmológico

CEI Conselho Espírita Ini

Desde a matéria densa às cordas quânticas, cada um destes objetos existe apenas nas dimensões que são compatíveis com o seu

tamanho e massa

Resumo

Este artigo apresenta o conceito de multiverso que se irá explorar começando por introduzir o espaço-tempo de 10 ou 11 dimensões que a física defende. Reflete-se sobre a possibilidade da existência espiritual se situar nessas dimensões. Procura-se na bibliografia ditada pelo Espírito André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, casos e descrições que podem ser explicadas pelas dimensões extra no nosso universo – ou multiverso, como é referido.

Palavras-chave

Plano Espiritual, Psicosfera, Dimensões Paralelas, Multiverso, Física Quântica.

Existem ainda dimensões que promovem a ligação entre o universo físico e o espiritual – as hiperdimensões

Introdução

A Doutrina Espírita tem como um dos seus paradigmas a pluralidade das existências. Neste âmbito enquadra-se não só a reencarnação¹ mas também a existência no mundo espiritual – vulgo *erraticidade* (Kardec 1858). É sobre este último estado que o presente artigo se propõe refletir, procurando encontrar, na física moderna, respostas para a natureza da existência no plano espiritual.

Por este mesmo motivo ir-se-á empregar alguns termos da ciência com os quais alguns leitores poderão estar menos familiarizados, embora se tenha evitado as tecno-expressões – sem comprometer o rigor.

A informação refere extensivamente a cidade espiritual Nosso Lar por ter a bibliografia homónima bem como toda a coleção André Luiz que nos permite fazer uma análise das dimensões espaciais e como estas possibilitam a agregação da matéria e a existência nestes planos ainda desconhecidos para nós.

Ver Kardec,
 Livro dos
 Espíritos", q.
 166 e ss.

Multiverso cosmológico

Na física, multiverso pode ter vários conceitos conforme o contexto em que o termo é empregado. O mais popular é original de 1957 pelo físico Hugh Everett e divulgado por DeWitt nos anos 70 e consiste na sobreposição quântica de todos os estados possíveis e respetiva partição nos muitos mundos (Byrne 2008).

A função de onda é um objeto matemático que descreve um sistema de partículas e representa a sobreposição de todos os estados possíveis. Segundo a interpretação de Copenhaga da física quântica, quando se realiza uma observação, apenas um desses estados é verificado. A função de onda reduz-se: deixando de representar todos os estados sobrepostos, passa unicamente ao estado observado, resultando naquilo que é denominado "colapso da função de onda" (Cohen-Tannoudji, Liu, & Laloe 1996).

Segundo a interpretação dos muitos mundos, a observação não provocaria o colapso da função de onda – simplesmente revelaria a realidade no respetivo mundo, enquanto outros mundos exibiriam os distintos resultados possíveis dessa observação.

Imagem gentilmente cedida pelo autor

Na figura acima, o lançamento da moeda tem dois resultados possíveis. O colapso da função de onda significa que apenas se tem um único resultado, ou cara ou coroa. Segundo a interpretação dos muitos mundos, num universo a moeda exibiria a cara enquanto no outro seria a coroa, tendo-se assim ambos os resultados mas cada um no seu universo.

Esta interpretação implica a existência dos mundos contraparte, com os estados quânticos que não existem no presente mundo; apresenta, porém, o mérito de quebrar a barreira entre a dimensão quântica e a nossa realidade macroscópica. A ficção tem explorado esta vertente mostrando o mesmo super-herói em mundos paralelos!



Encontro dos homens-aranha dos multiversos (Spider-Man No Way Home, 2023)

Os mundos contraparte são o resultado da separação do universo original nos universos em tudo iguais ao original exceto num estado quântico. Na analogia do lançamento da moeda, em ambos os universos existe um leitor deste artigo, com as mesmas características físicas e morais, com o mesmo passado desta e de outras vidas; só que num universo o resultado foi "cara" e, no outro, o leitor observa "coroa" na moeda. E não há nada na física que permita dizer qual é o leitor original e qual é o duplicado! Apesar da popularidade deste conceito, não nos parece algo compatível com o livre-arbítrio nem com o princípio de que Deus nos criou simples e ignorantes² mas não cópias uns dos outros3.

2. Ver Kardec, "O Livro dos Espíritos", q. 115.

3 Ver Xavier, "Ceifa de Luz", Cap. 3.



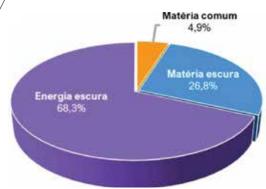
O conceito de multiverso que se adota neste artigo baseia-se nas cordas quânticas e na teoria-M: conjunto de dimensões além das três familiares de comprimento, largura e altura - às quais se junta o tempo. Estas dimensões perfazem 10 ou 11, dependendo da estrutura teórica que se adota. Consiste num assunto em aberto e que, apesar de não ter uma evidência experimental concreta, apresenta vários indícios. Como curiosidade, pode-se referir que a divulgada matéria escura pode estar situada nas dimensões extra, explicando-se assim o motivo de não ter sido observada apesar de constituir cerca de 85% da matéria no universo!

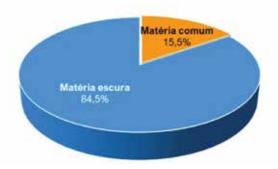
Esta noção de multiverso é a que está presente na cosmologia. Uma fração de segundo após o Big Bang, o universo passou pela era inflacionária que corresponde a uma expansão gigante do cosmos. Para se ter uma ideia, imagine um vírus de tamanho médio, 0,1 mícrones, ou seja, 10 mil vezes inferior ao milímetro – apenas visível sob a lente de um bom microscópio. Agora este vírus passa pela era inflacionária, cresce vertiginosamente e, numa fração de segundo, fica enorme. Quão grande? Do tamanho do corpo humano? Mais... Do tamanho do planeta?! Mais ainda... O microscópico vírus ficaria do tamanho de 100 mil galáxias, como a nossa Via Láctea, juntas lado a lado!! Além de não haver sistema imunitário que resista, uma expansão desta magnitude amplia todas as flutuações quânticas e separa o espaço-tempo em múltiplas dimensões, causando o nascimento do multiverso cosmológico (Kaku 2005). Os diferentes universos podem variar nas leis da física ou, mantendo-as, apresentar variações nas constantes universais.

Dimensões do Espaço-Tempo

Existe, no multiverso, matéria e energia diferente daquela que nos é conhecida e familiar e que nem os instrumentos detetam de forma direta. Por não interagir com a luz foi chamada de matéria escura. Como é então possível afirmar a sua existência? Os modelos cosmológicos preveem a sua existência e há medidas indiretas que são fortes indícios - nomeadamente os efeitos gravitacionais que a teoria da relatividade não consegue explicar através da matéria comum (Clegg 2019). Um destes efeitos prende-se com a velocidade de rotação da nossa galáxia, a Via Láctea. O nosso sol desloca-se com uma velocidade de 220 km por segundo relativamente ao centro da galáxia! E leva todo o sistema solar a reboque neste apressado passeio pelo cosmos. Acontece que, perante a matéria observada, esta velocidade é mais do triplo do valor expectável. Basta pensar na coima que teria se fosse apanhado a circular a 160 km/h numa localidade onde o limite é 50 km/h... Então tem de existir matéria não observada - a matéria escura - cuja atração gravitacional faz acelerar toda a galáxia.

Onde se situa tanta matéria, que põe a galáxia assim num rodopio? Coloca-se a hipótese da matéria escura estar localizada nas dimensões extra, explicando-se assim o motivo de não ter sido observada apesar de constituir cerca de 85% da matéria no universo!





Abundâncias relativas de matéria comum, matéria escura e energia escura no universo

Comparação entre a matéria comum e a matéria escura (ESA, 2013)

Poderá, neste momento, o leitor colocar a questão "por que razão não interagimos com as dimensões extra?". A resposta encontra-se na pequenez e compactação dessas dimensões. Considere-se uma resma de papel: comprimento, largura e espessura. Ao retirar uma só folha dessa resma pode-se falar do comprimento e altura, desprezando-se a sua espessura. Esta última medida é muito pequena em relação às demais.

Além disso, é ainda possível enrolar cuidadosamente essa folha.



Enrolar uma folha de papel permite passar de duas dimensões para apenas uma

Este processo é conhecido como compactação: ao enrolar, forma-se um pequeno tubo no qual se considera apenas o comprimento, desprezando-se a largura da folha. O papel continua a ter duas dimensões mas, para a nossa capacidade de observação, o objeto formado no fim tem só uma – o comprimento.

Nestas dimensões compactadas existem apenas as cordas quânticas. Tal como as cordas de uma guitarra podem vibrar num dó ou num ré, também as cordas quânticas têm as suas frequências próprias de vibração que correspondem às diversas partículas elementares, com a respetiva massa e carga elétrica. As cordas quânticas existem e oscilam nas subtis dimensões e estão imersas num campo energético que preenche todo o espaço-tempo, denominado campo de Higgs, ao qual está associada uma partícula subatómica, o bosão de Higgs.

As cordas da guitarra são pisadas ao longo do braço para aumentar a altura do som e podem soar simultaneamente para tocar um acorde. Também as cordas quânticas têm estados excitados de vibração, interagem umas com as outras para formar outras partículas elementares e, envolvidas no campo energético, acoplam com o bosão de Higgs para adquirir massa.

As dimensões compactadas são demasiado pequenas⁴ para as suportar fazendo com que as partículas surjam nas dimensões comuns do nosso quotidiano e com as quais nos é possível observar e interagir (Lederman & Hill 2013).



Image by S Barros

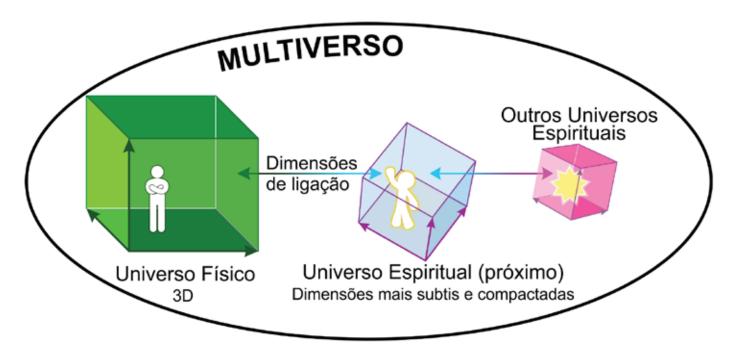
Desde já se verifica a possibilidade da existência de partículas e energia nessas dimensões extra desde que não apresentem a massa tão característica da matéria grosseira. Apresenta-se então a hipótese de a matéria perispiritual ser compatível com essas dimensões. Quanto mais compactada estiver a dimensão, mais subtil deve ser a natureza dos seus objetos. Desde a matéria densa às cordas quânticas, cada um destes objetos existe apenas nas dimensões que são compatíveis com o seu tamanho e massa - incluindo-se as dimensões requeridas para abrigar a matéria escura. Esse conjunto das pequenas dimensões onde a matéria subtil existe paralelamente à nossa matéria pode ser chamado de multiverso.

O multiverso e a existência no mundo espiritual são compatíveis. Com efeito, nós, espíritos reencarnados, interagimos diariamente no nosso universo tridimensional; o mesmo acontece no mundo espiritual próximo de nós, do qual se possui mais informação. Existem ainda dimensões que promovem a ligação entre o universo físico e o espiritual - as hiperdimensões. Já no séc. XIX o astrofísico alemão Johann Zöllner (1880) falava da hiperdimensão e propunha estes conceitos após investigar médiuns de efeitos físicos. E isto antes do advento da teoria da relatividade de Einstein e da proposta do espaço-tempo como um continuum tetradimensional Minkowsky, em 1908!



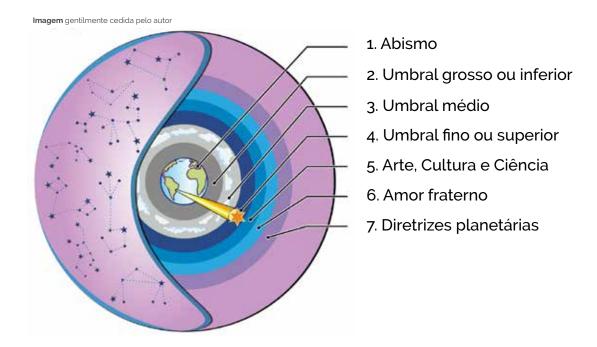


O universo das nossas dimensões e as do mundo espiritual conjuntamente formam o **multiverso**



Planos espirituais da Terra

Empregou-se o plural "planos espirituais" para destacar a multiplicidade das diversas regiões. Com efeito, os Espíritos André Luiz e Lucius referem sete esferas espirituais, cada uma com as suas características materiais ou quintessenciadas (Xavier & Cunha 1999).



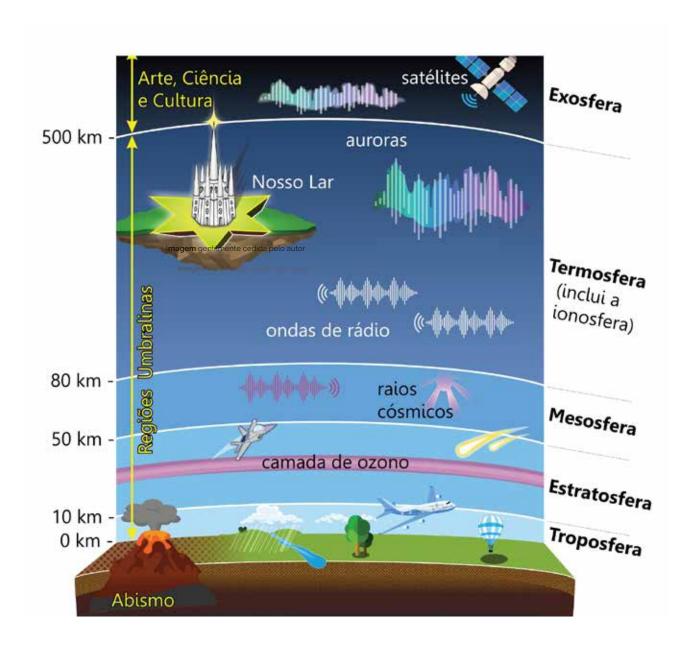
A região do abismo é sub-crostal, i.e. abaixo da superfície da Terra, sendo mencionada em *Libertação* (Xavier 1949) e *No Mundo Maior* (Xavier 1947). O Umbral começa na crosta terreste como nos informa Lísias em *Nosso Lar* (Xavier 1944). Esta colónia espiritual situa-se sobre a cidade do Rio de Janeiro, localizando-se no Umbral fino (Xavier & Cunha 1999).

5. Ver Xavier, "Nosso Lar2, Caps. 15, 16 e 36.

6. Ver Xavier, "Nosso Lar", Cap. 32.

7. Ver Xavier, "Obreiros da Vida Eterna", Cap. 3. Das esferas superiores a informação é mais reduzida. Em *Nosso Lar*⁵, André Luiz refere a visita da mãe assim como a sua própria jornada – em desdobramento! – à esfera da Arte, Cultura e Ciência. Nesta mesma obra⁶ é mencionado que a Ministra Veneranda "viu Jesus nas Esferas Resplandecentes", sugerindo tratar-se duma psicosfera superior, já fora da influenciação magnética da Terra. No livro *Obreiros da Vida Eterna*⁷ a equipa espiritual encontra Asclépios que se projeta numa câmara cristalina, vindo ele das "regiões mais elevadas da zona espiritual da Terra" embora sendo ainda "entidade do nosso planeta" – deduzindo-se que pertence à esfera das Diretrizes Planetárias (Xavier 1946). Este plano maior da Terra estende-se até à fronteira com a psicosfera de Marte (Xavier & Cunha 1999). Com efeito, Asclépios almeja integrar os representantes da Terra junto das comunidades de Júpiter e Saturno, ou seja, fora do plano magnético do nosso planeta.

Revue Spirite

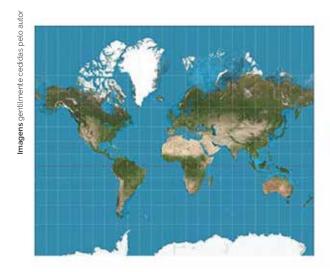


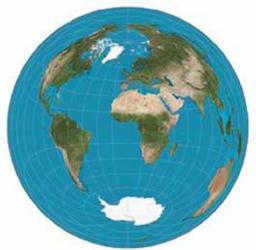
Localização das esferas espirituais em comparação com as camadas atmosféricas

A altitude exata da colónia Nosso Lar não é referida mas tem-se a indicação de que se situa na ionosfera. A atmosfera rarefeita e a incidência da luz ultravioleta solar dão origem aos iões atmosféricos e a um estado de plasma. Por este motivo a ionosfera interceta as camadas da exosfera e, sobretudo, da termosfera. Perante a elevada extensão da ionosfera torna-se difícil indicar a altitude da colónia com precisão mas pode-se estimar que Nosso Lar orbita a cerca de 450 km de altitude.

Dimensões e Localização das Psicosferas

Considerando a localização da colónia espiritual é lícito pensar-se que o envio de foguetões espaciais poderá impactar as suas estruturas e habitantes. Ou, em reverso, uma torneira deixada a correr em Nosso Lar causaria chuva na Terra?! A resposta é negativa: embora exista uma vinculação geométrica a um dado ponto da atmosfera, as colónias encontram-se em planos paralelos, ou seja, na sua psicosfera própria e com as dimensões adequadas. Como então conceber que possam partilhar de uma mesma região (neste caso, na ionosfera) e simultaneamente pertencer a planos paralelos? A solução para este problema reside nas dimensões extra. O paradoxo só surge quando se tenta reduzir as dimensões do multiverso à tridimensionalidade quotidiana. Esta questão é equiparada aos mapas-múndi e ao modo como reduzem a esfericidade da Terra a uma folha de papel.





Projeção de Mercator: É das mais usadas numa escala local onde a própria superfície da Terra parece plana

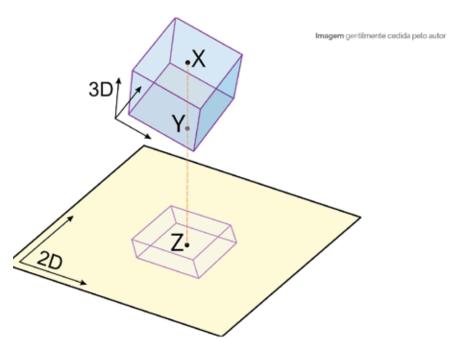
Projeção Azimutal: Muito utilizada na astronomia como forma de representar o céu e as constelações

Ajustar a esfericidade a uma folha plana comporta algumas soluções de compromisso. A projeção de Mercator é fácil de ler os rumos constantes são representados como retas no mapa. No entanto, não preserva as áreas. Próximo dos polos, as áreas surgem maiores do que deveriam ser quando comparadas com o equador. É ainda impossível representar os polos nesta projeção. Por outro lado, a projeção azimutal preserva as áreas mas não

os ângulos. Repare-se na figura que nem as longitudes nem as latitudes são representadas por linhas paralelas.

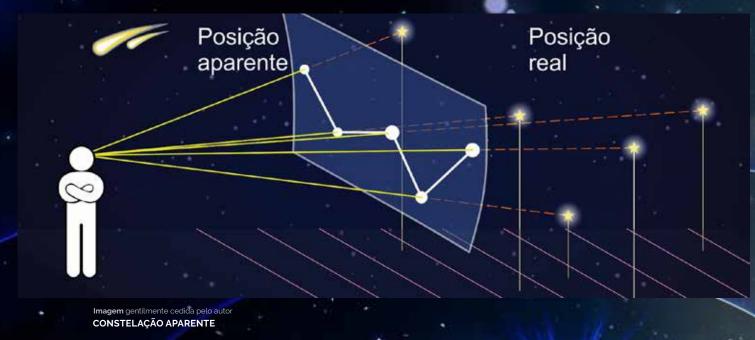
Imagine-se agora tentar transpor dimensões extra para a nossa realidade 3D ou, pior ainda, para uma folha de papel ou um ecrã que é 2D!

A projeção de pontos numa tela ou folha de papel confere-lhes uma posição aparente.



A figura acima mostra um cubo semitransparente. Os pontos X e Y encontram-se nas faces superior e inferior do cubo, estando assim em cotas diferentes. A projeção dos pontos na folha de papel recai num mesmo ponto Z. Alguém que conheça apenas a projeção Z ficaria com a ideia de que os pontos originais estão na mesma posição – uma vez que desconhece as cotas de X e Y por serem medidas de uma dimensão extra relativamente ao plano do papel. Do mesmo modo, a localização da colónia Nosso Lar e da ionosfera numa mesma região da esfera terrestre é aparente. É a dimensão extra que permite entender que ambas podem estar numa mesma altitude relativamente à superfície da Terra e, ainda assim, não se intercetarem.

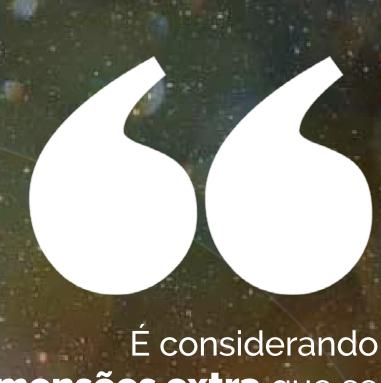




Quando se observa as estrelas longínquas tem-se uma ideia aparente da proximidade entre elas que, na realidade, é inexistente. No exemplo acima, a constelação de Cassiopeia mostra-se com o seu formato em 'W' tão característico e que facilmente a identifica na Via Láctea. Contudo, quando se olha para o céu noturno, perde-se a referência da proximidade ou afastamento relativo. Por outras palavras, é como se se projetasse as estrelas numa abóbada celeste, numa tela gigante, perdendo-se a dimensão que revela a sua distância à

Terra. A observação das estrelas na sua posição real mostra algo nada similar aos vértices de um 'W'.

Aborde-se assim a problemática de representar as dimensões superiores com a consciência de que cada planificação terá as suas limitações mas também os seus pontos fortes que ajudarão ao entendimento. André Luiz e Lucius revelam ainda que cada esfera espiritual assenta sobre o solo e tem, por cima, o céu – demonstrando, assim, o paralelismo dos planos físico e espiritual (Xavier 1944; Xavier & Cunha 1999; Cunha 1996).

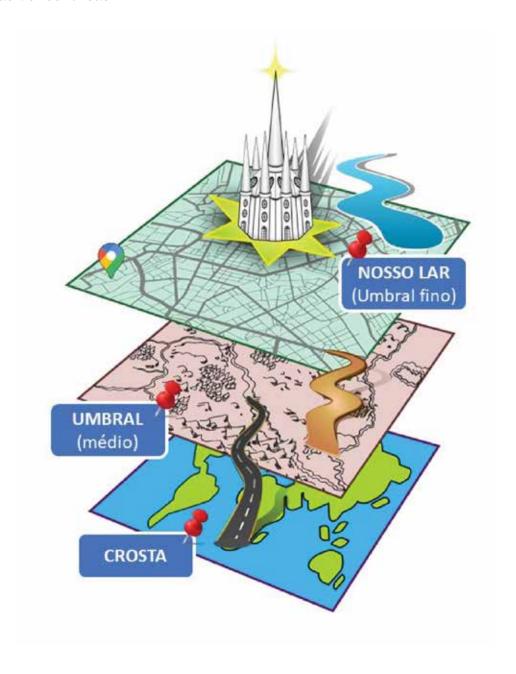


É considerando as **dimensões extra** que se consegue entender a partilha de um mesmo planeta mas em psicosferas diferentes, cada uma com os seus limites, com um céu e chão que lhe são próprios



Esferas Concêntricas

Cilindros Coaxiai



Revue Spirite

Planos Paralelos

A representação das regiões física e espirituais como esferas concêntricas tem a vantagem de manter a forma correta e ser familiar enquanto forma de apresentar⁸. Vem ainda no seguimento natural da estratificação das psicosferas mostrado *supra* neste artigo. Ilustra bem o conceito de que, relativamente a Nosso Lar, aqui na Crosta nós habitamos o interior da Terra. Contudo, parece que as regiões se englobam de modo que o céu da crosta poderia ser Nosso Lar – o que não corresponde à verdade.

Os cilindros coaxiais resolvem esta dificuldade: cada região, olhando para cima encontra um céu próprio e, na direção inferior, vê o solo – e não a região espiritual inferior. No entanto, parece existir um buraco no centro de cada região, o que não acontece.

A representação através dos planos paralelos é fácil de ser lida e a separação dos planos ilustra bem o facto do mundo espiritual ser um mundo à parte⁹. Todavia o plano superior parece o céu da região imediatamente abaixo; poderia igualmente dar a ideia de que as colónias espirituais flutuam acima da Crosta, quando é claro que elas assentam no chão que lhes é próprio. Visualizar os planos espirituais como pisos de um centro comercial poderá ajudar nesta descrição: cada piso tem o seu soalho e o seu teto e comunica com os pisos contíguos através das escadas rolantes ou da escada de serviço.

Na ilustração foram colocados uma estrada, um trilho de terra e o curso do Rio Azul apenas para simbolizar os caminhos que existem a unir os planos consecutivos (Xavier 1944; Xavier & Cunha 1999) e que são mais fáceis de visualizar nesta representação.

Tal como cada mapa-múndi tem a sua utilização mais adequada, também estas planificações têm uma forma própria de mostrar a realidade das regiões espirituais: ilustram adequadamente certas características geométricas e adulteram outras para as quais se deve procurar a representação correta.

- 8. Com rigor, a Terra tem uma forma de elipsoide achatado nos polos, ou geoide.
- 9. Ver Kardec,"O Livro dosEspíritos", q.84.

Tipo de Representação	Características representadas	
Esferas concêntricas	Mantém a forma das regiões espirituais;	
	Mostra a coesão das psicosferas com o pró- prio planeta.	
Cilindros coaxiais	· Cada região tem o seu próprio céu e solo.	
Planos Paralelos	• Mundo à parte;	
	• Ligações ou caminhos entre os planos.	

Matéria em Nosso Lar

Neste ponto ir-se-á referir um conjunto de exemplos que permitem refletir em torno da natureza da matéria nas psicosferas mais próximas. São muitas as situações que a espiritualidade tem trazido à luz e que estimulam a curiosidade acerca da natureza da matéria no geral e do perispírito no particular. Abordar-se-á apenas alguns desses casos, os que melhor se adequam ao tema do presente artigo. O objetivo é facilitar o entendimento de que a matéria espiritual é mais quintessenciada e compatível com as pequenas dimensões que a física refere.

Para não abusar da paciência do leitor, facilite-se a contextualização apresentando um quadro-resumo com as referências que serão elencadas adiante.

Situação	Observações	Obra / Cap.
O Ministro Clarêncio abre a porta da ci- dade, junto à muralha, para poderem passar.		Nosso Lar: 3
Mulher infeliz pede socorro junto ao grande portão dos campos de cultura.	As paredes dos edifícios são intransponíveis.	Nosso Lar: 31
Lísias toca à campainha da casa de sua mãe, a D. Laura.		Nosso Lar: 17
A água tem outra densidade, mais ténue e pura.	A matéria espiritual é mais subtil.	Nosso Lar: 10
A leis da física da matéria densa não presidem aos fenómenos da matéria quintessenciada.		Obreiros da Vida Eterna: 10
Água misturada com elementos solares, elétricos e magnéticos.	A matéria espiritual é mais suscetível e capaz de acoplar facilmente com energias subtis, tais como os fluidos ambientes e as emanacões mentais	Nosso Lar: 9
A magnetização geral das águas do Rio Azul compete ao Ministério da União Divina.		Nosso Lar: 10
Eloísa, perturbada e desgostosa, não se senta à mesa: os fluidos pesados e venenosos misturam-se automatica- mente às substâncias alimentares.		Nosso Lar: 19

O Umbral é uma região para o esgo- tamento de resíduos mentais que são queimados às prestações.	As emanações mentais são matéria.	Nosso Lar: 12
Os desintegradores etéreos vão quei- mar os resíduos decorrentes da passa- gem de entidades cruéis.	A queima é efetuada através de raios elétri- cos que provocam fo- gueiras enormes.	Obreiros da Vida Eterna: 4 e 10
A atividade mental marca o perispírito. Espíritos de forma indecisa, obscura, semelhantes a ovóides. O perispírito é transformável e perecível, embora estruturado em matéria mais rarefeita. Papel do monoideísmo na forma perispiritual.	Perda da forma peris- piritual pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, e atrofio pela ausência de função.	Liberta- ção: 4 e 6 Evolu- ção em Dois Mundos: 1ª-12
Uma infeliz mulher, pela sintonia, adapta-se às energias de um juiz cruel que a chama de "loba". A sua fisionomia altera-se de acordo com o estímulo.	Efeito do hipnotismo e do pensamento no cor- po perispirítico.	Liberta- ção: 5
A forma individual obedece ao reflexo mental dominante.	Efeito do aperfeiçoa- mento moral e intelec- tual sobre o perispírito.	Evolu- ção em Dois Mundos 2ª-4
Capacidade de volitação de alguns espíritos.	A volitação depende da força mental. Voos altos requerem aliar o inte- lecto ao amor.	Nosso Lar: 50
Criaturas moviam-se a poucos metros do solo.		No Mundo Maior: 17
André Luiz e Vicente sentem dificulda- de em volitar quando estão a caminho da Crosta. O instrutor Aniceto reco- menda a locomoção. Aniceto não sen- tiu problemas em volitar.	As vibrações fortes da mente humana pesam na atmosfera e dificul-	Os Men- sagei- ros: 15
Dificuldade em volitar no domínio das	tam a volitação.	Liherta-

Liberta-

ção: 4

Nosso Lar: 10 e

33

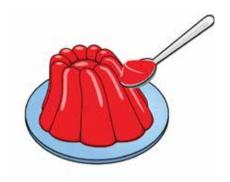
Dificuldade em volitar no domínio das

O aeróbus é um veículo leve e comprido, com capacidade de levitar e veloz na sua deslocação.

sombras.

Uma breve análise à obra de André Luiz permite concluir com facilidade que a matéria nestas regiões espirituais constitui uma barreira tão sólida quanto a matéria comum o faz connosco. Dos inúmeros exemplos basta considerar a forma como o autor espiritual interage com o solo, com as portas dos edifícios e com os diversos objetos (Xavier 1944). Apesar disso, é mais subtil e mais suscetível às emanações do pensamento. Recorde-se como Eloísa, neta de D. Laura, não se sentava à mesa para evitar que, na sua neurastenia e inquietação, emitisse fluidos venenosos que se misturassem com os alimentos (Xavier 1944). Nesta temática das emissões do pensamento, verifica-se que os próprios resíduos mentais são conduzidos às regiões umbralinas onde são queimados (Xavier 1944). Uma destas ações de queima é relatada no *Obreiros da Vida Eterna* (Xavier 1946). Até a forma humana do perispírito é afetada pelo pensamento, como se verifica no caso dos ovóides (Xavier 1949; Xavier & Vieira 1958) e da infeliz mulher induzida à condição de loba (Xavier 1949).

Considere-se ainda a capacidade volitiva de alguns espíritos em Nosso Lar: encontra-se bem demonstrada no livro *Os Mensageiros* que relata a viagem de André Luiz, Vicente e Aniceto a caminho da Crosta, na qual é a influenciação mental humana que obsta à volitação – a ponto do resto da viagem ser realizado por locomoção (Xavier 1944a). Este acontecimento solicita ainda outra analogia: as partículas da física acoplam com o campo de Higgs e adquirem massa, tal como deslocamos uma colher pelo ar e, ao entrar numa taça de gelatina, o faz mais lentamente e agrega, em si, a própria sobremesa – ou seja, massa.





nagens gentilmente cedidas pelo autor

COLHER E GELATINA

Uma colher acopla com a gelatina à medida que passa por ela

FACA E GELATINA

Uma faca passa pela gelatina sem dificuldade no movimento

Como a faca que desliza com facilidade, assim há outras partículas de menor interação não realizam o acoplamento com o campo de Higgs e podem permanecer nas dimensões subtis e compactadas que foram referidas anteriormente. Repare-se que o Instrutor Aniceto, com outra vibração maior, não agregou as pesadas emanações mentais da Crosta e volitava sem dificuldade – o que não aconteceu com André Luiz e Vicente cujos perispíritos acoplaram com as pesadas energias ambientes, tornando-os pesados e incapazes de volitar.

As propriedades da matéria das regiões espirituais, diferentes da matéria comum ao mundo físico, ao invés de levantarem contradições com a física atual, acabam por tornar esta realidade compatível com as subtis dimensões do mundo quântico

O facto de existir um aerobus com a capacidade de levitar e de se deslocar a grandes velocidades – uma tecnologia ainda desconhecida na Terra, quase 80 anos após a publicação do *Nosso Lar*! – é igualmente revelador da subtileza da matéria que se encontra nesta região espiritual e que não foi ainda possível transpor para a nossa realidade corpórea.

Os casos relatados vão todos ao encontro de um estado da matéria mais subtil, menos denso e ponderável, mais energético, capaz de se acoplar com as emanações mentais. Este estado seria compatível com as dimensões extra que as teorias quânticas defendem - e cujo tamanho e subtileza tem evadido as capacidades de medição do ser humano. Os melhores esforços prendem-se com a medição das ondas gravitacionais10. Enquanto os diferentes acoplamentos quânticos fariam as partículas situar--se na nossa tridimensionalidade, a gravitação, por se repercutir em todo o espaço-tempo, tem o potencial de revelar as outras dimensões, principalmente se as ondas se propagarem com velocidades diferentes nessas dimensões extra! Contudo, sendo a matéria mais subtil nestas dimensões, também o serão as ondas gravitacionais que elas geram, mantendo-se assim a dificuldade de serem detetadas...

10 As ondas gravitacionais são perturbações no tecido do espaço-tempo provocadas pela aceleração de objetos massivos. Trata-se de ondas transversais e portadoras de energia e de informação acerca dos corpos que lhes deram origem. Apesar de serem muito ténues, as ondas gravitacionais foram diretamente detetadas em 2015 devido à fusão de dois buracos negros com uma massa combinada de 62 vezes a do nosso sol.



Dentro da diversidade encontra-se a coerência, a uniformidade, o reflexo da perfeição Divina em toda a **criação**



Conclusões

O mundo espiritual contém vasta diversidade e gradações. As regiões espirituais próximas da Crosta terreste, sendo ainda um mundo à parte, demonstram semelhanças com a nossa realidade corpórea: os obstáculos da matéria, a força gravítica e a sua tridimensionalidade espacial. Assim se entende que o universo das nossas dimensões e as do mundo espiritual conjuntamente formam o multiverso que se tem referido neste artigo. É considerando as dimensões extra que se consegue entender a partilha de um mesmo planeta mas em psicosferas diferentes, cada uma com os seus limites, com um céu e chão que lhe são próprios.

As propriedades da matéria das regiões espirituais, diferentes da matéria comum ao mundo físico, ao invés de levantarem contradições com a física atual, acabam por tornar esta realidade compatível com as subtis dimensões do mundo quântico e com os tipos de acoplamento entre a matéria e os campos de energia que permeiam todo o multiverso.

Permitimo-nos colocar uma questão para refletir: um médium de vidência, agarrando num par de binóculos, conseguiria ver os espíritos de uma cidade espiritual, tal com vê os espíritos à sua volta? Os espíritos que se identificam na Crosta, mesmo na sua vibração e dimensões, localizam-se no nosso universo dimensional. Os espíritos noutras regiões, estão na sua psicosfera, no seu domínio dimensional. Apenas em desdobramento, viajando até essa região espiritual e penetrando nas respetivas dimensões, é que um reencarnado poderá ver e interagir com o meio e seus habitantes.

Nestas breves apreciações, sobre a natureza do multiverso e como os espíritos se posicionam na respetiva esfera, compreende-se um pouco mais da deslumbrante multiplicidade e continuidade da existência nos vários planos, nas diversas moradas que Jesus mencionava na "Casa do Pai", no multiverso Divino. Dentro da diversidade encontra-se a coerência, a uniformidade, o reflexo da perfeição Divina em toda a criação.

Bibliografia

BYRNE, Peter. 2008. "The Many Worlds of Hugh Everett". *Scientific American*. https://www. scientificamerican.com/article/hugh-everettbiography/#

CLEGG, Brian. 2019. Dark Matter and Dark Energy: The Hidden 95% of the Universe. London: Icon Books.

COHEN-TANNOUDJI, Claude, Bernard Liu & Frank Laloe. 1996. *Quantum Mechanics*. Paris: John Wiley & Sons.

CUNHA, Heigorina (Lucius, Espírito). (1923) 1996. *Imagens do Além*. Araras: IDE.

European Space Agency. (2013, março 21). "Planck reveals an almost perfect Universe". Science & Exploration. https://www.esa.int/Science_Exploration/Space_Science/Planck/Planck_reveals_an_almost_perfect_Universe.

KAKU, Michio. (2005) 2010. Mundo Paralelos — Uma Viagem pela Criação, Dimensões Superiores e Futuro do Cosmos. Lisboa: Bizâncio.

KARDEC, Allan. (1857) 1860. *Le Livre des Esprits*. Paris: Didier et C^{ie}.

KARDEC, Allan. 2004. "Diferentes Ordens de Espíritos". *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*. Brasília: FEB. [Ano 1, N. 2 (fevereiro 1858): 71-73].

LEDERMAN, Leon & Christopher Hill. 2013. Beyond the God Particle. New York: Prometheus.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 1944. *Nosso Lar.* Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 1944a. *Os Mensageiros*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). (1946) 2003. *Obreiros da Vida Eterna*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). (1947) 1995. *No Mundo Maior.* Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 1949. *Libertação*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. & Heigorina Cunha (André Luiz & Lucius, Espíritos). 1999. *Cidade no Além.* Araras: IDE - Instituto de Difusão Espírita.

XAVIER, Francisco C. & Waldo Vieira (André Luiz, Espírito). (1958) 2009. *Evolução em Dois Mundos*. Brasília: FEB.

ZÖLLNER, Johann K. & Charles C. Massey, 1880. *Transcendental Physics*. London: W.H. Harrison.





Multiplicidade e continuidade da existência nos vários planos, nas diversas moradas que Jesus mencionava na "Casa do Pai", no multiverso Divino

Espiritismo & Filosofia



*Jorge Elarrat

Espírita desde 1980, atuante em atividades de Juventude, trabalhador das áreas de Estudo Doutrinário e da Unificação do Movimento Espírita, junto à Federação Espírita de Rondônia (FER). Brasil.

JORGE ELARRAT* Encarnação



Resumo

Os Espíritos são criados tendo basicamente duas características fundamentais: a primeira é a ignorância; a segunda, a simplicidade. O único caminho para que o Espírito abandone a sua condição de primitivismo e alcance uma evolução mais expressiva é a experiência, que vai desenvolver as suas potencialidades e torná-lo melhor.

São necessários, para que a evolução se dê, sucessivos encontros e reencontros, através do fenômeno da reencarnação, que é a grande oportunidade para o encontro com experiências novas e o reencontro com experiências antigas.

Estamos no período da chamada Transição Planetária, no qual uma quantidade enorme de entidades perturbadas se aproximam mais do planeta, na tentativa de aproveitar a oportunidade para o renascimento, o que causa uma enorme perturbação e pressões espirituais.

No entanto, como Deus é o infinito amor, oferece cinco instrumentos poderosíssimos para vencermos, atravessando as provas da existência e chegando a bom termo.

Palavras-chave

Reencarnação, Espíritos, evolução, esquecimento, aflições.



Já a simplicidade significa que não conseguem estabelecer análises complexas do certo e do errado, do que se deve ou não fazer, ou por que razão se deve agir ou não de uma determinada forma.

A simplicidade difere da ignorância pela sua relação com as questões do campo moral.

Nascemos simples e ignorantes, para ao longo da vida imortal adquirirmos conhecimento (para conhecer todas as coisas) e moralidade (para saber fazer boas escolhas).

Quando a Doutrina Espírita refere que os Espíritos, para evoluírem, precisam desenvolver o seu lado intelectual, isso não significa que intelectualidade é obrigatoriamente matemática, física, química, geografia, história ou biologia. É sobretudo aprender a viver; ter experiências. Não é possível evoluir sem ter vivências; se elas não existem, não há experiência.

Os Espíritos precisam desenvolver o lado intelectual, que passa pela vivência da vida e pelo banco da escola.

Consequentemente vão abandonando a sua ingenuidade, a sua simplicidade, ganhando no campo moral uma série de experiências que desenvolvem a compreensão mais nítida do certo e do errado, do justo e do injusto.

1. Ver Kardec, "O Livro dos Espíritos", q. 115 e ss.



Quando odiamos um grupo social, a tendência é renascermos dentro desse grupo

É a partir das vivências, das experiências que a vida lhes dá, que desenvolvem as potencialidades que possuem.

Alguns Espíritos crescem intelectualmente, sabem muito, mas usam o que sabem para fazer o mal. Trata-se de conhecimento intelectual desprovido de conhecimento moral. Poderão ter vivência, mas moralmente não estão conseguindo crescer. E ensina o Espiritismo que o único caminho para que o Espírito abandone a sua condição de primitivismo e alcance uma evolução mais expressiva é a experiência. Ou seja, só vivendo é que é possível aprender as virtudes.

Quando pedimos a Deus que nos dê paciência, não há outra forma de Deus atender senão enviando-nos oportunidades de exercitarmos a paciência. A única maneira de ganharmos uma virtude é através da experiência e do exercício, em determinadas situações que vão desenvolver em nós o dom de sermos almas melhores. É necessário exercitar para crescer. E, nesse sentido, a literatura espírita diz-nos que a experiência é a arte do encontro e do reencontro. Encontro, porque nessas experiências iremos encontrar o que precisamos para crescer: vamos estudar matemática, vamos aprender algoritmos, seno, cosseno, tangente; vamos adquirir conhecimento das ciências; vamos ter conhecimentos de dança, música, artes, filosofia; experiências no meio religioso, etc. Somos Espíritos fadados a termos um encontro com uma série de experiências que vão desenvolver as nossas potencialidades e tornar--nos melhores.

2.Ver Kardec, "O Livro dos Espíritos", q. 120.. Isto não significa ter que passar pelo mal². É possível aprender de três formas: com os próprios erros - que é a pior forma; com o erro do outro e através do que alguém ensinou. Esse é o grande valor dos líderes religiosos, que ensinam, por exemplo, Jesus.





by Bianca Berg on Unsplash

Aprender a provar os nossos princípios em uma sociedade que pensa diferente de nós



Portanto, a evolução dá-se pelo encontro com as experiências, mas pode também dar-se através de um reencontro. Quando vivemos uma experiência e não sabemos aproveitá-la, ela voltará. Por vezes são situações que se repetem, outras são pessoas, outras, ainda, são situações e pessoas.

Quando temos uma experiência com alguém e não sabemos lidar com ela, é muito provável que tenhamos um problema no nosso crescimento moral e intelectual, decorrente desse aprendizado que não foi adquirido. E isto porque o objetivo da lei não é punir, é educar.

Quando fazemos algo de errado, deixamos de nos educar e então, a probabilidade de voltarmos a uma situação idêntica é muito grande. Mas se nos educamos, a probabilidade de voltarmos a experimentar uma situação semelhante é praticamente nula, porque já resolvemos o assunto, já superámos a prova. A necessidade da experiência para sairmos da simplicidade e da ignorância e para aumentarmos o nosso nível de conhecimento intelectual e moral deixa de existir.

Portanto, quando odiamos alguém, a probabilidade de ficarmos vinculados a essa pessoa é enorme. E quando odiamos um grupo social, a tendência é renascermos dentro desse grupo.

De acordo com o Espiritismo, para resolver o problema dos encontros e dos reencontros, existe um fenômeno que se chama reencarnação.

A reencarnação é, no dizer da obra doutrinária, a grande oportunidade para que se dê o encontro com experiências novas, e o reencontro com experiências antigas. Estas últimas, para que resolvamos problemas ainda não superados, ou para que reencontremos as experiências já vencidas, a fim de dar o exemplo de como fazer para triunfar numa dada situação.

Entretanto, para facilitar todo este processo, existe "o véu do esquecimento". É como se fosse realmente um véu, porque, através dele parece que vemos, mas vemos muito pouco, apenas entrevemos.

Allan Kardec, tratando do assunto na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, refere, no capítulo V, que existem duas fontes do sofrimento humano: as causas atuais e as causas anteriores³. As causas atuais encontram-se nesta encarnação. Sempre que de algum modo demos azo a uma determinada situação. São anteriores quando realmente nada fizemos para que uma situação acontecesse e não encontramos nenhuma explicação para ela.

Quando vamos reencarnar, passamos pelo período da gestação, durante o qual vamos progressivamente apagando as nossas memórias.

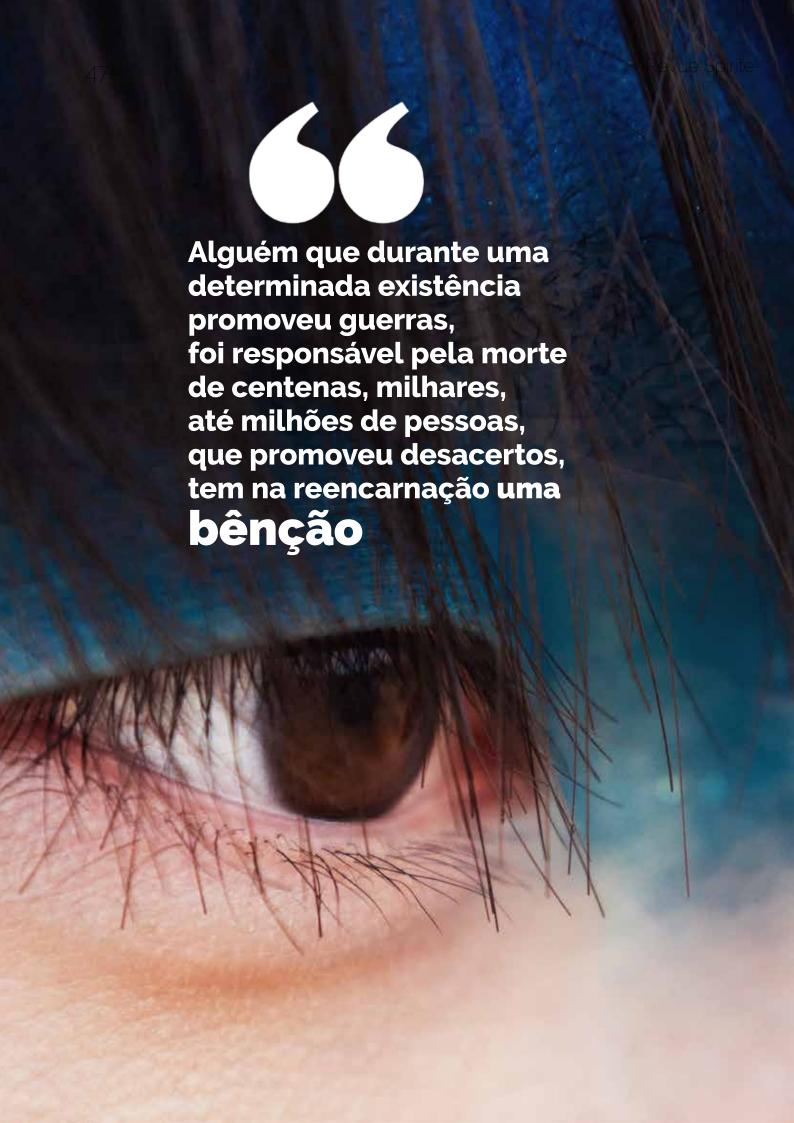
Existem três razões para esse esquecimento do passado⁴.

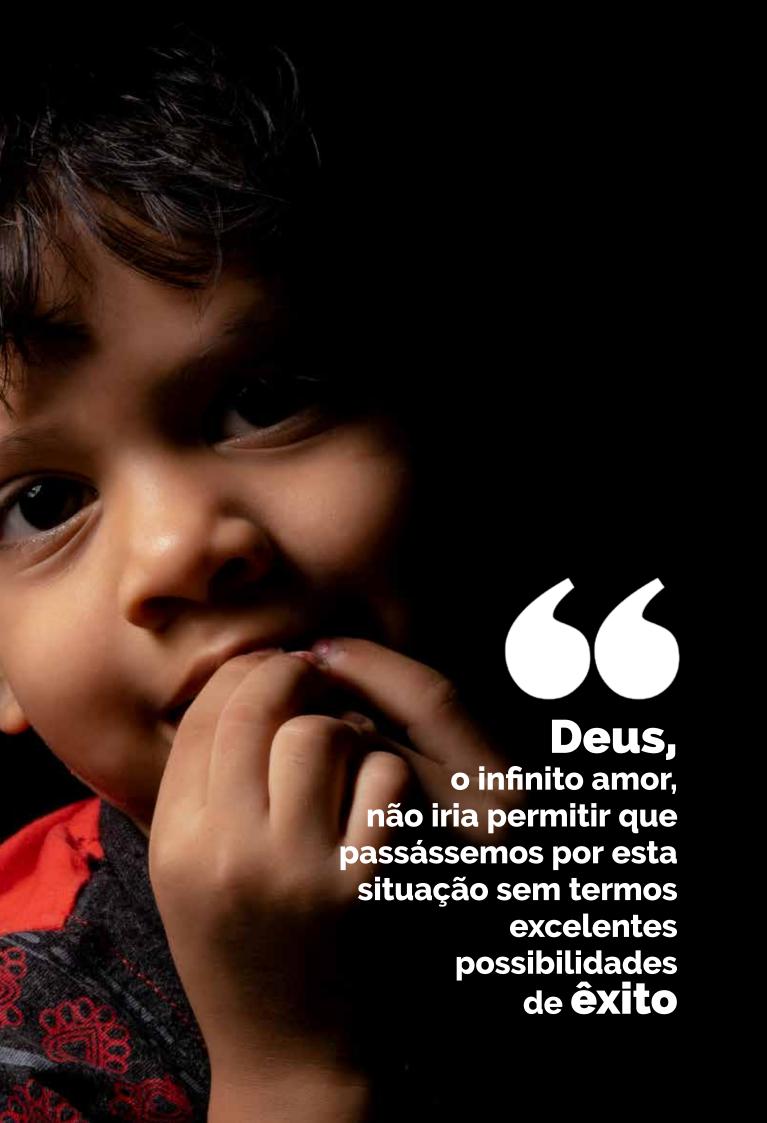
A primeira é para provar a nossa mudança. Quando estamos no mundo espiritual, antes de reencarnar, vendo a imortalidade, a lei de causa e efeito, acreditamos que mudámos e que tudo está resolvido. Deus então faz com que esqueçamos boa parte do que lembramos, renascendo só com o que está dentro do nosso coração. E quando nos depararmos com as situações, verificaremos se esse sentimento de mudança é ou não apenas aparente.

A segunda razão é para que haja o esquecimento das culpas que carregamos e que algumas vezes nos trazem processos de dor, de remorso, de sofrimento, de angústia e de desespero. Alguém que durante uma determinada existência promoveu guerras, foi responsável pela morte de centenas, milhares, até milhões de pessoas, que promoveu desacertos, tem na reencarnação uma bênção. O esquecimento do passado permite-lhe parar de relembrar os erros cometidos.

 Ver Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", Cap. V, itens 4 a 10.

4. Idem, item 11.





O objetivo da lei jetivo da lei não é punir, é educar



A terceira das razões pela qual os Espíritos, ao reencarnarem, passam pelo esquecimento, é o esquecimento dos traumas. Existem muitos Espíritos que foram torturados, que sofreram uma série de barbáries e estão no mundo espiritual enlouquecidos por conta do processo de perseguição e tortura que sofreram. Essas vítimas também precisam esquecer. Também merecem um momento no qual possam diminuir a pressão do que sentem.

Encontramo-nos no período da chamada Transição Planetária, no qual uma quantidade enorme de entidades perturbadas se aproximam mais do planeta, na tentativa de aproveitar a oportunidade para o renascimento. A perturbação espiritual que essas entidades promovem é muito grande. Daí a razão, segundo o Espiritismo, para o aumento dos casos de depressão, de suicídio, de desajuste, de vazio existencial, de uma série de dores que são decorrentes dessa pressão espiritual, a par com o afastamento da criatura em relação a Deus.

No entanto, o cenário não é tão mau quanto possa parecer. Porque Deus, o infinito amor, não iria permitir que passássemos por esta situação sem termos excelentes possibilidades de êxito. Para tal, Ele nos oferece cinco instrumentos poderosíssimos para vencer.

O primeiro grande instrumento é um corpo, que não é fruto do acaso, mas sim o resultado da nossa necessidade de progresso. É o instrumento ideal, com todos os seus constrangimentos e limitações, para promover o nosso processo de crescimento, através das experiências de que necessitamos.

O segundo grande instrumento que Deus nos deu é a família, composta pela almas com quem mais precisamos conviver para vencer as nossas imperfeições.

A experiência é a arte do encontro e do reencontro

O terceiro é a sociedade, que é um grande desafio para nós. Provamos as nossas virtudes no meio de uma sociedade que às vezes é contrária e nos obriga a conviver com personalidades diferentes e a aprender a aceitar os que são desiguais. Esse é o exercício. Todos estamos sendo chamados a isso: aprender a provar os nossos princípios em uma sociedade que pensa diferente de nós.

O número quatro é o nosso mentor espiritual, que nos acompanhou desde que a nossa encarnação estava sendo programada. O Espírito que a teologia cristã chama de Anjo da Guarda. Ele não existe apenas para cuidar de nós. É um ser independente, mas tem uma preocupação específica com o nosso sucesso espiritual, por isso nos acompanha.

O último, é a fé. O que seria de nós se tivéssemos que viver neste mundo sem uma fé para nos guiar? A fé é a grande bússola que a alma tem para tomar decisões corretas, quer seja a fé católica, protestante, budista, espírita ou muçulmana. Que a tenhamos, porque esse instrumento nos dá a sensação de que Deus nos guarda e nos protege. É importantíssimo para que consigamos atravessar as provas da existência e chegar a bom termo.

O Espiritismo, particularmente, nos dá alguns recados. A vida que temos tem um propósito, que é fazer a mudança dentro de nós. Existe algo dentro de nós que precisa ser mudado. Precisamos descobrir o que é, focarmo-nos nisso. O problema pode ser um familiar, pode ser lidar com o nosso lado afetivo, etc. Precisamos descobrir qual é a nossa fragilidade maior que justificou a nossa vinda. O propósito não é fácil. Cada um de nós tem um conjunto de questões para mudar e esses desafios são um grande objetivo, mas é possível vencer.



66

É necessário **foco**para chegar ao final
da nossa jornada,
oferecendo todo o
esforço que temos e
realizando a mudança
a que a vida nos
chamou



O que o Espiritismo nos diz é que existe um aparelhamento espiritual enorme em nosso favor e que todos somos capazes de vencer as nossas fragilidades e sair com êxito dessa existência. Nós somos capazes, sim, de vencer as nossas imperfeições, desde que consigamos prestar atenção às coisas. É necessário foco para chegar ao final da nossa jornada, oferecendo todo o esforço que temos e realizando a mudança a que a vida nos chamou.

Esse é o desenho do objetivo da encarnação, como propõe a Doutrina Espírita; a grande chave para alcançar a felicidade que Deus nos propõe; a proposta e a rota para cada um de nós.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 1988. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2013. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB.

by Camila Seves on Unsplash



Tolerância Religiosa e Frater nidade



Resumo

Instaurar a tolerância religiosa na Terra é ainda um desafio. A Doutrina Espírita ajuda-nos a compreender a nossa responsabilidade de contribuirmos para um clima de fraternidade universal, independentemente das diferenças religiosas, porque nos deve unir o sentimento maior que liga os irmãos, filhos de um mesmo Pai Amoroso. Pela Pluralidade das Existências seremos constrangidos a colher a intolerância que tenhamos semeado até aprendermos a exemplificar a tolerância e a fraternidade.

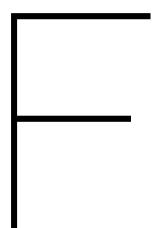


Photo by Danie Lincoln on Unsplash

Palavras-chave

Tolerância, fraternidade, religião, reencarnação, progresso.

O Deus de Jesus, o nosso Deus, é o Pai que ama todos os seus filhos



alar de tolerância religiosa no Séc. XXI é ainda um desafio. Estamos mais habituados à intolerância. Em todos os ângulos da vida no planeta, tem sido o padrão comportamental. As divisões, o sectarismo, o fanatismo fazem sentir-se por toda a parte, em todos os quadrantes da vida, em particular, no campo religioso.

O mais irónico é que a intolerância religiosa foi e continua a ser sempre praticada em nome de Deus. Como se fossem agradáveis a Deus os nossos atos de desrespeito para com as crenças alheias.

Para refletirmos sobre este tema, acima de todos os argumentos políticos, humanitários, sociais, cívicos, religiosos que poderíamos aproveitar, há o exemplo infalível do Governador Espiritual do Planeta Terra - Jesus - que nos ajudará a guiar a nossa reflexão.

Jesus instaurou a noção do Deus Pai Misericordioso, do Deus Amor. Além de um só Deus, um só Pai para todos os seres humanos, sem exceção, Jesus trouxe uma nova visão do Criador. O mesmo Deus para todas as criaturas, fazendo de nós irmãos, mas que não concede privilégios a uns em detrimento de outros. O Deus de Jesus, o nosso Deus, é o Pai que ama todos os seus filhos, que criou todos no mesmo nível de igualdade, que dá a todos as mesmas condições e oportunidades de progresso, que respeita, que está sempre presente, sempre disponível, sempre amoroso e cuidadoso, sempre ao nosso lado e a zelar por nós. Este Pai não tem os defeitos e os vícios dos pais humanos,

6

mas tem todas as suas virtudes em absoluto, porque é perfeito.

Assim, o meu Deus/o meu Pai é o mesmo para todos. Não é melhor nem pior, é igual, deixando de fazer sentido as guerras e disputas infantis de quando pensávamos que o nosso Deus era melhor ou mais forte ou mais poderoso que o do outro, o que servia de justificação para nos atacarmos mutuamente, cada um apelando para a Sua proteção.

Quando Jesus pregava, ensinava, ajudava e curava, nunca fez distinção entre credos. Embora os samaritanos fossem considerados hereges pelos judeus, e por isso discriminados de forma ostensiva. Jesus nunca demonstrou estar de acordo com essa atitude e agiu sempre de forma totalmente contrária, como por exemplo quando curou um leproso samaritano (Lucas, 17:11 a 19). Em todos os episódios em que Jesus se relaciona com samaritanos Ele deixa essa lição que mostra que "Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração". (Kardec 2009, 364)

Se nos detivermos nas formas exteriores de adoração, nos rituais, nos aspetos acessórios das diversas

doutrinas, religiões e crenças, haverá milhões de motivos para discórdias constantes, que tornarão impossível a tolerância e até a convivência. A intolerância religiosa não é fruto de uma ou outra religião ou doutrina, é fruto do egoísmo e do orgulho que são defeitos da alma humana. E são os mesmos que causam entrave ao progresso moral da Humanidade. Pergunta 785 de O Livro dos Espíritos: "Qual o maior obstáculo ao progresso?" "- O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre." (Kardec 1995, 294)

Qual de nós não padece ainda dos males do egoísmo ou do orgulho?! O egoísmo e o orgulho são defeitos do Espírito imortal, não dos espíritas, dos católicos ou dos muçulmanos. A intolerância, de qualquer tipo, é característica dos espíritos imperfeitos.

Todos os agrupamentos religiosos, de uma forma ou de outra, têm sido responsáveis por algum tipo de intolerância. Todos nós muito provavelmente temos no nosso passado marcas da intolerância religiosa, umas vezes como vítimas, outras como agressores. Este facto também nos ajuda a perspetivar esta questão de forma mais esclarecida.



ternidade que é dever de todos para

com todos, inscrito nas Leis Divinas, é o sentimento que liga os irmãos.

É muito interessante o discurso feito pelo Presidente da Sociedade rita de 1864, a respeito do Espiritispodem reunir-se, sem abdicarem de sua crença particular. (...) No momento em que todos os povos tiverem inscrito em sua bandeira Fora da caridade não há salvação, a paz do mundo será garantida e todos os povos viverão como irmãos." [sublinhado nosso] (Kardec 1864/2004, 410)

Todos os povos viverem como irmãos significa viverem em clima de fraternidade. Essa fraternidade, o sentimento que devemos ter pelos nossos irmãos biológicos, pressupõe a tolerância e o respeito pelas diferenças.

"A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão assente em base inabalável e essa base é a fé (...) nos princípios <u>fundamentais</u> que toda a gente pode aceitar e aceitará: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que

Quando refletimos sobre este tema. à luz da Pluralidade das Existências. percebemos que: o erro do outro faz parte do seu processo evolutivo, tal como os nossos erros também fazem parte da nossa experiência de aprendizagem; o outro não é um ser fadado à prática do mal para sempre, é um Espírito como nós, criado por Deus para atingir a perfeição; a Lei do Progresso obriga a que todos, sem exceção, atinjamos a perfeição, independentemente do tempo que demoremos nesse processo; a reencarnação permite-nos repetir experiências, vida após vida, até sermos capazes de nos ajustarmos às Leis Divinas; não temos o direito de julgar os nossos irmãos, porque também nós já ofendemos, também nós já fomos intolerantes, se é que não somos ainda; em algumas existências também nós semeamos intolerância ao nosso redor, logo, pela Lei de Causa e Efeito, somos ou seremos confrontados com a intolerância ou com os frutos dela resultantes, para que aprendamos a lição e a combatamos, prioritariamente, em nós.

Centrar no fundamental é a única solução para gerar a tolerância no mundo. E o que é o fundamental em matéria religiosa? O fundamental para o progresso moral da Humanidade é o cumprimento das Leis Divinas. Por sua vez, o cumprimento das Leis Divinas pressupõe que todos os homens se tratem como irmãos, ou seia, em clima de fraternidade. E a fraternidade e a tolerância religiosa andam de mãos dadas, porque a fraEspírita de Marennes, em França, que Kardec inclui na Revista Espímo: "(...) sua divisa: Fora da caridade não há salvação, pertence a todas las religiõesl; é, ao mesmo tempo, a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, em torno da qual todos





bom, nada de injusto pode querer; que não Dele, porém dos homens vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros (...) quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares". [sublinhado nosso] (Kardec 2009, 470)

Esta foi a certeza de Allan Kardec há

Esta foi a certeza de Allan Kardec há mais de um século e meio. E tem de ser a nossa certeza também enquanto espíritas, hoje e sempre.

esse Deus, soberanamente justo e

"Deus não tem limites geográficos, Deus não está condicionado a espaços sagrados e religiosos. A proposta de Jesus nessa parábola [Parábola do Bom Samaritano] é mostrar que a fraternidade precisa ser pensada além das fronteiras, das confissões religiosas, dos credos, das identidades étnicas." – Pastor Enéas – Evangélico

"Inimigos são irmãos, porque são filhos do mesmo Deus." – Irmã Aíla Pinheiro – Freira Católica

"À relação que existe entre Deus e os homens chamamos religião. À relação que existe entre os homens chamamos fraternidade. (...) A coisa mais importante é que nos amemos." – Maick – Ubuntu

Estas afirmações, de pessoas de diferentes religiões, foram proferidas no III Encontro Fraternidade Sem Fronteiras que ocorreu no Brasil, em 12 de abril de 2019, promovendo o Diálogo Inter-religioso sob o tema: "Deus além das fronteiras"¹. Esta foi uma iniciativa louvável entre muitas outras que vão ocorrendo, sobretudo desde o final do século XIX/princípio do séc. XX.

1893 marca o nascimento formal do diálogo inter-religioso no Parlamento das Religiões do Mundo. Realizado em Chicago, este evento marcou, sem dúvida, a história do diálogo inter-religioso. Foi a primeira vez que um conjunto significativo de representantes de diversas religiões se encontrou, procurando construir uma plataforma comum de diálogo e entendimento que levasse, em última instância, à construção da paz. Muitas outras iniciativas se têm seguido ao longo dos anos.

Falando de Portugal, existem em território português mais de 830

^{1.} https://www. youtube.com/ watch?v=VO-DBKloB_PY

^{2.} Programa

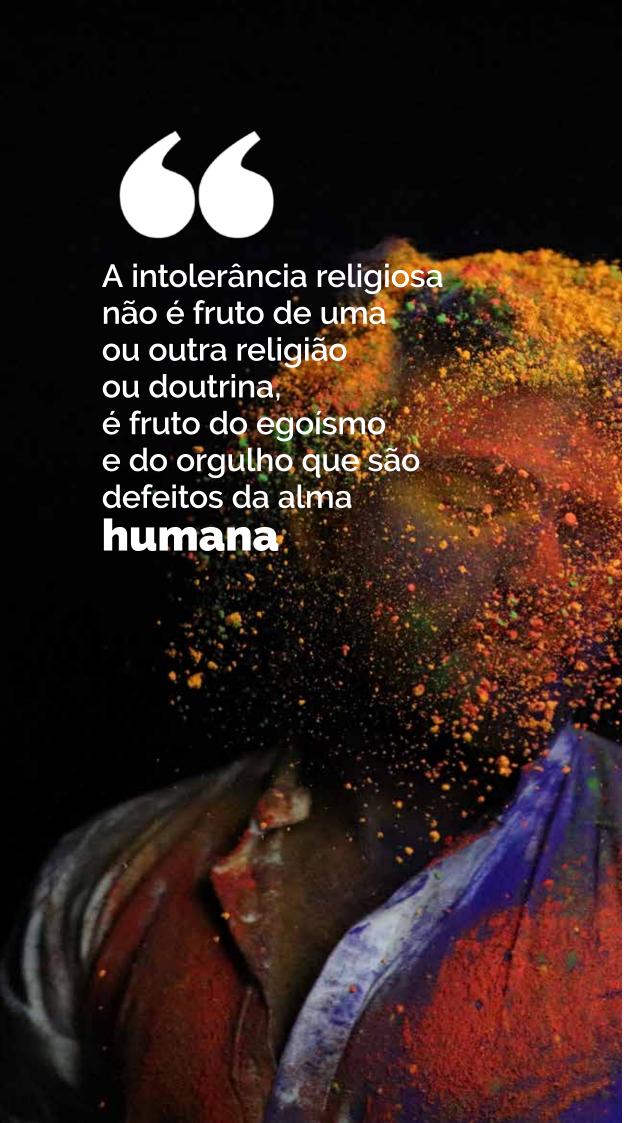
confissões religiosas registadas e 91% dos crentes dizem que não se sentem discriminados pela fé ou prática religiosa. Portugal é considerado um exemplo de tolerância religiosa e um dos países do mundo onde a lei dá mais liberdade às diferentes confissões².

"Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal (...)". [sublinhado nosso] (Kardec 2009, 471) Esta é a meta para a qual tende a Humanidade, com a certeza absoluta de que Deus existe, de que ama a todos os Seus filhos, de que todos os homens são irmãos, de que a tolerância e a fraternidade são o símbolo dos "filhos de Deus" e de que a prática do bem e do amor ao próximo são as únicas formas de cumprir as Leis Divinas, ou seja, de cumprir a vontade de Deus.

Se nós, espíritas, queremos contribuir para o progresso moral da Humanidade, comecemos pelo nosso progresso moral e, concretamente, por sermos exemplo de tolerância para com os nossos irmãos de outras crenças e mesmo para com os nossos irmãos espíritas. A exemplo de Jesus, a tolerância, nomeadamente religiosa, é dever do cristão e, portanto, do espírita.

A responsabilidade dos espíritas é imensa nesta matéria. Nós, mais do que os outros, sabemos que o Espírito é imortal e que, pela reencarnação, renasceremos consecutivamente, ora num agrupamento religioso ou filosófico, ora noutro. Ora no meio católico, ora no meio espírita, ora no meio hindu, ora no meio muçulmano, etc. A pluralidade das existências leva-nos a ter de conviver, vida após vida, com as consequências dos nossos atos. Para nosso próprio bem é urgente modificarmos as nossas

Fronteiras XXI, RTP3 (Radio Televisão Portuguesa, Canal 3), https:// fronteirasxxi. pt/religiao/



atitudes para que nas próximas encarnações não sejamos constrangidos a lidar com os resultados funestos da nossa sementeira atual.

O futuro no planeta Terra será pautado por essa tolerância, pelo clima de fraternidade entre todos, sem fanatismos, sem exclusivismos, e esses fatores farão parte inalienável do progresso moral da Humanidade. Só quando chegarmos a esse patamar de progresso poderemos então viver num mundo de regeneração.

Que sejamos nós, espíritas, promotores dessa unidade, dessa tolerância, dessa fraternidade entre credos e entre povos, entre colegas, entre vizinhos, entre familiares, entre Espíritos. Que o futuro seja pautado por essa comunhão entre TODOS os filhos de Deus! Encarnados e desencarnados, em comunhão de princípios, em comunhão de sentimentos, em comunhão com Jesus, para sempre!

Bibliografia

KARDEC, Allan, 2004. "Inauguração de vários Grupos e Sociedades Espíritas". *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos.* Brasília: FEB. (Ano 7, N. 1. (Janeiro 1864): 40-45).

KARDEC, Allan. 2009. *A Génese*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 1995. *O Livro dos Espíritos.* São Paulo: FEESP.

Fontes on-line:

https://fronteirasxxi.pt/religiao/ [consultado em 09/08/2019].

https://pt.wikipedia.org/wiki/Intoler%-C3%A2ncia_religiosa [consultado em 09/08/2019].

https://www.youtube.com/watch?v=VO-DBKloB_PY [consultado em 09/08/2019].









(Revista Espírita - outubro de 1859)

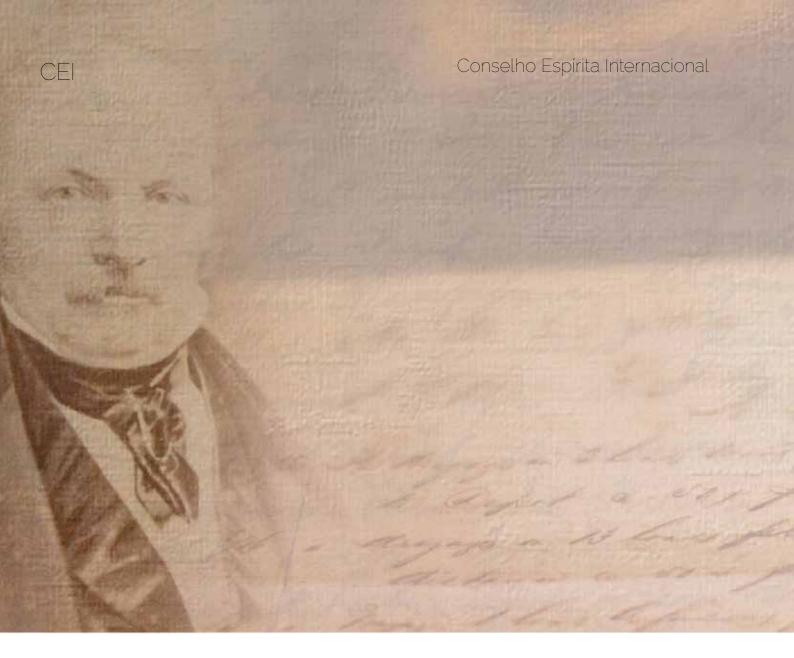
SÍLVIA **ALMEIDA***





*Sílvia Almeida

Membro da associação No Invisível – Estudos e Divulgação Espírita, Lisboa – Portugal e colaboradora da Federação Espírita Portuguesa.



É sabido que a obra fundadora do Espiritismo foi *O Livro dos Espíritos*, lançado pela primeira vez por Allan Kardec em pleno Século XIX, no dia 1 de abril de 1857.

Por esta razão, é no mínimo intrigante que o Codificador da Doutrina Espírita publique, na *Revista Espírita* de outubro de 1859, um artigo cujo título é "Sociedade Espírita no Século XVIII".

"- Como assim, no Século XVIII?" - perguntamos nós, leitores, ao pousar os olhos sobre semelhante designação. E imediatamente, com avidez, passamos do título ao conteúdo, ansiosos por esclarecer a aparente incoerência, seguros de que Allan Kar-

dec foi, para além de todas as outras qualidades reconhecidas, um excelente comunicador, dominador da técnica de conquistar, desde logo, o interesse para um assunto.

Partilhamos aqui, a matéria que a seguir é introduzida por Kardec. Trata-se de carta que tinha sido enviada por um seguidor da Doutrina e que assinalava a anterioridade dos fenómenos espíritas na sociedade francesa, muito tempo antes do ano de 1853, (data de referência comummente utilizada para assinalar a altura em que os Espíritos haviam começado a manifestar-se pelo movimento das mesas e por pancadas).

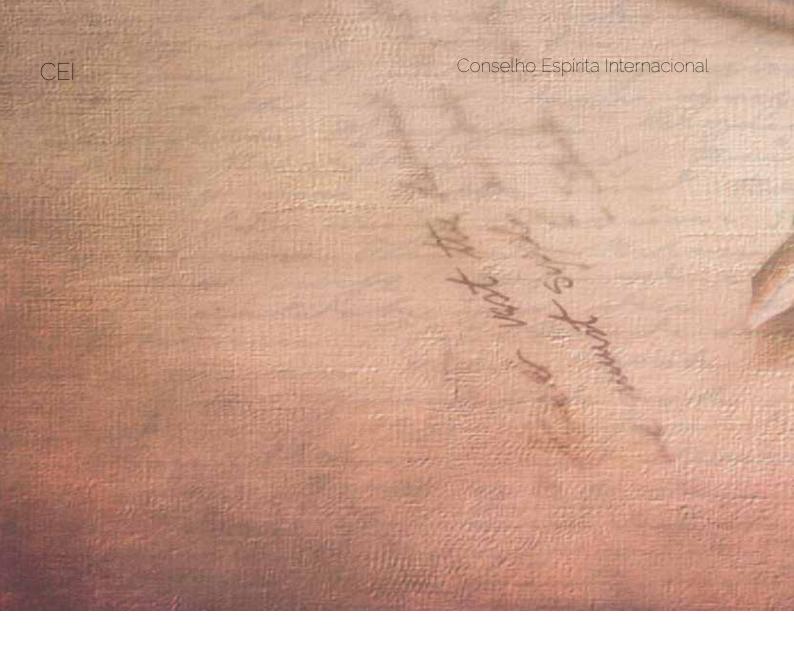


Relata então este correspondente que lendo a obra de Mercier (1740-1814)¹ foi surpreendido com um capítulo intitulado "Espiritualistas".

Mercier referia, segundo este correspondente, no 12º volume, de 1788, que: "Uma seita nova acredita no retorno dos Espíritos a este mundo. Ouvi várias pessoas que estavam realmente persuadidas de que há meios para os evocar. Estamos rodeados por um mundo que não percebemos. À nossa volta estão seres dos quais não fazemos a menor ideia; dotados de uma natureza intelectual superior, eles nos veem. Não há vazio no Universo: eis o que asseguram os adeptos da ciência nova.

1. Mercier, mais concretamente Louis Sébastien foi um dramaturgo e escritor francês que, entre 1781 e 1788, publicou uma série de 12 volumes intitulada "Tableau de Paris" (quadro de Paris).

Esta obra é uma espécie de um guia crítico da cidade de Paris, reunindo descrições e observações, acompanhadas por ilustrações, pretendendo traduzir a fisionomia física e moral da cidade na sua época - uma imagem geral do que existia à sua volta, histórica e sociológica, que contempla a moral e os costumes e as suas opiniões contra o Antigo Regime.

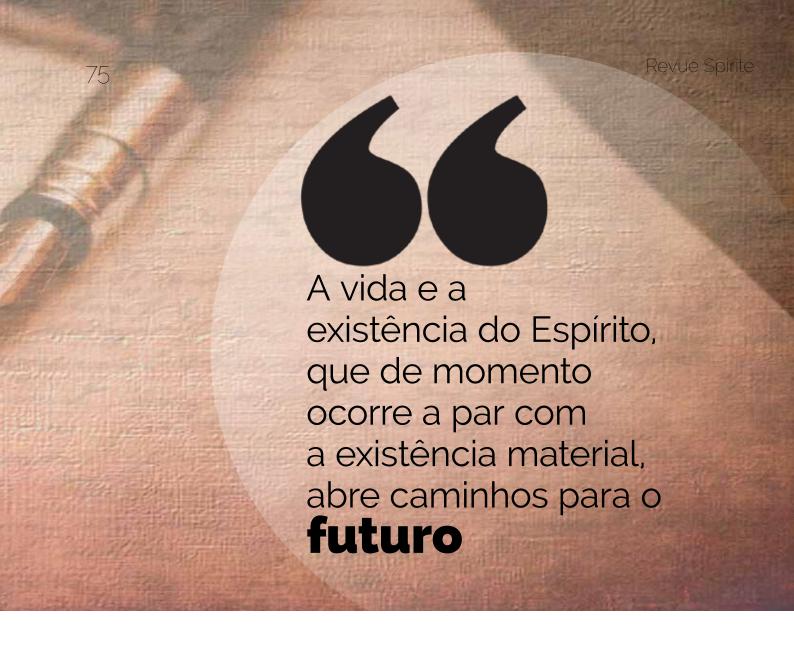


Assim, a volta das almas dos mortos, aceita em toda a Antiguidade, (...) é hoje aceita por homens que não são nem ignorantes, nem supersticiosos. (...) Aristóteles diz que os Espíritos aparecem frequentemente aos homens por necessitarem uns dos outros. Não me refiro aqui senão ao que nos dizem os partidários da existência dos gênios.

Se acreditamos na imortalidade da alma precisamos admitir que essa multidão de Espíritos pode manifestar-se depois da morte. Entre essa imensidade de prodígios de que estão cheios todos os países da Terra, se ocorrer um só, a incredulidade será um contrassenso. Creio, portanto, que não haveria menos temeridade em negar do que em sustentar a verdade das aparições. Estamos num mundo desconhecido." (Kardec 2004, 410)

A este relato de Mercier, que chega a Allan Kardec por meio desta correspondência, o Codificador acrescenta as seguintes observações:

"Prova que, desde aquela época, homens recomendáveis pela inteligência se ocupavam seriamente com a Ciência Espírita." E que "não é certo dizer que as evocações foram interrompidas até 1853. Cerca dessa última



época, é verdade que as manifestações tiveram o maior desenvolvimento, mas está provado que elas nunca cessaram. Em 1818, tivemos em mãos uma notícia manuscrita sobre a Sociedade dos Teósofos, (...) a qual pretendia que, pelo recolhimento e pela prece, era possível entrar em comunicação com os Espíritos. (...) Desde o ano de 1800 o célebre Abade Faria², de acordo com um cónego seu amigo, antigo missionário no Paraguai, ocupava-se com evocações e obtinha comunicações escritas. Diariamente ficamos sabendo de algumas pessoas que as obtinham em Paris, muito antes que se cogitasse dos Espíritos na América.

2. O abade Faria (1756-1819) nasceu em Goa, na Índia, formou-se em Teologia, em Roma, foi professor de Filosofia em Marselha e Nimes. Iniciado na prática do magnetismo animal pelo marquês de Puységur, chegou a abrir em Paris, no início do Séc. XIX, um gabinete de magnetizador, onde praticava a hipnose por sugestão. Nos últimos anos de vida foi capelão num convento. O célebre romancista e dramaturgo francês Alexandre Dumas (1802-1870) conheceu-o em Marselha e inspirou-se nele para criar a personagem "Edmond Dantès", que era um abade prisioneiro numa ilha ao largo de Marselha, na obra O Conde de Monte Cristo.



A verdade

é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado Mas convém esclarecer que antes dessa época todos aqueles que possuíam tal conhecimento faziam mistério. Hoje, que é do domínio público, ele se vulgariza. Eis toda a diferença." (Kardec 2004, 410)

Constituindo uma lei da Natureza, a existência dos Espíritos e, consequentemente, de uma essência espiritual no ser humano encarnado num corpo material, os fenómenos mediúnicos, em que a existência dessas inteligências extra-materiais se manifestavam têm que ter existido desde todos os tempos. Aliás, Revista Espírita está repleta da abordagem desses exemplos, que remontam à mais remota Antiguidade, e respetivas ilações. Kardec considera que todos eles apenas comprovam a veracidade da ideia, que "não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério". Por conseguinte, a antiquidade dessa doutrina, longe de constituir uma objeção, é antes uma "prova a seu favor."3

De resto, o Espiritismo apenas apresenta essa doutrina "de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despindo-a de todos os acessórios da superstição." (Kardec 2013, 144)

Cumpre completar esta afirmação com uma questão, também formulada (por outras palavras) por Allan Kardec, e que pode ser traduzida no seguinte raciocínio: se as manifestações dos Espíritos são de todos os tempos, porque é que só no Séc. XIX é que o Espiritismo as vem clarificar, à luz da razão, oferecendo uma explicação despojada, promovendo a sua compreensão e aceitação plenas?

A resposta: "Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado.

Jamais permitiu Deus que o homem recebesse comunicações tão completas e instrutivas como as que hoje lhe são dadas. 3. Ver Kardec, "O Livro dos Espíritos", Cap, V,

uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que, aos seus olhos, eram tidos por profanos. Pelo que conheceis das leis que regem estes fenómenos, deveis compreender que esses indivíduos apenas recebiam algumas verdades esparsas, dentro de um conjunto equívoco e, na maioria dos casos, emblemático. Entretanto, para o estudioso, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião, que seja desprezível, pois em tudo há gérmenes de grandes verdades que, se bem pareçam contraditórias entre si, dispersas que se acham em meio de acessórios sem fundamenção.

Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. Na antiguidade, era objeto de estudos misteriosos, que cuidadosamente se ocultavam do vulgo. Hoje, A sociedade atual, plena de conflipara ninguém tem segredos.

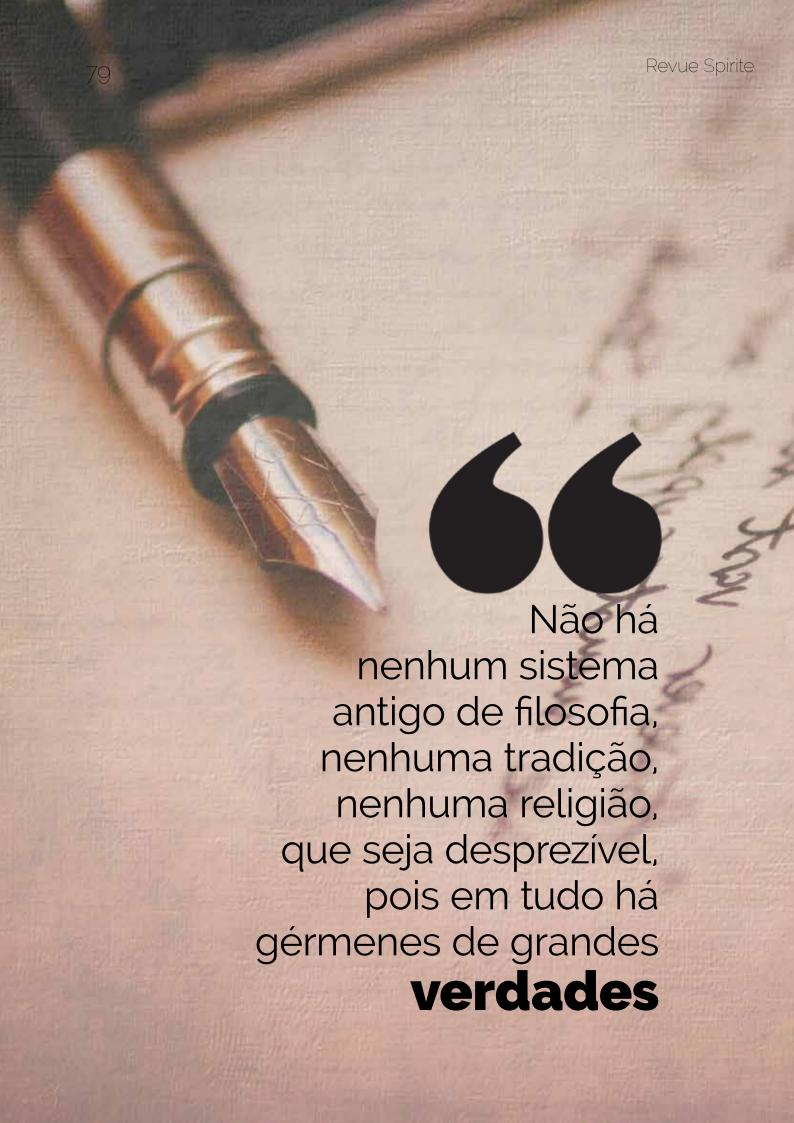
Havia, como sabeis, na antiguida- Fala uma linguagem clara, sem amde alguns indivíduos possuidores biguidades. Nada há nele de místico, do que eles próprios consideravam nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações.

> Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade." (Kardec 2013, 467)

> Os fenómenos espíritas são, portanto, de todas as épocas. Nem sempre explicados à luz da razão, aliás, normalmente atribuídos ao sobrenatural, encontram na Doutrina Espírita, no momento certo, a forma de se afirmarem, de se exporem à vista de todos, para que sejam estudados, analisados, comparados e, por fim, explicados.

Se os fenómenos são de todos os to, facilmente coordenáveis se vos tempos, aqueles que medeiam a sua apresentam, graças à explicação concretização, os médiuns, também que o Espiritismo dá de uma imensi- o são. Aliás, não poderia ser de oudade de coisas que até agora se vos tra maneira, se considerarmos que a afiguraram sem razão alguma e cuja mediunidade é uma faculdade hurealidade está hoje irrecusavelmente mana, natural. Desde que existe o demonstrada. Não desprezeis, por- homem sobre a Terra; desde as sotanto, os objetos de estudo que es- ciedades mais primitivas até à atuases materiais oferecem. Ricos eles lidade, sempre houve aqueles que são de tais objetos e podem contri- foram capazes, de modo mais conbuir grandemente para vossa instru- creto e ostensivo, de ter uma perceção mais ou menos clara do plano espiritual e, consequentemente, a possibilidade de servirem de elo de ligação/ comunicação entre os dois

tos de toda a espécie e com as suas





A consciência da imortalidade

do ser que somos, faz cair definitivamente a ilusão da exclusividade do agora material contradições, oferece, ainda assim, a todos os interessados em descortinar a verdade, pode trás do véu lançado pelo materialismo (e pelas ideias de viver intensivamente o momento presente como se o amanhã nunca chegasse a ter lugar), um manancial inesgotável de estudo e reflexão.

A vida e a existência do Espírito, que de momento ocorre a par com a existência material, abre caminhos para o futuro.

O hoje nunca mais será apenas o hoje, mas sim um momento presente que se propaga no amanhã.

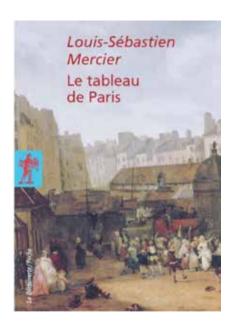
A consciência da imortalidade do ser que somos, faz cair definitivamente a ilusão da exclusividade do agora material e projeta-nos em sonhos e propostas que se prolongam, com ou contra a nossa vontade, num futuro espiritual, afastado da matéria mais grosseira dos corpos e atividades terrestres.

O sol da espiritualidade, uma vez descoberto como caminho para a alma reencarnada, enche as vidas de propósitos e metas, mostrando que a evolução e a felicidade se constroem e se concretizam, passo a passo no presente, mas plenas de ambições para um futuro mais sorridente.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2013. *O Livro dos Espíritos.* Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2014. "Sociedade Espírita no Século XVIII". *Revista Espírita*. Brasília: FEB. [Ano 2, N. 10, (outubro 1859): 409-412].







A Geração Nova Espiritismo com Crianças e Jovens



SANDRA BORBA*





*Sandra Borba Pereira Doutorada em Fundamentos da Educação. Escritora, expositora e evangelizadora espírita, é ex-presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte. Coordenadora adjunta de Infância da área de Evangelização Infantojuvenil pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira.





Resumo

Se nos sentarmos hoje diante de qualquer aparelho de mídia, teremos a certeza de que vivemos num mundo onde, de modo generalizado, qualquer coisa é motivo para desavença, para agressão e até mesmo para a morte de alguém.

Do ponto de vista da Doutrina Espírita, não é surpreendente, porque afinal vivemos num mundo de expiações e provas e, como tal, temos ainda como característica a predominância do mal e um dos desdobramentos do mal é a maneira como nos relacionamos uns com os outros. E a situação é tão grave e séria que essas manifestações do egoísmo estão cada vez mais legitimadas, de tal forma que a criatura mais gentil passa a ser uma raridade.

No entanto, os estudos recentes mostram-nos que a gentileza faz parte da essência humana e que salvar e cuidar é, genericamente, a primeira reação do ser humano.

Com base nestas conclusões e nos ensinamentos espíritas, procuraremos demonstrar neste artigo o poder da gentileza e a responsabilidade de cada um em transmiti-lo por exemplos seguros às gerações mais novas.

Palavras-chave Gentileza, Fraternidade, Virtude, natureza humana.

mmanuel nos diz que quando vivemos a gentileza, estamos a incentivar, a planejar e a colaborar com o advento do espírito de fraternidade entre nós.

Existem diversos grupos, em diver-

sas nações do planeta, que buscam divulgar em seus territórios as propostas de uma conduta humana baseada no respeito, na fraternidade e na promoção do outro. Esses grupos começaram-se a reunir em 1997, com especial destaque para uma grande reunião realizada em Tóquio, no Japão. Na sequência dessa reunião, no ano 2000 foi definido o dia 13 de novembro como o Dia Mundial da Gentileza. Este dia tem como finalidade maior estimular as pessoas a um bom relacionamento.

Mas a gentileza não diz apenas respeito a um comportamento social de "civilidade". Esse dia vem exatamente ao encontro de uma necessidade - especialmente num mundo cheio de violência e de desrespeito – de chamar a atenção para aquilo que faz parte da nossa condição humana natural, que é sermos gentis e cuidadosos uns com os outros. E como diz o teólogo Leonardo Boff (1938 -), se hoje há tanta ausência de evidência da gentileza, é porque o mundo se caracteriza, socialmente falando, pelo desrespeito, pela violência e pela intolerância.

Se nos sentarmos hoje diante de qualquer aparelho de mídia, teremos essa certeza de que vivemos, de fato, num mundo onde de modo generalizado qualquer coisa é motivo para desavença, para agressão e até mesmo para a morte de alguém.





Do ponto de vista do que a Doutrina Espírita ensina, não é surpreendente, porque afinal vivemos num mundo de expiações e provas e, como tal, temos ainda como característica a predominância do mal. E um dos desdobramentos do mal é exatamente a maneira como nos relacionamos uns com os outros. E a situação é tão grave e séria que essas manifestações do egoísmo profundo estão cada vez mais sendo legitimadas por grupos que aplaudem esse formato de violência, de intolerância e de desrespeito, de tal forma que a criatura mais gentil passa a se tornar uma raridade.

Peguemos no termo gentileza, que tem diversas origens etimológicas, uma delas vinculada à tradição romana, o *gen* - a família, a tribo, o clã. Por exemplo muita gente não gostava, à época, que Paulo fosse chamado apóstolo dos *gen*tios, porque parecia que queriam ampliar essa noção de familiaridade e de pertencimento, que o preconceito não permitia.

Mas há uma outra noção de *gen* que diz respeito a trazer à luz, trazer a lume. Significaria que o ato de gentileza representa apresentarmos ou expressarmos o que há de luz em nós.

Então, a palavra gentileza não é só vinculada a um trato bom: bom dia, boa tarde, pode sentar, por favor, muito obrigada (as conhecidas palavras ou expressões mágicas), mas começa a se expandir, alcançando inclusive os sentidos de fraternidade, solidariedade, carinho e ternura.

Para alguns estudiosos, então, ela é considerada como a condição natural humana, e não exatamente uma condição só aprendida. Claro que nós também aprendemos a ser gentis, mas é preciso cuidado para não confundir a gentileza formatada com a gentileza virtude. É que a gentileza formatada é aquela que se aprende desde cedo, aquela que se exprime por determinadas condutas de cortesia e é um erro achar que ser gentil é ser cortês. O chamado comportamento cortês era aquele que ocorria na corte, uma série de exigências relativamente ao comportamento dos nobres.

O que é então a gentileza? É principalmente uma virtude, e como virtude, está em gérmen em nós e pode e deve ser desenvolvida. No entanto, para ser desenvolvida, a primeira exigência é que aquele que a pratica, que a vivencia se afaste do que a Doutrina Espírita indica como a maior chaga da humanidade - o egoísmo.

O que caracteriza alguém gentil é principalmente o sentimento de altruísmo, ou seja, de querer ver o outro, de ter a percepção do outro, de querer promover o outro. Então, o altruísmo é a grande base de uma atitude ou de uma convivência em que a gentileza predomina entre as criaturas. Quando evocamos, por exemplo, o próprio Mestre Jesus, vamos ver as suas manifestações de gentileza, especialmente com os excluídos, com aqueles que sofriam os processos de discriminação, de exclusão. Vamos vê-lo elogiando o centurião romano, que também era gentil porque se preocupava com o seu servo que estava doente. E é Jesus quem dirá que o centurião foi o maior exemplo de fé que ele encontrou.

Jesus diz à turba que se prepara para apedrejar a mulher adúltera que aquele que estivesse sem pecado atirasse a primeira pedra. E quando todos se afastam, ele fica com a mulher, olha para ela e a trata com gentileza. "Mulher, ninguém te condenou?" "Não, senhor", "Eu também não te condeno. Vai e de futuro não tornes a pecar!"

A gentileza não atende apenas com cordialidade, mas quer promover o indivíduo, quer que ele se eleve e alcance outros patamares.

Jesus, em todos os momentos, promove a criatura. Ao entrar na casa de Zaqueu, ele vai dizer que ali entrou a salvação, porque aquele também era filho de Abraão, sem exclusões. Da mesma forma, ao se encontrar com a mulher samaritana, que é deselegante com ele, olha para ela e pede de beber. Ele usou toda a sua psicologia feminina para conversar com ela e então ela vai à aldeia, faz toda aquela propaganda e ele permanece inclusive alguns dias na Samaria.



O que caracteriza alguém gentil é principalmente o sentimento de altruísmo, ou seja, de querer ver o outro, de ter a percepção do outro, de querer promover o outro





Jesus é o exemplo dessa promoção da criatura humana; é o exemplo daquele que acolhe e trata bem; é aquele que ora inclusive pelos que o perseguem, que o caluniaram, pelos seus algozes, pela multidão, pelos seus discípulos, por si mesmo, para ter a força necessária. Ele representa para nós o símbolo maior dessa atitude de gentileza perante a vida.

Por seu lado o apóstolo Paulo, seguindo o exemplo de Jesus, em suas epístolas, nomeadamente a Epístola aos Gálatas, estimula bastante o tratamento entre os irmãos de forma benevolente, com magnanimidade, com afabilidade.

Fora do âmbito religioso vamos encontrar, por exemplo, o francês Blaise Pascal (1623-1662), o grande inventor da máquina de calcular, que criou, certa feita, uma expressão para designar o que seria exatamente a gentileza. Ele vai falar do chamado espírito de geometria e do espírito de finesse. O espírito de finesse é exatamente o espírito de gentileza. Ele dizia que o espírito de geometria e o espírito de gentileza, de finesse, eram fundamentais para a existência humana. Só que ele vai afirmar que o espírito de geometria corresponde à razão exata, à exigência, à lógica, enquanto o espírito de finesse levava à concórdia, à possibilidade de diálogo, de acolhimento e de superação. Esta era uma contradição necessária à vida. Há momentos em que temos que utilizar essa razão lógica, exata, mas há outros em que precisamos da abertura ao novo, da possibilidade de negociação, de diálogo, de superação.

A autora Misa Ferreira faz uma síntese muito interessante dessa diferença: "Colocando as coisas de outra maneira, poderíamos dizer que espírito de gentileza é o perdão, e o espírito de geometria é a dureza do coração. O medicamento no hospital é o espírito de geometria, e a visita de quem ora pelos doentes, é o espírito de gentileza; espírito de geometria é o professor que não considera uma possibilidade diferente na resposta do aluno, o espírito de gentileza é o professor que resgata um aluno perdido. O espírito de gentileza é a compreensão e o espírito de geometria é o julgamento. Espírito de gentileza é a compaixão e o espírito de geometria é a indiferença. O espírito de gentileza é a solidariedade e o espírito de geometria é o egocentrismo. A ciência seria a geometria e a espiritualidade a gentileza."

1 Ver em https://conexaoitajuba.com.br/ esprit-de-geometrie-e-esprit-de-finesseas--expressoes-sao--francesas-e-de--blaise-pascal--um-genio-da--matematica-inventor-da-maquina-de-calcular--filosofo-e-mais--um-tanto-de--coisas-que-so--os-genios/

A gentileza realmente traz incontáveis benefícios na vida em sociedade. A atitude gentil no lar traz harmonia ao lar, na instituição de trabalho e no meio social é capaz de evitar problemas graves e promover coisas muito positivas.

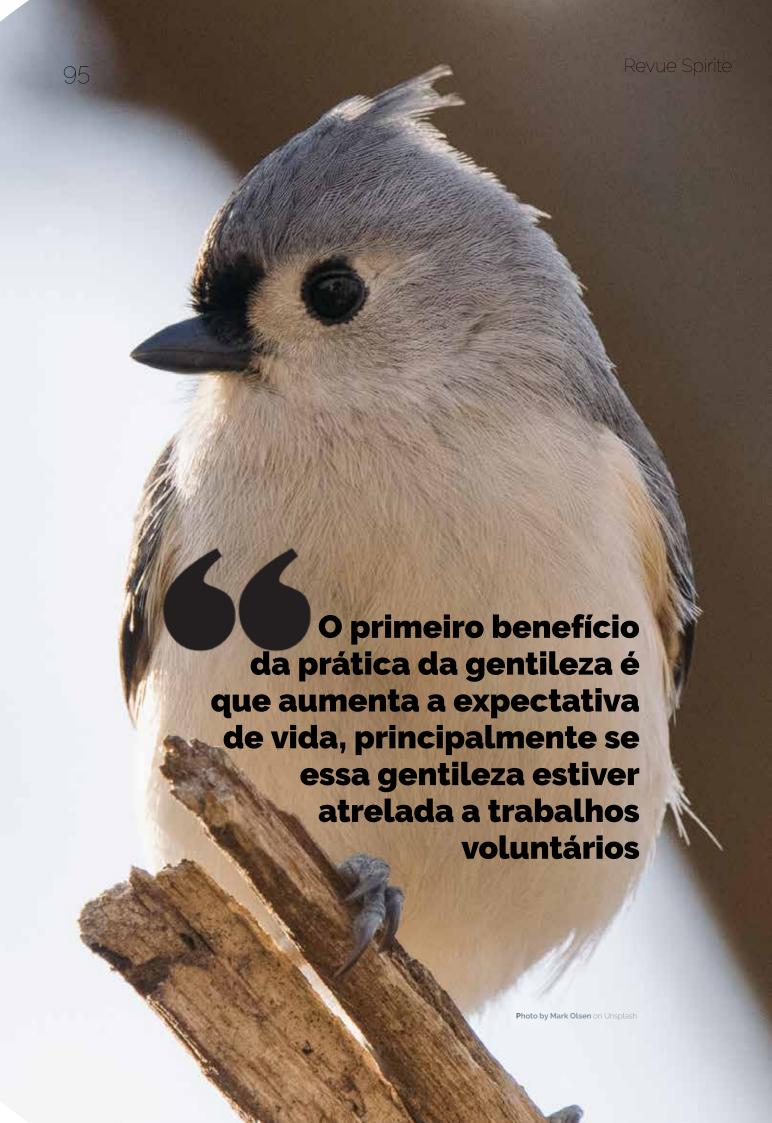
Para o indivíduo, o primeiro benefício da prática da gentileza é que aumenta a expectativa de vida, principalmente se essa gentileza estiver atrelada a trabalhos voluntários. Pessoas irritadas, mal-agradecidas diante da vida, agressivas, têm muito mais propensão a desencarnar, segundo pesquisas de grandes universidades que estudam os impactos da atitude gentil, não apenas sob o ponto de vista social, mas principalmente sob o ponto de vista individual.

O segundo benefício é que melhora a saúde cardíaca. Trocar abraços, expressar carinho, do ponto de vista bioquímico libera a ocitocina, que é conhecida como o hormônio do amor ou a substância do carinho, que nos possibilita uma sensação de felicidade. Uma das consequências da gentileza é que aquele que a presencia ou que a recebe tem um *upgrade* de qualidade emocional.

Terceiro ponto: alivia a ansiedade e retarda qualquer processo de depressão. Os estudos aos quais nos referimos anteriormente mostram que pessoas com ansiedade deveriam realizar pelo menos seis atos de gentileza por semana. Fazendo um acompanhamento verificaram como resultados a melhoria dos relacionamentos, a redução do isolamento social e, principalmente, a promoção de um sentimento de gratidão pela vida e de compaixão pelo próximo. A gratidão hoje é uma emoção extremamente estudada e chamada emoção preventiva, enquanto os processos de mau humor, de indiferença, de agressividade, têm um resultado oposto.

Um outro benefício está na diminuição da dor, não só dores emocionais, mas também as dores físicas - é um analgésico natural.

Outro aspeto importante é que aumenta a felicidade. Um estudo da Universidade de Harvard em 136 países chegou à conclusão de que as pessoas altruístas são mais felizes, porque também há uma grande liberação de dopamina.





Aquele que consegue ter uma vivência com maior gentileza consegue também se sentir mais forte, mais calmo e com mais energia.

Finalmente, diríamos, a gentileza é contagiosa, porque até quem apenas lê ou apenas presencia a gentileza, se sente, de alguma forma, melhor.

Então, podemos afirmar, com certeza, que esses estudos, essas preocupações que chegam ao campo da ciência, correspondem à busca da nossa verdadeira essência humana. Porque se nós essencialmente nascemos para ser gentis (e alguns testes mostram que a nossa primeira reação geralmente é cuidar e salvar, como se isso fosse alguma coisa inevitável, fundamental), então essa é a nossa essência, que nos cabe desenvolver, exercitar, como qualquer outra virtude. Busquemos primeiramente reprimir determinadas reações que temos. Existe dentro de nós aquele ímpeto de reação agressiva, de indignação, de gestos violentos.

O cultivo da gentileza se torna uma necessidade urgente para que nos possamos cada vez mais humanizar. A gentileza é como se fosse uma irradiação de cuidado e de ternura. Quando observamos as cenas que a vida nos apresenta, do carinho materno e paterno, do carinho entre pessoas, isso nos comove, porque nos mostra essa dimensão do humano que atinge, de fato, a sua essência.

Emmanuel e muitos outros Espíritos afirmam categoricamente que a gentileza é uma manifestação da caridade, da amorosidade. E quando estamos tentando vivenciar, tentando nos educar, estamos no esforço de transformação moral, no esforço de buscarmos ser melhores hoje do que ontem e, consequentemente, amanhã melhor do que hoje. Claro que não é fácil, mas que possamos aprender fazendo inicialmente exercícios pequenos, como por exemplo, dar um "bom dia", "boa tarde", "boa noite", pedir desculpas, um "com licença" ou "muito obrigado". Tudo isso é importante, porque vai fortalecer entre nós os vínculos interpessoais, auxiliando o estado de bem-estar, aumentando a nossa capacidade de resiliência no meio social, reduzindo o nosso estresse e prevenindo a nossa tendência depressiva.

O Dr. Richard Davidson, PhD em neuropsicologia e pesquisador da área de neurociência afetiva da Universidade de Harvard, diz² "A base de um cérebro saudável é a bondade", "A compaixão é um estado superior de empatia, pois há um compromisso e há, principalmente, a busca de ferramentas para aliviar o sofrimento do outro" e "A gentileza e a ternura se podem treinar em qualquer idade" e deverão ser estimuladas nas nossas crianças e adolescentes. Ele é o coordenador do projeto Mentes Saudáveis.

Já não é somente a Doutrina Espírita que nos ensina que fomos criados simples e ignorantes, destinados à perfeição. Já temos grupos de estudiosos, de pesquisadores que conseguem ver essa nossa condição de sermos bons, de sermos propensos à bondade. Porque sempre que somos egoístas, que tratamos mal alguém, no lar, no ambiente de trabalho, na Casa Espírita, na sociedade, a primeira reação negativa é sentida por nós mesmos.

Num mundo de regeneração não há espaço para o desrespeito, nem para a violência. Exercitemos, então, essa capacidade que nos é inata, adormecida pelo nosso egoísmo, pelo nosso orgulho, pela nossa vaidade, pelas dificuldades que a vida nos apresenta. E aprendamos que é nesse exercício de superação que recuperamos a nossa essência espiritual, a fim de tornar a nossa vida e a dos que estão conosco numa vida melhor, num mundo em que seja possível viver a amizade, o respeito e, principalmente, a condição de olhar para o outro no verdadeiro sentido da palavra fraternidade.

Allan Kardec, em *Obras Póstumas* diz-nos categoricamente que "A fraternidade é a base de uma nova ordem social". No dia que nos entendermos como irmãos, nos diz Kardec, aí estará então todo o caminho para a construção de um mundo de paz, onde reine a concórdia e o amor. Qualquer que seja a nossa epiderme, a nossa condição evolutiva momentânea, a nossa compreensão, no mundo somos todos irmãos, originários da mesma fonte, que é a fonte divina.

2 Ver https://
idcuberaba.
com.br/blog/
a-base-deum-cerebrosaudavel-ea-bondadee-pode-setreinar-isso/







Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje

Mensagem psicográfica transmitida na FEB em 15 junho 2023 Médium Marta Antunes Espírito Meimei

Evan geliza ção



O divulgador,
pregador ou estudioso
da Boa Nova, aprende e
se esforça para exemplificar a mensagem de Amor
ensinada e vivenciada
pelo Cristo de Deus



O trabalho de Evangelização não se limita à transmissão de instruções relacionadas ao Evangelho de Jesus às crianças, aos jovens e aos adultos de todas as faixas etárias. Não se reduz, igualmente, às preleções que exaltam a inigualável beleza da mensagem cristã, as quais, por serem inspiradoras emocionam milhares de pessoas.

Isso é evangelismo!

Evangelização extrapola o evangelismo, visto que o divulgador, pregador ou estudioso da Boa Nova, aprende e se esforça para exemplificar a mensagem de Amor ensinada e vivenciada pelo Cristo de Deus.

Sem dúvida, o verbo emocionante das pregações detém o poder de arrastar e converter multidões ao Cristianismo. No entanto, a conversão por si, não é suficiente. É preciso que o Espírito se transforme para melhor, por meio da autoevangelização.

Converter-se a determinada interpretação religiosa, como o Cristianismo, indica compromisso de conhecer os seus conceitos e interpretações, refletindo-se a respeito deles. Tal empreendimento, no entanto, nem sempre é suficiente para tornar o ser humano melhor, cumpridor dos deveres morais definidos na reencarnação: para consigo mesmo e para com o próximo.

A ação evangelizadora ocorre portas adentro do ser, que se esforça por trabalhar intimamente o próprio aperfeiçoamento, moral e intelectual. É compromisso permanente do Espírito imortal, desenvolvido ao longo das múltiplas existências físicas e extrafísicas.

Optemos, assim, irmãos em Jesus, para sempre seguir o Cristo, conhecendo e divulgando as suas lições imorredouras, mas estejamos atentos para realizar a evangelização da própria alma, vivenciando o Evangelho cotidianamente, onde, como, quando e com quem estivermos.

Somente assim aprenderemos a ser não apenas servos, mas amigos do Senhor Jesus.¹

Photo by Marek Piwnicki on Unsplash

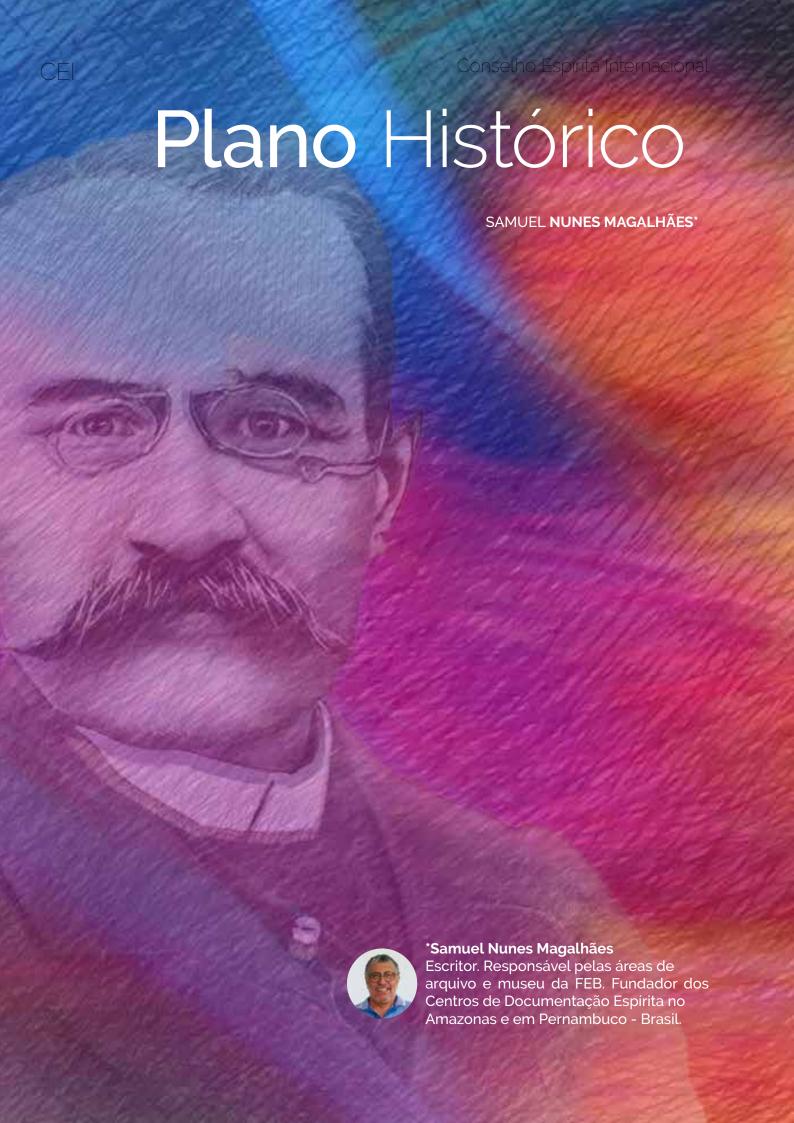
^{1.} Meimei faz alusão a uma fala de Jesus ocorrida durante a Última Ceia, e que consta em João, 15:15: Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; mas Eu vos tenho chamado amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai Eu compartilhei convosco,



A ação evangelizadora

ocorre portas adentro do ser, que se esforça por trabalhar intimamente o próprio aperfeiçoamento, moral e intelectual





107 Revue Spirite



A ilustre voz da **filosofia espírita**





anuto Abreu¹, há pouco mais de um século, visitou Léon Denis².

A convite da revista paulistana A Centelha, de abril de 1945³, Canuto escreveu a respeito do momento inesquecível. A sua ágil pena, com visível emoção, traçou breve perfil daquele que é – outro não o igualou – a mais ilustre voz da filosofia espírita, exaltando a sua brandura, a sua delicadeza, a sua dedicação ao Espiritismo.

Tours, anota de início, estava sob frio intenso; o inverno a deixava brumosa; e se bem não fosse noite, a cobriam escuros precoces, tangidos pelas luzes públicas.

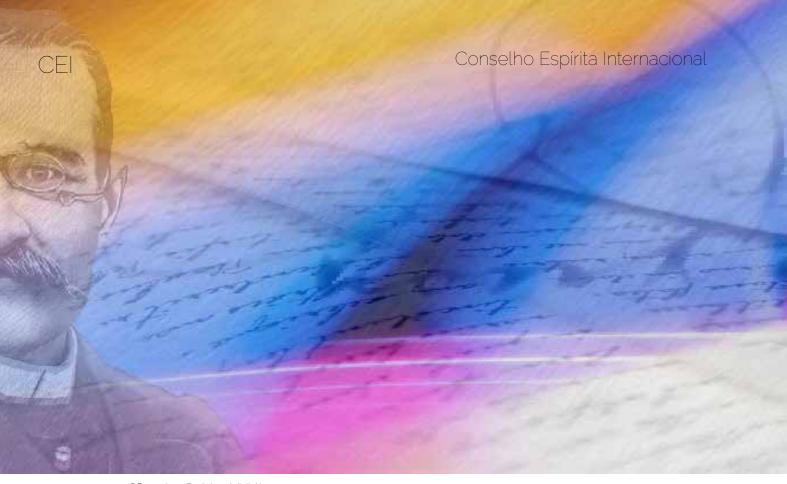
E ali, em feliz iniciativa, Canuto Abreu privaria com o admirável Léon Denis. Era, então, 6 de janeiro de 1922.

Leiamos, Canuto:

"Quando o auto estacou barulhento à porta da casa, na Place des Arts 19, estava uma senhora a entrar. Parou a ver guem chegava e foi minha gentil introdutora. Conquanto informado por uma carta de Jean Meyer⁴ duma próxima visita minha, Léon Denis não me aguardava naquele dia. De propósito cheguei a Tours sem outro aviso para não dar ao venerando mestre o incômodo de me esperar em dia certo. A casa estava com algumas visitas. Falava-se alto lá dentro, como em controvérsia. A senhora, que me fez entrar a seu lado, deixou-me à entrada com Mademoiselle Georgette, dedicada caseira de Denis. E, enquanto esta me ajudava a despir o sobretudo, ela varou a sala vizinha para me anunciar. A conversa animada cessou de súbito. Um moço alto e magro espiou à porta, curioso. Logo outro senhor apareceu, vindo a meu encontro. Quando acompanhado por ele entrei na sala da palestra, surgiu diante de mim um velho de longas barbas, tendo ao lado a mesma senhora que me fizera entrar na casa. Eu esperava um homem forte, alto, altivo, de bigode à Clemenceau⁵ e Pince-nez⁶. Assim minha imaginação o fazia, pelo retrato em busto que ele me enviara em 1915.

Ali estava, porém, um homem de estatura meã, delicado de corpo, de longas barbas brancas em flâmula de duas pontas, cabeça meio pendida para a frente e para o coração. Estendeu-me a destra com um sorriso acolhedor. Avancei comovido ao

- 1. Sylvino Canuto Abreu (1892 1980) Escritor, médico, advogado e historiador brasileiro, destacado pioneiro do Espiritismo. Devemos à sua dedicação e esforço, valiosos trabalhos sobre a História do Espiritismo.
- Léon Denis (1846 1927) Natural da aldeola de Foug, residia, à época da visita, na cidade Tours, França.
- 3. A Centelha Periódico lançado, de início, como jornal, hoje, fora de circulação. Publicou seu primeiro número em 1 de janeiro de 1939, São Paulo (SP).
- 4. Jean Meyer (1855 1931) De origem suíça, mudou-se para Paris, França. Detentor de largos recursos materiais, dedicou-se à divulgação do Espiritismo. Escritor, filósofo e pesquisador dos fenômenos espíritas, foi diretor-proprietário da Revue Spirite, fundada por Allan Kardec, de 1916 a 1931.
- 5. Georges Benjamin Clemenceau (1841 1929) Estadista, médico e jornalista francês, usava fartos bigodes. Primeiro-ministro da França, de 1906–1909 e 1917–1920.
- 6. Pince-nez ou Pincenê modelo de óculos desprovido de hastes, fixava-se à ossatura do nariz como uma pinça, em tradução literal alicate. Muito usado entre o século XV e o início do século XX.



S Barros, Leon Denis (2023) digital image

seu encontro. Foi estreito e afetuoso o amplexo que me deu. Lembro-me que meu coração batia fortemente e sua barba roçava meu rosto quando ele disse distintamente: – Mon cher ami! Antes e depois desse encontro ouvi de muitos lábios a mesma expressão de amizade, tão comum na França. Nenhuma, entretanto, ficou gravada tão indelevelmente na minha lembrança."

Muito conhecida dos espíritas é a fisionomia de Léon Denis. Em toda parte, e muito amiúde, damos com suas imagens; nos livros, nos jornais, nas revistas, nas páginas da Internet. Mais que isso, porém, vê-lo pela retina de quem o teve tão perto, é colocar-se na presença do nobilíssimo Apóstolo do Espiritismo.

Canuto Abreu, ao descrevê-lo, vai para além da mudez dos retratos.

Detalha aspectos de sua aparência, às vezes não refletidos nas fotografias – estatura, barba, postura, compleição – e revela-nos nuances não captadas pelas objetivas mecânicas – a alegria do sorriso, o afeto do abraço, a emoção do instante, a música do mon cher ami, esta última, como nunca ouvira na França.

Homem generoso, altruísta, de santos ideais, convertera a sua moradia em estância espiritual, terrena oficina dos Espíritos Superiores. Diariamente, espíritas e curiosos, atraídos por suas notáveis palestras ou, tão só, à cata de auxílio, o buscavam. Acerca dessa rotina – doce rotina –, contanos, noutra hora, Canuto Abreu:

"Sua casa em Tours era bem um templo espírita, aonde diariamente chegavam forasteiros e conterrâneos à cata de socorros espirituais. As sessões, que presidia, eram disputadas; suas palavras, recolhidas com carinho; seus discursos, resumidos e transmitidos pelo telégrafo; sua colaboração, reclamada pelas revistas de sucesso".

Conhecer algo dos esforços desse ardoroso missionário, convoca-nos

Revue Spirite

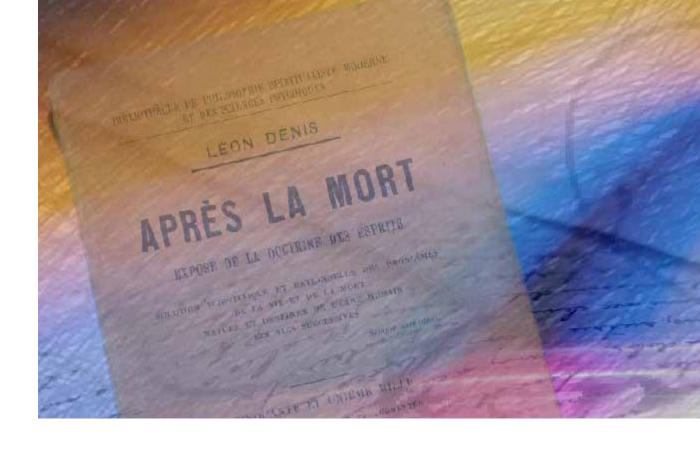
A vida não é uma ironia da sorte nem o resultado de um acaso estúpido, mas a consequência de uma lei justa e equitativa, abrindo-vos as perspectivas radiosas do futuro

à leira do Espiritismo. Desfrutar da sua companhia, ainda que à distância, nas folhas do ontem, tomadas de empréstimo às alheias memórias, é bênção radiosa. Edificados em seus testemunhos – de fé, de amor, de abnegação – movemo-nos, instintivamente, para o Alto.

Voltemos a Canuto Abreu:

"Sentado a seu lado, depois das apresentações aos presentes, conversamos longamente. Era ele o mais indagador. Inquiria, perguntava, interpelava. Levou o assunto para a doutrina espírita no Brasil. Sua divulgação, seu caráter cristão, suas curas notáveis. Citou nomes amigos: Leopoldo Cirne, João Lourenço de Sousa, Antônio Alves da Fonseca... Perguntou se Guillon Ribeiro descendia de franceses. Quando lhe disse que Depois da Morte, traduzido por Lourenço de Souza, já estava no 5° milheiro, ele prontamente me retificou. Sabia bem quanto andava a edição de seus livros no Brasil, porque recebia exemplares toda vez

7. *Reformador*, 1 de julho de 1927, 294.



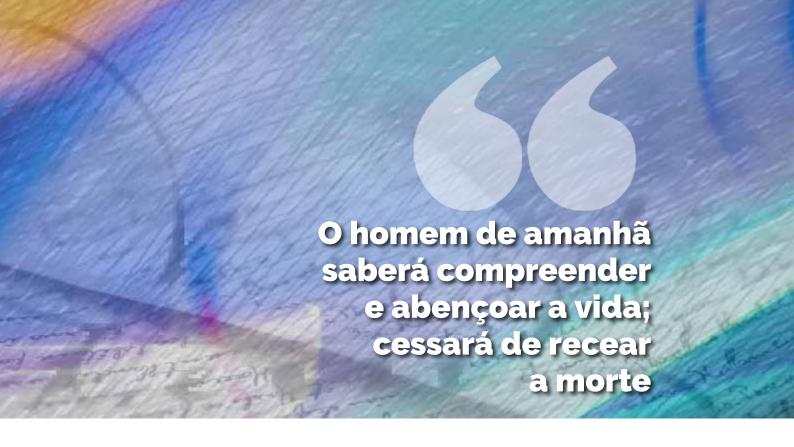
que uma aparecia. Acrescentou que, na França, a 55ª edição já havia sido lançada e no prelo se encontrava a décima do O Grande Enigma. – Estou agora fazendo a revisão das últimas páginas de O Problema do Ser⁸. Eu o aumentei extraordinariamente de tudo quanto apareceu de Allan Kardec para cá. Espero ter sido quase completo."

Esses parágrafos nos dizem mais um pouco da alma de Léon Denis.

Atencioso, simples, amoroso, ambienta com fidalguia a Canuto Abreu. Contente com a sua visita, como se irmãos que há muito não se viam, cultores da mesma fé, inclina a conversa às questões da Doutrina no Brasil. Externa genuíno interesse nas notícias prestadas, mostrando-se inteirado das nossas atividades doutrinárias. É cordial e zeloso ao lembrar-se dos espíritas brasileiros, citando-os, com sincero respeito, quantos lhe acudiram à lembrança.

Comenta seus livros, suas reedições, suas traduções brasileiras.

- 8. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. Em sua primeira edição, de 1908, trazia o título O Problema do Ser e do Destino.
- 9. Em sua primeira edição francesa, de 1908, o livro tinha por título *Le Problème de L'Être et de la Destinée*, e somente em 1922, em Paris, França, *Le Problème de L'Être et de la Destinée et de la Douleur.*



Ciente de quanto eram apreciados, disso não se enfatua, diligencia em melhorá-los, como é o caso de O Problema do Ser e do Destino, acrescido de novos conteúdos, e publicado, desde então, O Problema do Ser, do Destino e da Dor⁹.

Vazados com as tintas da fé, da paz, do amor, da eterna verdade, e primor de estilo, tiveram larga aceitação, cativando leitores nos dois hemisférios. Em seu primeiro livro – Depois da Morte – no qual aborda questões cruciais da existência humana, escreveu, na introdução:

"É sobretudo para vós, filhos e filhas do povo, para quem a jornada é áspera, a existência difícil, para quem o céu é mais negro, mais frio o vento da adversidade; é para vós que este livro foi escrito. Não vos trará ele toda a ciência — que o cérebro humano não poderia conter — porém, será mais um degrau para a verdadeira luz. Provando-vos que a vida não é uma ironia da sorte nem o resultado de um acaso estúpido, mas a consequência de uma lei justa e equitativa,

abrindo-vos as perspectivas radiosas do futuro, ele fornecerá um alvo mais nobre às vossas ações, fará luzir um raio de esperança na noite de vossas incertezas, aliviará o fardo de vossas provações, e ensinar-vos-á a não mais tremer diante da morte. Abri-o confiantemente; lede-o com atenção, porque emana de um homem que, acima de tudo, quer o vosso bem." (Denis 1987, 17)

Léon Denis, espelha o excerto transcrito, tributou especial atenção aos aflitos e desvalidos. Toda a sua obra é um cântico de louvor às virtudes espirituais, à renovação do homem, à Bondade Divina.

Acreditava, com toda a sua alma, no Bem!

Dos fenômenos espíritas, servira--se para atingi-lo; nunca se ocupara das suas demonstrações, interessado nas suas consequências; a outros, dizia o sábio, deixava a tarefa de atender as dúvidas da Ciência Humana.



S Barros, Gaston Luce (2023) digital image

Mostrava-se incansável, quase aos oitenta, mantendo-se em trabalho incessante. Desse fecundo e augusto lavradio, peculiar às almas maiores, seguiria jorrando tesouros sublimes, correios de consolo e libertação.

Ouçamos, no tocante, Canuto:

- "- E tem em vista publicar alguma obra nova?
- Sim, se Deus me der vida. Trabalho em diversos assuntos. Terminei o *Espiritismo e a Arte*, que será publicado seguidamente pela *Revue Spirite*. Estou agora escrevendo sobre o *Espiritismo e o Socialismo*. São assuntos palpitantes, que os brasileiros estimarão muitíssimo"¹⁰.

Manifesto, nessas linhas, é o vigor idealista de Léon Denis. A evolar-se de suas palavras, em raro fulgor, fala-nos do seu elevado Espírito.

Divina inspiração, o fez altear-se a Esferas Superiores.

Além dos títulos citados, e mais outros, vindos a lume – de fôlego e exitosos – dobrar-se-ia sobre o almaço, deixando-nos preciosas páginas de Amor e Sabedoria.

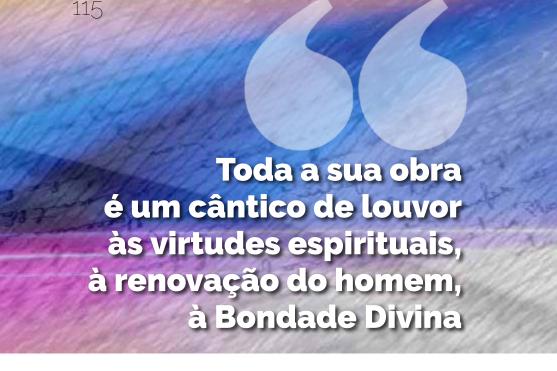
Convicto do impulso renovador do Espiritismo, e do natural desejo da criatura humana em perfeiçoar-se, lapisou ao rematar o formoso *No Invisível*, em 1903:

"O homem de amanhã saberá compreender e abençoar a vida; cessará de recear a morte. Há de, por seus esforços, realizar na Terra o reino de Deus, isto é, da paz e da justiça, e, chegado ao termo da viagem, sua derradeira noite será luminosa e calma como o ocaso das constelações, à hora em que os primeiros albores matinais se espraiam no horizonte." (Denis 2002, 417)

... E o homem do amanhã, sem jaça a enfeá-lo, é o próprio Léon Denis!

Gaston Luce, seu amigo pessoal, registra que em sua última quadra terrena, talvez intuído o prestes desenlace, confiara-se a febril atividade, no hercúleo esforço de concluir o seu último rebento literário, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível.*¹¹

Destoa da vocação comum - não aceitava o império da carne, o seu Espírito - e mantém-se lúcido na estação derradeira da existência. Na-



queles dias solenes, assinala o biógrafo, conservou a precisão dos seus raciocínios e a elegância das suas conversas¹².

Viveu como verdadeiro discípulo do Cristo: no mundo, sem ser do mundo¹³.

Em avançada anciania, ao poente das forças físicas, clausula o seu testamento. O coração sereno, de quem chegara a magna sabença, estende olhar à retaguarda, sem tristezas ou remorsos, saudades ou lamentos; vê o presente, sem afobos ou receios; alonga-se ao futuro, ébrio de esperança, cônscio do celeste destino do Espírito Imortal.

Expressão do seu nobre coração, leiamos algumas alíneas das suas disposições sucessórias, o seu testamento moral, no dizer de Gaston Luce:

"Chegado ao ocaso da vida, a esta hora crepuscular em que uma nova etapa termina, em que as sombras se elevam ao desafio e cobrem todas as coisas com seu manto melancólico, contemplo o caminho percorrido desde minha infância;

- 10. O Espiritismo na Arte e Socialismo e Espiritismo, lançado em Paris, em 1924, foi traduzido e lançado no Brasil pela Federação Espírita Brasileira. Os artigos sobre Espiritismo e Arte, publicados na Revue Spirite, em 1922, foram traduzidos e reunidos na obra O Espiritismo na Arte, publicado pela editora CELD, Rio de Janeiro (RJ).
- 11. Publicado após a desencarnação de Léon Denis. Éditions Jean Meyer, Paris, 1927.
- 12. Luce, Léon Denis, L'Apôtre dus Spiritisme sa vie, son oeuvre.
- 13. João 17:16: "Eles não são do mundo como eu não sou do mundo" Jesus.



depois, dirijo meu olhar para frente, para essa passagem que brevemente se abrirá para mim, para o além e suas claridades eternas.

Nessa hora, minha alma se recolhe e se desprende, antecipadamente, dos liames terrenos; ela vê e compreende o objetivo da vida. Consciente de seu papel aqui embaixo, reconhecida pelos benefícios de Deus, sabendo por que veio e por que atuou, ela bendiz a vida por todas as alegrias, todas as dores, todas as provas salutares que esta lhe ocasionou e reconhece

nelas os instrumentos de sua educação, de sua elevação. Ela bendiz a vida terrena, impregnada, quando a deixar, do pensamento de retornar mais tarde em uma nova existência, para ainda trabalhar, sofrer, aperfeiçoar-se e contribuir, com seus trabalhos, para o progresso deste mundo e da humanidade.

Consagrei esta existência ao serviço duma grande causa, o Espiritismo, ou Espiritualismo Moderno, que será certamente a crença universal, a religião do futuro. Consagrei à sua expansão todas as minhas forças, todas as minhas faculdades, todos os recursos do meu espírito e de meu coração. Fui sempre e poderosamente sustentado por meus amigos invisíveis, por aqueles que irei encontrar brevemente. Pela causa do Espiritismo renunciei a todas as satisfações materiais, mesmo às de família, às da vida pública, aos títulos, às honras e às funções elevadas, vagando pelo mundo, não raro só e triste, porém, no fundo, feliz de assim poder pagar a minha dívida do passado e poder aproximar-me daqueles que me esperam lá em cima, na luz divina.

Ao abandonar a Terra, quero que os recursos aqui por mim deixados, sejam consagrados ao serviço dessa mesma causa. É com esse pensamento, com essa firme vontade que organizei a lista de meus legatários." (Luce 1928, 243-4)¹⁴

O paternal filósofo, em seguida, constitui herdeiro a Jean Meyer. Concede--lhe os direitos alusivos à sua criação literária - livros, clichês, edições diversas - em proveito da difusão do Espiritismo. Na hipótese do seu editor e amigo, e agora, legatário, encerrar os seus ofícios de livreiro, suas obras cairiam em domínio público, de imediato, proibidas quaisquer alterações nas redações de cada última impressão, matrizes das futuras publicações, ao controle e vigilância dos seus executores testamentais. E ainda grafou, acerca do seu legado, Gaston Luce:

"Fiel ao espírito de caridade que o animava e se expandia em numerosos dons – ardendo de zelo fraternal para com o próximo – zelo que se exerceu largamente durante a guerra e crescia com os anos – Léon Denis legou uma parcela notável de sua herança ao Departamento Beneficente da cidade de Tours e ao Instituto da França." (Luce 1928, 295)



S Barros, Jeanne d'Arc (2023) digital image based on, Pierre Girard, , 1841 in Rijksmuseum

14. Tradução livre.

15. Jerônimo de Praga (1379 - 1416) - guia espiritual de Léon Denis. Jerônimo, o principal discipulo de Jan Hus (1639 - 1415), como o seu mestre, padeceu nas fogueiras do Concílio de Constança. Segundo Canuto Abreu, Ermance Dufaux recebera a revelação de que Allan Kardec fora Jan Hus.

Joana d'Arc (1412 – 1431), a jovem campesina francesa, foi amorosa conselheira de Léon Denis. Dotada de excepcionais faculdades mediúnicas – tinha visões e ouvia os Espíritos – foi condenada à mesma fogueira que supliciou a Jan Hus e Jerônimo de Praga. Heroína da Guerra dos Cem Anos, a França a batizou de A Donzela d'Orleans.

Léon Denis conduziu-se em vida à altura dos seus celestiais benfeitores Jerônimo de Praga e Joana d'Arc¹⁵.

Travou árduas batalhas na existência – da infância à vetustez, da lide ordinária à faina espiritual - sem nunca oscilar a sua fé. Sorveu amargos dissabores, mas, também, fruiu justas alegrias, estas, na paz do reto proceder. Em vida, teve um só móvel: "o respeito, o amor à verdade; e só uma ambição, a de que finada a sua jornada terrena, pudesse dizer a si mesmo: minha passagem pelo mundo não terá sido estéril se contribuí para mitigar uma só dor, para esclarecer uma só inteligência em busca da verdade, para reconfortar uma só alma vacilante e contristada" (Denis 1987, 18)

Os textos históricos espiritistas – do seu tempo, em particular – apontam a plena realização de sua bela aspiração. De todas as partes do mundo lhe vinham protestos de gratidão, carinho, amizade e veneração. Dos que se lhe semelham, e dele mesmo, é certo, é que disse Jesus:

"Em verdade eu vos digo, não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, sem que receba muito mais neste tempo e, no futuro, a Vida Eterna" (Lc 18:29-30).

E nós, em penhor, cantamos: Salve, Léon Denis!

Bibliografia:

- *A Centelha*, abril de 1945, págs. 3 a 5. São Paulo (SP).
- *Reencarnação*, março de 1957, pág. 8. Porto Alegre (RS).
- *Reformador*, 1 de julho de 1927, págs. 289 a 299. Rio de Janeiro (RJ).

DENIS, Léon. 1987. *Depois da Morte.* [João Lourenço de Sousa]. Rio de Janeiro: FEB.

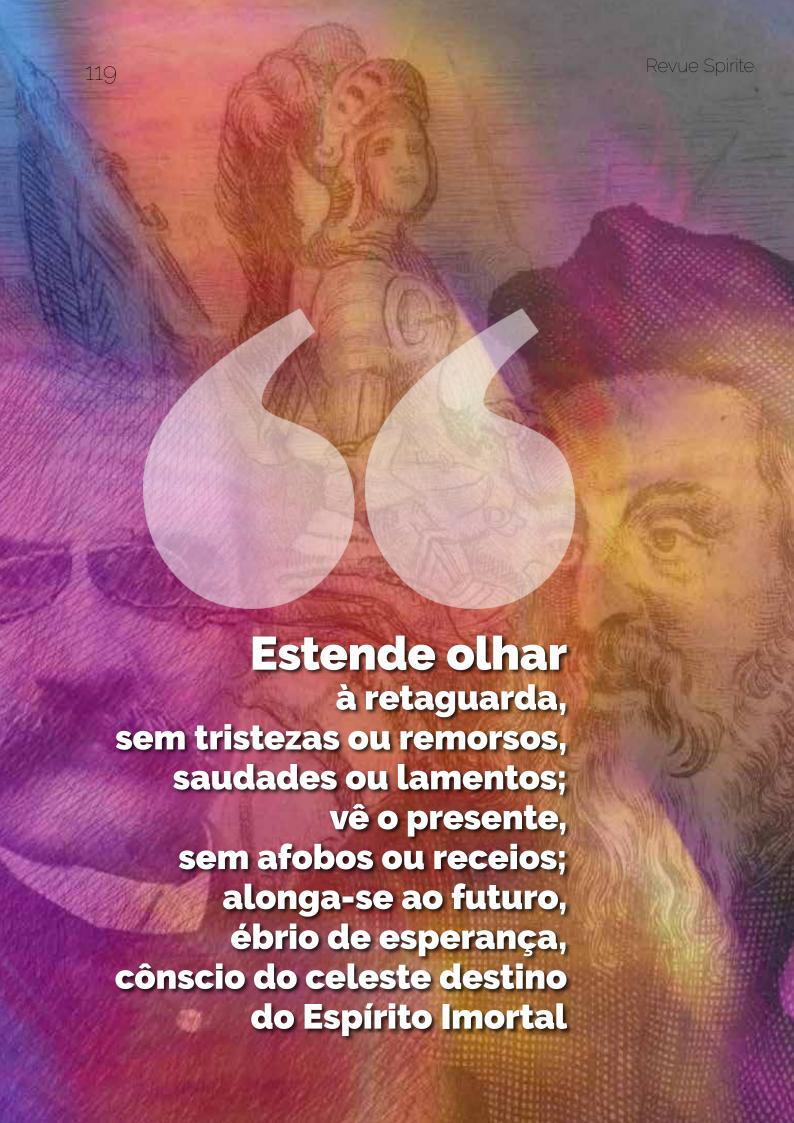
DENIS, Léon. 2002. *No Invisível*. [Leopoldo Cirne]. Rio de Janeiro: FEB.

DENIS, Léon. 1908. *Le Problème de L'*Être et de la Destinée. Paris: Librairie des Sciences Psychiques.

DENIS, Léon. 1922. *Le Problème de L'Être et de la Destinée et de la Douleur*. Paris: Librairie des Sciences Psychiques.

LUCE, Gaston. 1928. Léon Denis, L'Apôtre dus Spiritisme – sa vie, son oeuvre. Paris: Editions Jean Meyer.

S Barros, Leon Denis (2023) digital image



Espiritismo e Sociedade

Redação do Momento Espírita



3 / 108



ra uma vez...

As boas histórias começam assim. E nos conduzem a um mundo de sonhos, de magia, de beleza, inebriando-nos a alma.

Essa também começou assim, lá pelos idos de 1990.

Era uma vez dois homens idealistas, que imaginaram que seria muito bom se a Doutrina Espírita pudesse ser ofertada, diariamente, a todas as gentes.

Não seria um programa doutrinário, idealizado para espíritas, nem que desejasse conquistar prosélitos.

Não. Um programa atendendo ao projeto da própria Doutrina: alcançar corações para o Reino de Deus, para a alegria de viver, a gratidão pela vida.

Transformar homens comuns em homens de bem, com gotas homeopáticas, diárias, que falassem de amor, de compaixão, que falassem das coisas do mundo, do dia a dia, dos quefazeres de todos nós.

O programa deveria ser dedicado ao povo, ao ouvinte, sem qualquer conotação de credo, de raça, de idade, de classe social.

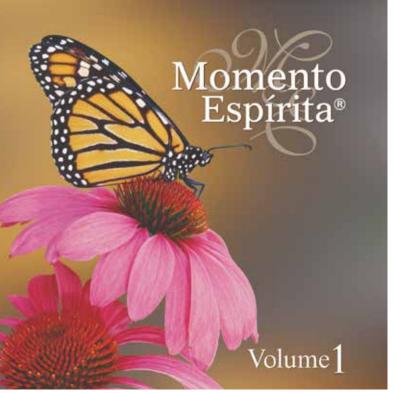
E para ser o mais universal possível, seu destino deveria ser o coração de cada um, muito mais do que o intelecto. Não era para se pensar muito, mas para se sentir e se emocionar em cada audição.

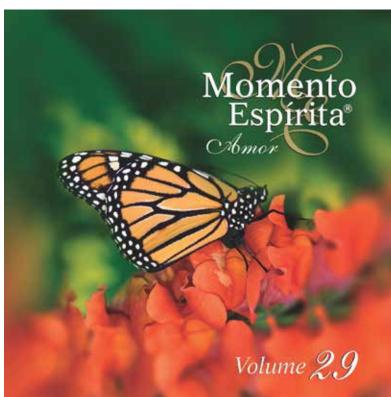
Palavras simples, comunicação direta e objetiva, assunto restrito e pontual, que atendesse as necessidades humanas.

Eis aí o perfil do ouvinte que serviria de parâmetro sobre o alcance de cada mensagem: era aquele que, estando no transporte coletivo, lotado como sempre, ao ouvir a mensagem, mesmo sem poder prestar muita atenção, entendesse o recado, mesmo ouvindo (pouco), mas sentindo tudo, de modo que fosse suficientemente envolvente que tirasse sua mente e sua emoção do desconforto que enfrentava, pelo tempo que durasse.

Ele aprovando, estaríamos no caminho certo.

Por mais incrivel que pareça, assim aconteceu.





Imagens gentilmente cedidas pela equipa do Momento Espírita

Napoleão Araujo e Mauricio Roberto Silva, os idealistas, procuraram uma emissora e lá encontraram Paulo Roberto Oliveira, com *know how* de programas radiofônicos, com experiência em termos de tempo e horários.

E a sugestão foi de cinco minutos de duração e em horário em que as pessoas estivessem se movimentando para o dia.

Em casa, se preparando para sair ou para assumir as tarefas pela frente. Nos seus carros, no trânsito. Nas empresas, iniciando expediente. E, claro, o nosso usuário do transporte coletivo, firme na lida inicial do dia...

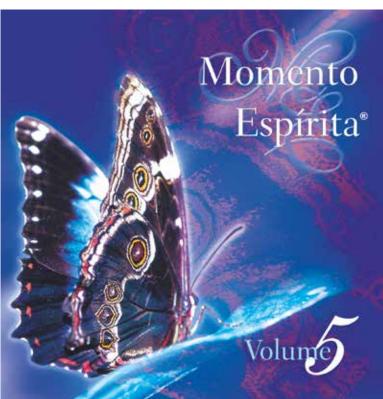
E muitas coisas foram se descobrindo, na sequência. O idealista da emissora, que se tornaria, posteriormente, a voz do Momento Espírita, tinha fortes raízes com a Federativa. Coincidência? Não. Essa como tantas das coisas que nos acontecem são daquelas linhas traçadas pela Divindade e que determinam o alcance dos objetivos maiores.

Ele é consorciado com Lia, que tem como avós maternos Lauro Schleder e Teresa Paraná, filha de Sebastião Paraná, um dos fundadores da Federação Espírita do Paraná - FEP e seu segundo presidente.

Lauro Schleder, segundo informações do amigo e médium espírita Divaldo Pereira Franco, é o coordenador espiritual do Programa Momento Espírita.

Nada é fácil ou nasce pronto, perfeito. O Programa passou por uma fase experimental, sofreu interrupções, motivo pelo qual somente consideramos a sua existência, a partir do mês de maio de 1992, quando se 125 Revue Spirite





efetivaram as transmissões, na capital paranaense, às 6h55 da manhã, e nunca mais pararam.

Conhecido nacional e internacionalmente, foi adquirindo cidadania e sendo requerido pelos confrades que o desejavam veicular em suas cidades, depois diretamente por emissoras, considerando os altos indices apresentados no IBOPE.

E lá se vão trinta e um anos...

Hoje, é veiculado em dezenove Estados brasileiros. As emissoras, cadastradas em sistema específico, fazem download dos programas, o que permite que aquele transmitido em Curitiba/Paraná, berço do Programa, alcance as demais localidades, no mesmo dia.

Multiplicaram-se os produtos, no decorrer dos anos, podendo-se contar 37 CDs de textos, 8 CDs com trilhas musicais exclusivas, 2 CDs para o público infantil, 1 CD em espanhol, 1 DVD animação, 12 livros, 2 pen cards.

Em 2018 e 2019, foram produzidas agendas para os anos subsequentes.

O site, no ar desde março de 1998, foi recebendo adendos e hoje se apresenta em cinco idiomas: português, francês, espanhol, inglês, italiano, com locução nos dois primeiros.

Ao longo desses anos, manteve-se o locutor, o corpo de redatores sofreu algumas alterações, também a dos revisores e tradutores. Contudo, o trabalho jamais feneceu, nem perdeu qualidade.

A FEP investiu em estúdio próprio, para as gravações. E uma pessoa sensível que, quando prepara a mixagem sente ao seu redor muitos invisíveis do bem, cria efeitos sonoros especiais para cada texto.

Uma pausa estratégica na locução. O som de um piano. A chuva que cai. Trovoadas. Silêncio. E a voz do locutor que sobressai novamente.

Em 2006, a FEP obteve registro da marca nominativa, com as renovações periódicas devidas.

Sempre aprendendo, melhorando, burilando sua qualidade, atento às inovações, um novo produto conquistou mais e mais corações em abril de 2020, com o lançamento pelo Canalfep do Momento Espírita Filmes.

Os textos ganharam imagens, cor, movimento.

Primorosa concepção, trilhas sonoras compostas adquiridas de artistas internacionais, especialmente para cada texto, diversas das radiofônicas ou dos CDs. Tudo atendendo a rigoroso detalhamento, qualidade primorosa, de um coração de artista, espírita, idealista.

Já viram que a tônica do Programa é o idealismo, primor na concepção, cuidados extremos com direitos autorais.

E o ano de 2021 foi o ano de conquistar as redes sociais e as plataformas digitais.

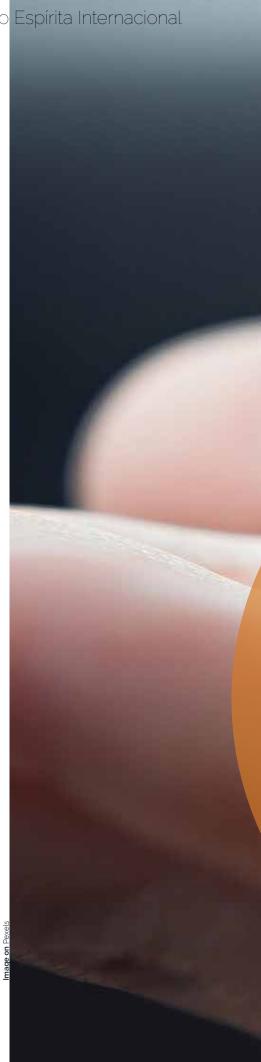
Os volumes 35, 36 e 37 do CD Momento Espírita foram lançados nas plataformas digitais.

Seguiram-lhe os anteriores, a pouco e pouco, conquistando espaço mais e mais e tendo assegurados os seus direitos autorais.

Chegamos a esse patamar, trinta e um anos, agradecidos a Deus pelo trabalho realizado, pelos tantos benefícios espalhados, alguns conhecidos, a maioria desconhecidos.

O importante é que a semeadura se fez e prossegue ininterrupta. Oxalá possamos acrescentar muitos outros anos a essa tarefa iluminativa.

Quantas bênçãos mais nos reservará o amanhã?





Conselho Espírita Internacional

Momento Espirita®

Redação do Momento Espírita. Disponível no CD Momento Espírita, v. 16 e no livro Momento Espírita, v. 9, ed. FEP.







utógrafo é a assinatura original, de próprio punho, do autor de alguma obra.

Assinam seus quadros os pintores. No entanto, melhor do que a sua assinatura, o que diz se o quadro é verdadeiramente daquele

pintor é o seu estilo.

Quem quer que se aprofunde pelo conhecimento da arte, poderá, ao admirar uma tela, afirmar do seu autor. E identificar, inclusive, se for o caso, a que período da vida artística daquele pintor corresponde.

Quem escreve um livro, define-se por uma forma de escrever e, a partir daí passará a ser conhecido. Naturalmente, coloca seu nome na obra.

Mas, mais do que isso, identifica-se pelo estilo e a forma com que desenvolve o seu pensamento, ao transpô-lo para o papel.

Cada artista tem sua maneira peculiar de se identificar no seu trabalho.

E é assim que ele é conhecido e admiradas as suas produções, através dos tempos.

Quando nossos olhos se extasiam ante a prodigalidade da natureza; quando nossos ouvidos se deliciam com os sons dos rios cantantes, com o murmúrio da fonte minúscula, com as águas que descem pelas encostas, despejando-se ruidosamente de alturas; quando o vento flauteia uma canção entre os ramos ou agita com violência o arvoredo; quando o sol se pinta de ouro e tudo enche de luz por onde se espraia; quando o céu se faz de tonalidades mil, indefiníveis, num amanhecer indescritível; quando tudo isso acontece, todo dia, a cada dia... procuramos o Autor. E a assinatura.

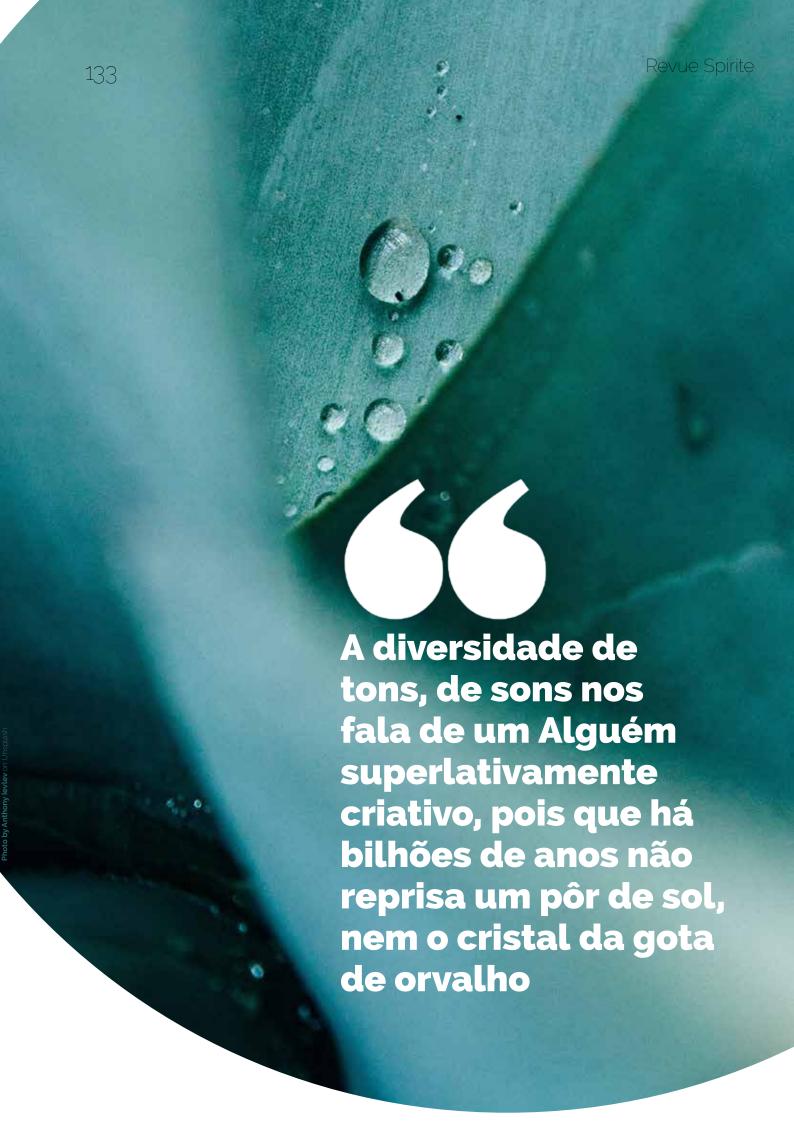


minúsculas, tudo obedecendo a idêntico esmero, diz-nos da qualidade do Artista.

A diversidade de tons, de sons nos fala de um Alguém superlativamente criativo, pois que há bilhões de anos não reprisa um pôr de sol, nem o cristal da gota de orvalho, nem a combinação dos gorjeios da passarada.

Cada dia tudo é diferente. O sol retorna, as nuvens se espreguiçam, a pradaria se estende, alongando sua colcha de retalhos de cores diversas, bordadas cá e lá de flores miúdas... Mas nada é igual.

As folhas nas árvores estão em número maior ou menor, a sinfonia das águas acabou de ser composta, os pássaros balançam-se em outras ramagens.







135 Revue Spirite

Sim, o artista responsável pelo concerto do dia e da noite é extraordinário.

Os homens afirmam que jamais O viram. Mastodos podem admirar Sua obra. Mesmo aqueles que Lhe negam a existência.

Esse Artista inigualável assina a delicadeza das manhãs com o pincel da madrugada.

Podemos descobrir Seu autógrafo na tela do firmamento, no brilho das estrelas.

Podemos descobrir Sua escrita nas flores dos campos, dos jardins, das montanhas.

Ele é tão grande que a tela onde cria as Suas maravilhas vive em expansão.

Mas onde esse artista coloca Sua mais especial assinatura é na essência de cada um dos filhos que criou.

Ela está em cada um de nós e se chama Imortalidade.

Pense nisso. Você é o mais especial autógrafo de Deus.

Photo by Kajetan Sumilaon Unspl



Entre Vista Divalo Franco

Entrevista

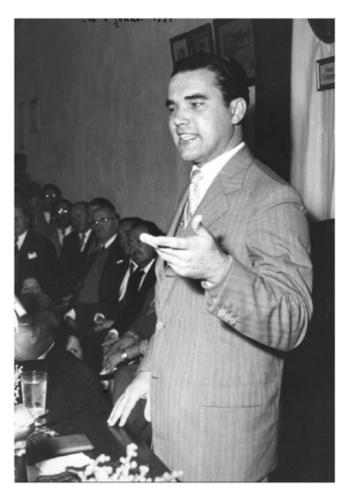
Divaldo Franco é uma figura humanitária, inspiradora. Tem dedicado o seu tempo a promover a paz, a esperança e a caridade no mundo. Tendo sido o primeiro entrevistado desta nova série da *Revue Spirite*, volta, com a sua palavra, às nossas páginas, desta vez aos 96 anos de idade, entrevistado por André Luiz Peixinho, um dos estimados autores que também têm enriquecido esta publicação com a sua colaboração. A entrevista ocorreu no passado dia 5 de novembro de 2023, no encerramento do 20° Congresso Espírita da Bahia.

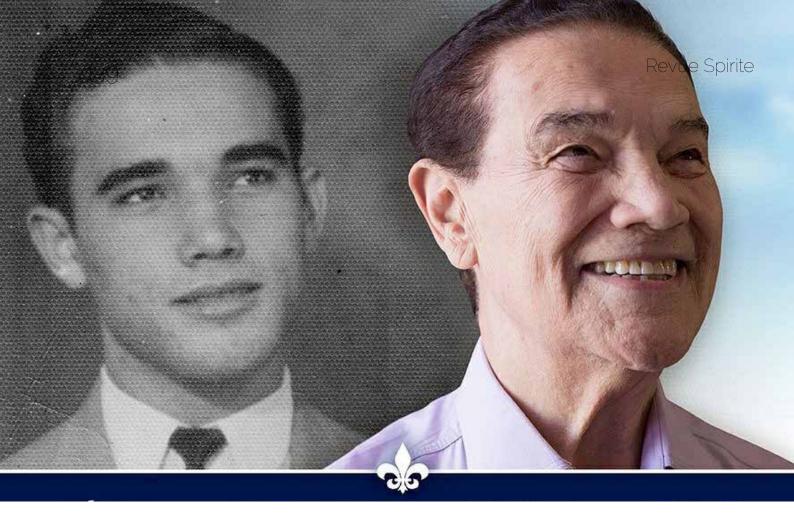
Apesar de não ser habitual nesta publicação a transcrição de entrevistas ocorridas noutros âmbitos, julgamos

que a exceção é inteiramente justificada pela profundidade e pela sabedoria das lições que através desta conversa íntima nos chegam, como rumos para a vida de todo aquele que deseja seguir o Evangelho e ser um verdadeiro servidor da seara do Cristo, qualquer que seja a sua circunstância pessoal ou localização geográfica.

(A Revue Spirite agradece à Federação do Estado da Bahia a autorização para a transcrição e publicação desta entrevista que sofreu, naturalmente, pontuais ajustes, decorrentes da adaptação da oralidade para o registo escrito.)







- O que é que faz uma pessoa perseverar tanto tempo na mesma atividade? Como é que você conseguiu fazer isso?

- Realmente é espantoso manter o entusiasmo no ideal por mais de 70 anos ininterruptamente. É necessário que a motivação seja muito forte e atenda às necessidades imensas do processo evolutivo. Foi o que aconteceu comigo. Ao encontrar a Doutrina Espírita eu encontrei a vida, e este fenômeno, de mais de 70 anos já passados, me enche tanto de entusiasmo que parece haver sido ontem quando eu descobri a imortalidade da alma. Foi o maior encanto da minha existência. De formação católica, com tendência para o seminário, sendo sacristão, os Espíritos demonstraram-me que Deus é amor e destruíram em mim a convicção teórica do inferno. A minha mente não podia entender como Deus, Pai de excelsa misericórdia, era capaz de punir eternamente por um crime da ignorância da oportunidade da evolução.

Logo depois, eu descobri um outro enigma, a criatura humana não é má, porque Deus não é autor do mal. A criatura humana é ignorante e a ignorância passa muitas vezes como maldade. E ao longo dos anos, descobri que todos necessitamos mais de tolerância do que de punição, mais de fraternidade do que de disciplinas que nos exigem a mudança de comportamento.

Então, a vida, a existência atual, parece-me muito curta, diante da beleza inalterada do Espiritismo. Cada dia sinto-me mais enamorado, mais entusiasmado e penso que a divindade me tem proporcionado desfrutar das lições do Evangelho de Jesus através de uma existência longa, uma existência rigidamente controlada, dedicada à própria evolução. Por isso, não me constitui nada de especial chegar aos 96 anos de idade com o entusiasmo do adolescente de 17 anos que ingressava na Doutrina Espírita. Lamento muito que está acabando, porque me parece que foi ontem.



- A segunda questão é a seguinte: quase todo mundo que você conheceu já se desvestiu do corpo. Como é conviver com essas, digamos assim, mudanças de personalidades no seu entorno. E se isso, de certa forma, não deixa um gosto de solidão?
- Os Espíritos me ensinaram dois tipos de solidão, - permito-me uma palavra espanhola para definir melhor o meu pensamento - a Soledad, estar sozinho, sem rumo, e a solidão com Deus, que preenche todos os vazios existenciais, quando temos uma meta. E a minha meta, desde o começo, foi a da autoiluminação, por isso eu não me preocupei muito com os outros concordarem comigo, se referirem positiva ou negativamente, eu não me incomodei. Achava natural que as pessoas discordassem e até me agredissem, porque se o meu modelo foi crucificado - eu lembra-

va muito das suas palavras - "se fazem isto ao ramo verde que então não farão ao ramo seco". Se Ele, que é a árvore frondosa, recebeu a maior punição da penologia humana sem reclamar, o que é que espera aquele que o segue, que o ama e que o conhece? Porque o meu grande problema no Espiritismo foi conhecer Jesus, arrancá-lo das páginas do Evangelho e incorporá-lo ao dia a dia, em cada momento, nas decisões difíceis. Porque uma vida de quase um século enfrenta praticamente todos os desafios. E então, muito me alegra poder olhar para trás e não ter vergonha do meu passado. Isso resulta de uma frase de O Evangelho Segundo o Espiritismo, quando Allan Kardec fala que o verdadeiro espírita tem uma conduta de tal forma que, ao desencarnar, pode olhar nos olhos todas as pessoas, inclusive aquelas que se lhe fizeram ad-

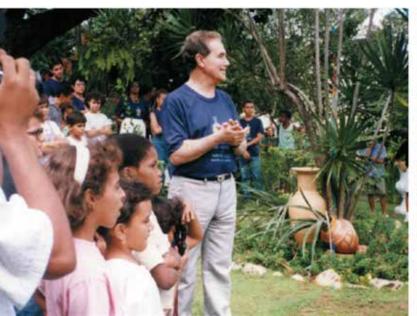
Entrevista

versárias; olhar tranquilamente, não tendo que pedir desculpa porque já pediu desculpa com o silêncio. No longo período existencial, o silêncio foi a minha companhia, porque nos preocupamos muito com as opiniões alheias e nós naturalmente ficamos aturdidos quando amigos nos esbofeteiam moralmente a face e não nos dão o direito sequer de justificar. Numa jornada longa aprendi que a maledicência é como o cupim. Ninguém o vê na madeira, mas um dia a madeira desaba porque o cupim a comeu por dentro. Então, evitei muito que o cupim do meu próximo entrasse no jacarandá da minha alma. Quando acontecia qualquer coisa, eu dizia: "é natural, não me conhece, eu ainda não me conheço e até agora ainda me surpreendo com algumas reações que às vezes me pegam de surpresa. Mas Deus me permitiu um temperamento muito especial - o arrependimento. Quando eu faço algo que me fere, eu não me desculpo, eu padeço a cruz do arrependimento. E enquanto eu não me reabilito, eu não me sinto bem. Então, o meu problema não é com o meu próximo, é comigo mesmo. Daí, esta aparente solidão é enriquecedora.

Nos dois últimos anos eu tenho esperado muitas doenças, doenças não diagnosticadas. Eu estive com 16 médicos e não tenho diagnóstico.

No entanto, estou doente. Fiz quatro check-ups, porque depois que tive Covid 19, perdi completamente as forças. Eu sou incapaz hoje de caminhar 100 passos. É como se caminhasse 300. Então eu transformei a minha mente numa realidade. Eu fico deitado o tempo todo e faço tudo mentalmente, porque a mente, o dínamo do cérebro, é capaz de, através da imaginação, realizar todas as tarefas de amor a que nos vinculamos. Então, confesso, não sinto solidão, eu preencho a alma de alegria, de pequenas coisas e da própria mediunidade. Gostaria de aproveitar para pedir aos médiuns: amem a mediunidade; compreendam que é uma ponte que Deus nos dá para



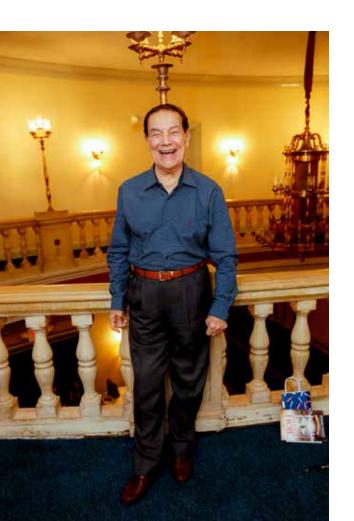




entrarmos em comunhão com o mundo transcendente. A mediunidade é um país e nós devemos ir com muita frequência à parte superior desse país, que é a fraternidade. Somente para dar ideia de como é feia a vida de um médium, quando se dedica: há tempos, depois do problema da Covid, eu fiquei afônico. Eu tinha uma voz tonitruante. Então fiquei afônico, mas não desanimei, continuei falando com um pouco de dificuldade e com muitas dores na garganta. E então, uma pessoa amiga, me levou a uma especialista para fazer treinamento de voz e recuperar - uma médica extraordinária, espírita, como é natural. E então ela passou os exercícios. Eu os achei um pouquinho ridículos, mas era para fazer. Como eu sou realmente sozinho, a minha sala de dormir é solitária. Então eu não queria que ninguém da mansão ouvisse, porque eu moro numa casa coletiva e morar numa casa onde estão mais de 400 pessoas não é fácil. As opiniões são curiosas, ainda mais quando se está doente. Até os gatos nos receitam remédios. Eu, por hábito, não tomo; só tomo remédios orientados pelo médico ou pelos Espíritos. Então, nesse ínterim, eu fui para casa, me tranquei no quarto, pedi que ninguém subisse, porque eu tenho que falar alto para modelar a voz. Orei, porque faz parte da minha respiração a prece. Não repito palavras memorizadas. Estou sempre conversando com Jesus, com os Espíritos, pensando neles, preenchendo a vida, e alegre, sempre alegre. E então, nesse dia, eu me sentei numa cadeira na minha saleta e comecei. Quando eu fiz o primeiro exercício - horrível, parecia um garoto, imagine uma pessoa de 90 anos, "Oooooh, aaaaah, eeeeeeh!" Mas aí eu fechei os olhos, para não

me ver! Fechei os olhos e quando estava de olhos fechados, eu fiz assim: Ooooooh e achei a minha voz bonita de novo! E disse: "Nossa, podia ter virado cantor!", mas aí não deu, que na hora dos agudos não havia jeito! Aí eu ouvi uma voz na minha sala - são duas salas - eu ouvi uma voz dizendo assim: "Que coisinha linda! Olha para o neném fazendo dabudá!" Aí eu abri os olhos, era um Espírito me ridicularizando! Ele ficou olhando para mim e dizendo. "oeeeh, uaaaah, nenenzinho, vamos lá!" Nunca mais eu fiz os exercícios! Então a médica disse: "Divaldo, você tem feito?", "- Mais ou menos." Nunca mais eu tive coragem! Lá no consultório eu faço, mas sozinho não tem jeito, por causa das testemunhas! As vezes o meu quarto está cheio e eu digo assim: "Agora fora! Eu quero dormir! Quem já viu?" Ou chego e a minha cama está ocupada e digo: "Ó gente, aqui não é pensão, não! Essa cama é minha! Fora!" E às vezes tem uns Espíritos

renitentes, antipáticos, daqueles que exigem muita paciência, então eu pego no lençol e sacudo e derrubo--os no chão. Então, é uma vida cheia de encantamentos. Porquê? Porque eu tenho metas. Desejo que essa encarnação não seja absolutamente perdida. Também não irei para o Umbral, porque eu já vim de lá, já conheço tudo! Irei aproveitar as dádivas do conhecimento espírita para enriquecer a minha alma de alegria e ter sempre uma palavra edificante. Porque Joanna de Angelis me disse há 50 anos: "Nunca deixe ninguém sair da sua presença sem levar a parte melhor da sua vida. Nunca deixe ninguém sair de perto de você sem levar uma mensagem, seja qual for. Se não tiver verbal, sorria e deseje paz." Daí a mediunidade ser uma bênção, mesmo quando estamos sob obsessão, porque sob obsessão estamos resgatando e quando estamos a sós, com a nossa mente, os nossos hábitos, infringimos as leis e contraímos dívidas.



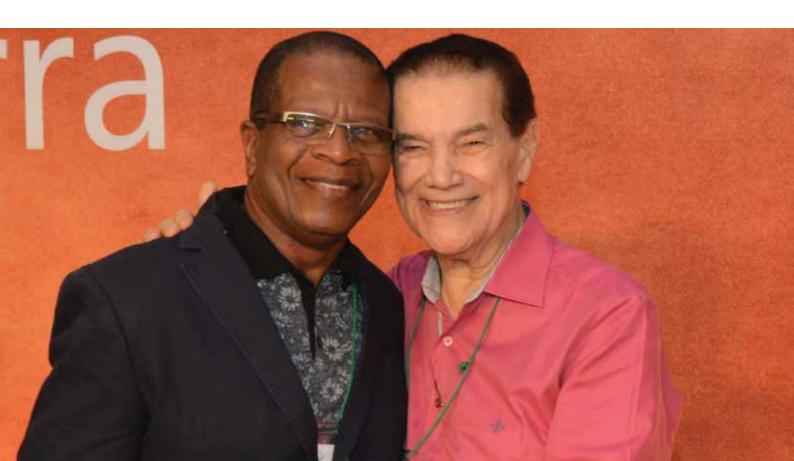
O meu grande problema no Espiritismo foi conhecer Jesus, arrancá-lo das páginas do Evangelho e incorporá-lo ao dia a dia, em cada momento, nas decisões difíceis

- Agora, uma pergunta bem secreta, você que conviveu, convive, com personalidades como Rabindranath Tagore, Victor Hugo, Teresa D'Ávila, Catarina de Siena, que vemos na literatura mediúnica, que lhe aparecem; recebeu mensagem de Francisco de Assis, que Chico Xavier psicografou, você deve ter tido um momento em que disse: "Isso é o paraíso!" Qual foi assim o momento estelar da sua vida, o dia em que você se sentiu o máximo, viveu o máximo?

Eu não fiz esse complexo da falsa humildade, procurei ser muito autêntico, ser como sou. Eu sou aquilo que sou dentro de casa, lá na mansão, e sou uma pessoa que mora com as testemunhas, porque dentro de casa nós temos seis, oito, dez senhoras, amigos que vão passar dias, visitantes, nunca a Mansão do Caminho está vazia de pessoas (de Espíritos nem se fala), mas de pessoas, sempre estamos com muitas testemunhas. Tudo o que fazemos é público, mesmo que as portas estejam fecha-

das. E digo aos amigos: não me imitem. Cada um deve ter um modelo e esse modelo é Jesus, porque nós, criaturas humanas, somos modelo transitório. Quando estamos bem de saúde, quando as finanças ajudam, quando os desejos se concretizam, quando aprendemos a ouvir "não" e não nos incomodamos, compreendemos que aquele momento é não, outro momento talvez seja diferente. Então, é claro que conseguimos uma boa harmonia!

Estabeleci como fundamental na minha existência atual não ser inimigo de ninguém. Se desencarnar agora, não levo nenhuma inimizade. Agora não posso me incomodar de ter muitos inimigos. Coisa curiosa, na minha ingenuidade dos primeiros tempos, eu pensava que a confraria espírita era semelhante ao socialismo cristão. Aqueles 13 homens, aquelas mulheres da Galileia, aqueles pobres das estradas de Emaús, também da Galileia, principalmente. E à medida que eu fui vivendo, eu fui descobrindo, como escreveu muito bem Allan





Kardec, que existem os espíritas pelo coração, pessoas estritamente boas, generosas, mas não são espíritas, agem como se conhecessem o Espiritismo, mas também que existiam muitas pessoas profundamente conhecedoras do Espiritismo, mas cuja conduta é reprochável. Então eu não me impressionava, à medida que indivíduos me queriam impingir coisas falsas e pedir o meu apoio. A maioria desses ficaram meus inimigos. Eu dizia: "- Mas a minha opinião não vale nada, a Doutrina é que diz isto, eu apenas sigo". "- Ah, mas a mim não me interessa". E então eu digo: "Posso viver independente de você." Embora não possamos viver a sós, a sós no sentido de longe do próximo, podemos estar ao lado, mas estar no mesmo ritmo de trabalho.

Então, dessa forma, compreendi a necessidade essencial: a minha autoiluminação e ao mesmo tempo saber que o Evangelho me nutria e me nutre. E nesse largo período aprendi uma coisa muito desagradável. Aprendi a dizer "não". Era muito ignorante e concordava com tudo para agradar, violentava o meu livre-arbitrio para não desagradar, mas não adiantava, desagradava da mesma forma, porque há pessoas que não aguentam a negativa, o advérbio "não"; parece que tem tóxico; que gostam principalmente da mentira.

Na seara espírita há muita fantasia no Movimento. Eu recebi ontem um livro escrito por Allan Kardec, reencarnado em São Paulo e me dizia "- Dê a sua opinião". Eu digo "Mais um inimigo!". Porque o que é que eu vou dizer? Então, oficialmente eu não recebi o livro. Ele já mandou telefonar para saber se eu tinha recebido o livro. Eu disse que sim, que eu recebo muitos livros, mais de 20 livros por mês. Outros médiuns vão psicografar e antes de terminar de psicografar já querem publicar. Mas publicar uma coisa tão modesta, não tem novidade, repetitiva, que desmerece a psicografia... e querem que nós apoiemos. É curioso, eu comecei a psicografar no dia 11 de fevereiro de 1939 e publiquei o primeiro livro no dia 5 de maio de 1964. Pois pessoas ainda estão escrevendo e já escrevem pedindo o prefácio... Vê-se que é um insensato e que está querendo brilho. No Espiritismo o nosso brilho é a caridade. não são as palmas, a exibição ter-

restre, porque muitas vezes, para se ser fiel tem que se pagar um preço e esse preço somente a pessoa sabe e somente a pessoa experimenta. Chico Xavier me disse um dia: "Divaldo, o verdadeiro espírita, além do que Kardec enunciou, é aquele indivíduo que está chorando, aí chega alguém, ele enxuga as lágrimas para poder consolar quem chegou. Ele não tem direito de se queixar, porque ele é membro do organismo universal e tudo o que ocorre no mundo ele é responsável."

O maior físico do século passado dizia "A nossa vibração, a nossa onda, a força da vida é tão grandiosa, que uma pluma, uma pena delicada, movendo-se nas margens do Oceano Pacífico, provoca movimento tam-





O silêncio

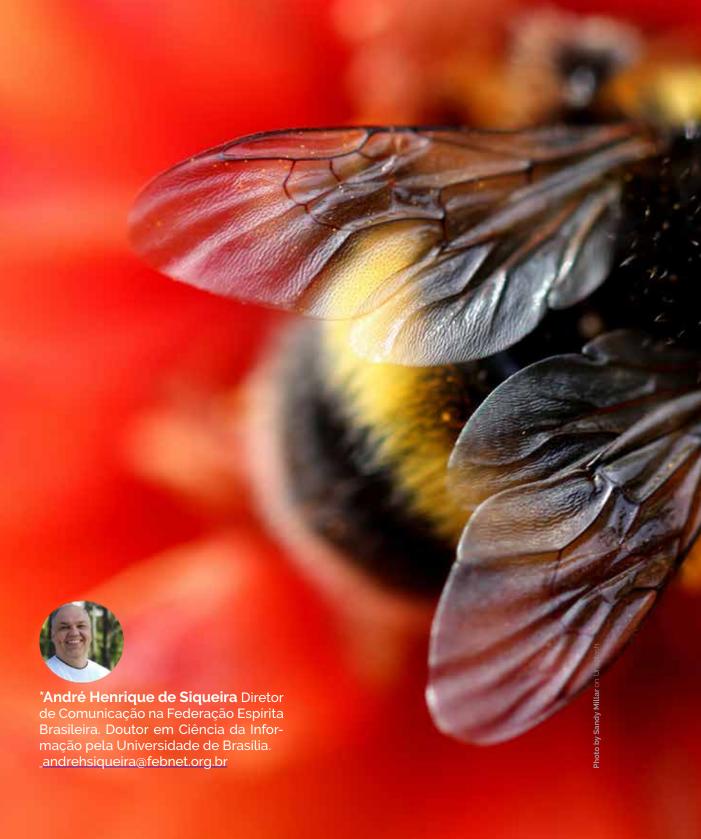
foi a minha companhia, porque nos preocupamos muito com as opiniões alheias e nós naturalmente ficamos aturdidos quando amigos nos esbofeteiam moralmente a face e não nos dão o direito sequer de justificar

bém aqui na Ladeira da Barra. Esse movimento vem até nós a qualquer distância. Então, a nossa vida tem que ser esse movimento de união. de fraternidade. Se a pessoa caiu, ela precisa mais de socorro do que de crítica, porque ninguém cai por querer, ninguém se torna perverso. Os obsessores me dizem: "- Eu não era obsessor, mas fulano roubou o meu afeto mais guerido. Ele me tornou um obsessor. Como sou de mau temperamento, eu o odeio. O que é que você acha?" "- Muito bem, só que o ódio não resolve. Ame-o, porque ele vai perder o fôlego com o seu amor." E então vamos conversando em igualdade de condição. Às vezes dizem: "Esse obsessor é um miserável!". Ele não era miserável, era nosso amigo, como muitos amigos de hoje nós estamos traindo, estamos atirando pedras ou estamos deixando na extrema penúria. A nossa caridade é mais verbal do que real. Dessa forma, a Doutrina é para nós o grande apoio e nesse crepúsculo, porque diariamente, quando eu acordo, eu levanto e abro a janela, se eu conseguir abrir a janela, eu estou encarnado. Na hora que eu puxar e não abrir, então eu já cheguei do outro lado.

Estou com a metade do corpo lá e metade, um restinho por aqui, porque ainda não acabei a tarefa - Deus ajude que não acabe tão cedo!

Então, em síntese, é isso!

Comunicação Social Espírita



ANDRÉ **HENRIQUE DE SIQUEIRA***

Comuni Ser



Photo by Yuichi Kageyama on Unsplash

"Tudo na vida é trabalho divino a expressar-se, vitorioso."

Emmanuel

In Escrínio de luz, cap. 53.

trabalho é esforço útil em benefício da realidade. Cada instante empregado na construção do bem, que reside na conformidade às Leis Naturais, estruturamos nossas almas para a edificação do devir que somos.

Tempo, esforço, paciência e aprendizado transformam-se em instrumentos para o

trabalho, mas a alegria, a renúncia, o otimismo e a paz são resultados que apenas o serviço nos pode proporcionar.

Trabalhar é fazer. Servir é compreender o próprio papel no universo.

Trabalhar é aprender fazendo. Servir é espelhar a Bondade Divina no contexto de nosso dever.

Como princípio filosófico do Espiritismo, que explica a relação entre o espírito e a matéria para promover o progresso, a Comunicação é componente didático que constrói e explica, que entende e transforma o significado de servir trabalhando e de trabalhar servindo.



Propósito da Comunicação

A comunicação pode ser compreendida sob diferentes aspectos: como experiência, como expressão e como poesia da realidade.

Domínio da experiência

Como experiência a comunicação realiza-se pelas relações do espírito com as expressões do Universo. Cada contato, cada sensação, cada interação transforma-se em material de formação da própria consciência e sedimenta-se na memória imortal como signos da realidade inscritos no patrimônio espiritual a lhe oferecerem referências de entendimento sobre os quais construirá o universo das intuições - como imagens do mundo em si, e transformará as relações de raciocínios em lógicas de entendimento sob as quais compreenderá o mundo em que vive.

A comunicação é a base da experiência. Seja nas manifestações divinas do eletromagnetismo que possibilita a percepção interativa, seja como sofisticado mecanismo de linguagem nos quais a mensagem da Vida ganha expressão no emissor e entendimento novo no receptor.

O domínio da experiência é o palco em que o espírito interage com a matéria para imbuir-se das leis divinas expressas em todas as interações com a realidade.

Domínio da linguagem

A linguagem é forma de poesia, pois permite criar a realidade em nossa consciência.

A linguagem é um instrumento de construção de significados. Surge do compartilhamento das experiências e da necessidade de expressar a memória para referir-se à ausência e à presença de signficados comuns. Inaugura-se



Photo by Wolfgang Wasselmann on Unsplash

no simbolo e efetiva-se nas regras e significados submetidos a uma gramática comum que pretende endereçar o domínio significante para que cumpra seu papel de significação.

A linguagem codifica o entendimento do mundo e garante a continuidade do pensamento pelo registro sofisticado do conhecimento. Desde a linguagem sináptica que codifica a memória até às expressões sofisticadas da matemática, que capturam o abstrato no mundo, a linguagem é ferramenta comunicativa que socializa o mundo da subjetividade.

Domínio da intersubjetividade

Na conexão comunicativa com o outro, alcançamos novas imagens da realidade.

Pelo escrutínio dos significados a linguagem promove a socialização dos entendimentos e liga um mundo subjetivo a outro, promovendo o progresso de quem exprime, pelo esforço de representação e expressão, quanto o de quem assimila, pelo entendimento e compreensão que fazem nascer novos aspectos da realidade, nunca antes alcançados.

Na linguagem as almas se tocam para compartilhar os diferentes entendimentos do mundo. E na interação sincera, promove-se o debate das diferenças, a convergência das percepções, a transformação das atitudes, a renovação dos conceitos...

Nascer, viver, morrer e renascer são etapas que nos permitem alargar o domínio da experiência, a edificação da poesia representativa, o contato diversificado com a realidade. Seja no mundo das experiências corporais ou na liberdade espiritual da erraticidade, estamos imersos no universo comunicativo para experimentar e compreender, compreender e trabalhar, trabalhar e servir.



Comunicação Social Espírita

Como expressão do entendimento filosófico da Comunicação, princípio da Doutrina Espírita, a Área de Comunicação Social Espírita reflete um esforço do Movimento Espírita para formular uma nova ética à luz da espiritualidade, promover a integração entre os sujeitos em direção a uma fraternidade universal e mediar informações sob múltiplas formas de expressão.

O esforço da comunicação pode ser compreendido sob a estrutura de três funções, assim denominadas por seu caráter transformador de insumos em produtos: (a) Função Evangelizadora; (b) Função Integradora; e (c) Função Midiática.

A Função evangelizadora

A partir das experiências do mundo o Espírito constrói seu modo específico de pensar, de sentir e de agir. Ao reconhecer a adequação e a inadequação de suas formas de pensar, sentir e agir para a construção da própria felicidade o Espírito é lançado no domínio da ética, ciência do bem viver que pretende, assegurar a felicidade para o vivente.

A função evangelizadora representa o esforço de transformar o domínio das experiências no material da linguagem capaz de expressar-se na intersubjetividade que transforma a experiência do real e promove o engrandecimento intelectual do ser - permitindo-lhe mais amplos entendimentos da Verdade, e a efetiva transformação moral - que lhe assinala o comportamento feliz que equilibra e harmoniza as interações transformadoras de seres, coisas e realidades.

Evangelizar é trazer a boa nova da mensagem de felicidade transformada em novos modos de pensar, de sentir e de agir. É construção coletiva que se edifica por meio da comunicação sincera e caridosa.

A Função integradora

Integrar é reunir e relacionar. O esforço comunicativo da função integradora significa promover a intersubjetividade por meio do esforço de união e convivência: desde o compartilhamento das informações até o esforço de trabalho colaborativo, dos quais emergem novos entendimentos da realidade.

A Função midiática

Para que as experiências e entendimentos possam ser compartilhados com outros indivíduos é preciso criar mecanismos de representação e expressão dos conteúdos subjetivos. A linguagem é o grande fundamento da midiática e por meio dos mecanismos semióticos estruturam-se formas e significados sob a legislação gramatical dos diferentes meios de expressão.

Pela midiática transforma-se formas em significantes, coisas em significados, relações em gramáticas para que o mundo subjetivo objetivique-se de modo a alcançar o outro e possibilitar o divino concerto da poesia: a criação de novas realidades para a experiência, para a razão, para o sentimento e para a ação.

A Área de Comunicação Social Espírita e suas funções apresentam-se como formas de trabalho para desenvolver expressões de serviço a benefício dos Espíritos envolvidos na divina epopéia do progresso.

Fases do trabalho

O trabalho antecede o entendimento do serviço. Durante séculos o trabalho foi sinônimo de infelicidade. Sofria-se o trabalho como forma de sobrevivência. Trabalhavam os escravos sob o domínio dos senhores, que lhes administravam as vontades em benefícios alienados. O desgaste do corpo nas lides do trabalho implicava construção da morte ao longo do tempo...

Com Jesus, entretanto, tudo muda...

Fez-se carpinteiro no Lar, para exaltar a convivência como templo da alma e o serviço digno como modo de existência.

Enfermeiro gratuito das multidões, dignificou a arte de curar o corpo e a alma com a alegria de servir a Deus.

Educador incomum grafou sua mensagem nas almas que se fizeram portadoras de uma mensagem imortal exaltando a felicidade efetiva do Espírito em oposição aos conteúdos ilusórios das comodidades.

Jesus inaugurou a explicação do Serviço como resignificação do Trabalho e trouxe ao mundo o convite para que nos lançassemos ao entendimento e ao aprendizado pelo estudo, à realização e à superação desde o trabalho até o serviço.

Estudar para aprender, aprender para trabalhar, trabalhar para servir - é o roteiro explicado por André Luiz como expressão das fases de comunicação com a vida, para o entendimento da felicidade no fazer. Estudar significa esforço para aproveitar a experiência na construção dos significados.

Aprender é assimilar a realidade para construir a subjetividade da representação sendo capaz de raciocinar e sentir, agir e transformar com base nos conhecimentos construídos pela experiência do estudo.

Trabalhar é expressar o conhecimento na aplicação do esforço transformativo da realidade para assegurar que o aprendizado efetivou-se pela capacidade de interagir com a realidade conforme as leis que lhe regem os mecanismos. Trabalho é esforço de utilidade que expressa aprendizado completado a transformar-se em novos modos de entendimento e ampliação de possibilidades.

Servir, contudo, é entendimento mais amplo. É sintonia com a vida a exprimir-se no sentimento de alegrar-se no cumprimento do dever pelo juízo de ser, no exercício do trabalho, o meio pelo qual a Bondade Divina expressa-se no mundo. O serviço é a essência da verdadeira religiosidade por proporcionar o sentimento de conexão com a Vida isenta de qualquer dogmatismo sectário, de quaisquer entendimentos divisionistas. Serviço é a religião com a vida, a religação com a essência das coisas, é a experiência transcendente do sagrado: é a comunicação mais efetiva com Deus, a forma mais sofisticada de oração!

157 Revue Spirite





Natureza do serviço

Descobrir o caminho do serviço e buscar significado no trabalho que se desenvolve. É preciso modificar a atitude diante dos desafios para compreender a função educativa que o trabalho nos proporciona e reconhecer que a vida nos transforma quando sofremos os desafios de trabalhar com propósito e significado. Neste esforço aprendemos a sublime lição da renúncia, pela qual nos desvencilhamos dos exclusivos interesses pessoais para colaborar na construção de valores para todos. Por meio desta jornada alcançamos o país resplandecente do serviço, a arte de comunicar significados por meio daquilo que realizamos.

Atitude e trabalho

A mudança da atitude frente ao significado do trabalho tem início quando nos dispomos a aprender pela realização das tarefas que nos cabem: é o entendimento do dever como processo de transformação pessoal, de educação da subjetividade para adequar-se aos propósitos superiores da vida - a expressarem em convite para dotar de significado, de beleza e de utilidade tudo aquilo que nos dispomos a fazer.

Reduzimos os prejuízos da procrastinação e nos dedicamos a realizar no tempo certo, do modo adequado e com o propósito de dar utilidade ao nosso tempo e aos nossos esforços. Modificase a disposição e a atitude de cumprir as obrigações, às vezes à custa de nosso comodismo e de nossos interesses imediatistas, a benefício de um novo entendimento sobre o papel que desempenhamos na vida dos outros e da transformação que o trabalho nos proporciona.

Sofrimento e trabalho

Sem sofrimento, a ação externa que nos engrandece, não há proveito no trabalho. Sofrer é permitir que a vida nos comunique suas lições; é adquirir novos entendimentos a partir das experiências que nos alcançam sem que estejamos na qualidade controladora de agentes.

O trabalho nos proporciona o sofrimento da realidade. Padecemos ao encontrar leis que regem o comportamento das coisas demonstrando-nos o que funciona e o que não funciona e convidando-nos às necessárias mudanças de atitudes em nossos modos de pensar, sentir e agir. Pelo sofrimento refazemos a compreensão e pelo trabalho experimentamos a aplicação, o aprendizado, a produção de resultados e a transformação de nós mesmos.

Renúncia e Serviço

Ao alcançarmos a excelência da realização pela plenitude das competências, afeiçoamo-nos ao trabalho desenvolvido, que agora ganha feições de colaboração com a Vida, fazendo-nos experimentar a capacidade de contribuir para o bem estar ao mesmo tempo que obtemos valores próprios. Chega então o momento da renúncia: aquele instante em que percebemos que a realização do trabalho possui um propósito que ultrapassa os ganhos individuais. Passamos a realizar sem paga. Construímos pela alegria de ver os resultados. Porfiamos na tarefa para transformação dos cenários em que vivemos e a retribuição deixa de ser o móvel de nossos interesses: o resultado nos encanta pelo contributo que oferece. É o tempo do serviço.

Ao longo deste trajeto, entre o trabalho e o serviço, compreendemos a necessidade da colaboração como esforço de compartilhamento de habilidades e construção de novos horizontes de comunicação intersubjetiva. O trabalho se faz linguagem e o serviço nos convida a uma gramática de cooperação dentro da qual experimentamos a oportunidade de coordenar esforços no rumo da colaboração comunicativa, pela qual transformamo-nos na presença das demais competências, na apreciação do que somos capazes de fazer quando unimos os esforços de melhoria de mais ampla civilização. Tornamo-nos colaboradores da Vida.

Necessidade da pluralidade de competências

Ao esforçarmo-nos pelo efetivo serviço descobrimos a necessidade de emprego de diferentes competências, que nem sempre as possuímos. Reconhecendo os próprios potenciais no trabalho individual habilitamo-nos para aceitar a interação com outras competências e adentramos o campo da interação como caminho para construções mais amplas.

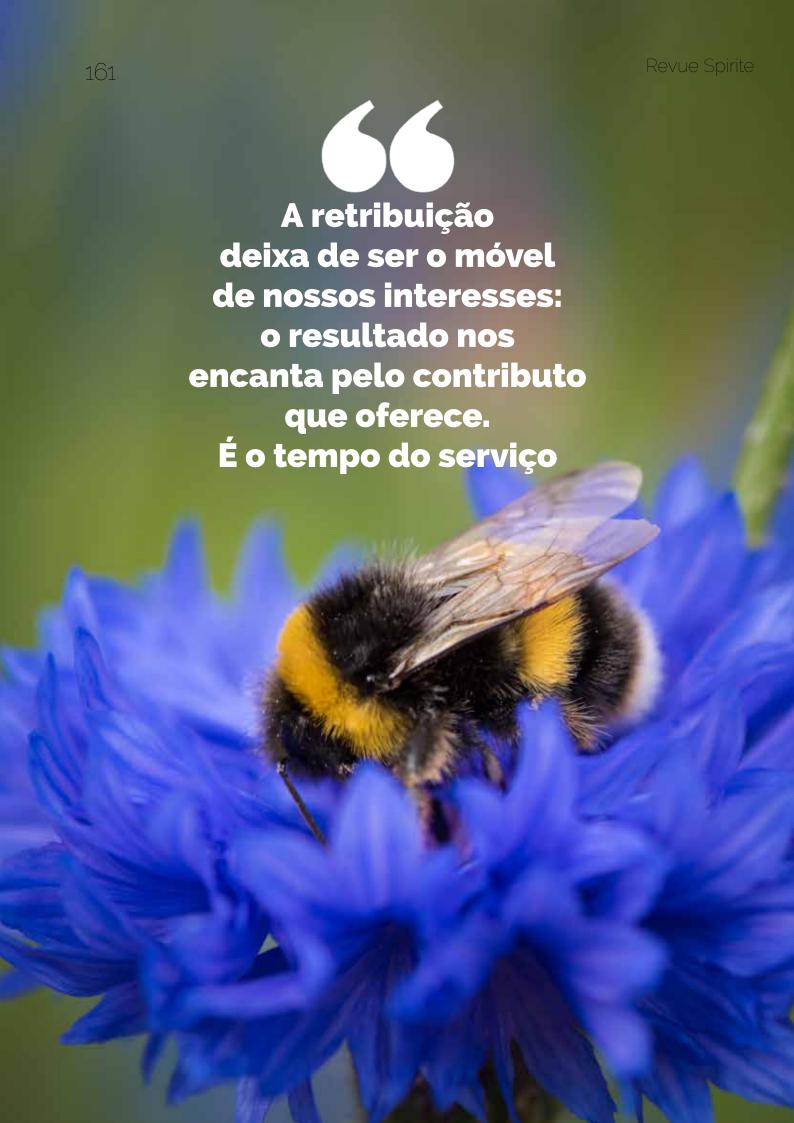




Photo by Meggyn Pomerleau on Unsplash

O Trabalho individual

O desenvolvimento do esforço individual possibilita-nos a aquisição das experiências e desenvolve entendimentos e habilidades que se expressam em nossa capacidade de produzir e usar. Mas o trabalho individual restringe nosso entendimento ao esforço de aprendizagem e limita a capacidade de realização ao glossário de nossas competências. Rapidamente identificamos os limites das possibilidades e a ampliação da produtividade ou a busca por mais amplas realizações passa a exigir o esforço coletivo como mecanismo de ampliação das possibilidades que nos cercam.

O Trabalho coletivo

No esforço coletivo identificamos as primeiras expressões da cooperação: o emprego articulado das habilidades para operar sobre a realidade na construção do que se almeja por resultado.

A coletividade reúne então as habilidades e conhecimentos adequados para a mudança dos insumos em produtos, dos esforços em serviços, das lições em realidades. E por meio do esforço coletivo passamos a usufruir a oportunidade da experiência comum, do aprendizado conjunto, da interação construtiva.

O Trabalho interativo

A interação se expressa no ato comunicativo de operar e de aprender com a presença do outro e pela alternância da condição de agentes e de pacientes: ora somos os que fazem, ora somos os que sofrem as ações dos outros. Constrói-se a interação no processo de comunicar os espaços da subjetividade. Emprega-se a linguagem e articulam-se os significados nos domínios da experiência, da linguagem e da intersubjetividade.

O trabalho interativo é modalidade escolar em que o esforço do outro modifica o meu próprio esforço. O modo de ser, de pensar, de sentir e de agir do outro afeta meus próprios modos de ser, pensar e agir. Faço-me novo na presença de outras subjetividades: sofro a influência alheia e dilato minhas próprias capacidades de lidar com as realidades.

Os diferentes níveis de interação proporcionam amplitudes diferentes e novos significados para os modos de trabalho.

Modos do trabalho

Cooperação, coordenação e colaboração representam diferentes modos pelos quais o trabalho se realiza e transforma. Suas expressões são particularizadas em propósitos, resultados e significados.

Cooperação

A cooperação é um modo de trabalho onde se reúnem esforços, recursos e competências para a tranformação de uma realidade por meio do emprego que visa atender aos interesses individuais. Estabelece-se um objetivo e as competências são empregadas para realização das partes do trabalho que deverão resultar no propósito pretendido. Mas na cooperação cada trabalhador recebe objetivos específicos e contenta-se em realizar a parte que lhe cabe, indiferente ao resultado geral que está sob a responsabilidade de outros.

A interação cooperativa é de natureza operacional: manifesta-se na capacidade de trabalhar juntos, com objetivos diferentes.

O propósito é a realização de parte da operação, o resultado é uma construção específica e o significado é atribuído à parte que nos compete para que bem avaliada tenhamos direito ao reconhecimento parcial de nossa individualidade e aos valores que lhe cabem.

Coordenação

A coordenação é o emprego ordenado dos esforços exigindo planejamento comum e visão geral do que está sendo realizado.

Não se realiza a coordenação sem que a interação entre os envolvidos possibilite os ajustes necessários para o crescimento comum dos resultados. Desloca-se o interesse para a realização individual e o cuidado com os objetivos passa a vigorar como experiência de avaliação comum que, à medidade que se realiza, aos poucos se vai aprimorando.

Não há coordenação quando o interesse individual prevalece: persiste a cooperação.

Para coordenar é necessário conjugar objetivos, planejar em conjunto e avaliar para corrigir até que os objetivos se tornem comuns e os resultados satisfatórios para todos.

O propósito é a eficácia na realização do todo, o resultado é o alcance dos objetivos comuns e o significado emerge como novidade em produtos que se modificam enquanto são construídos pela participação efetiva das diferentes competências.





Colaboração

A colaboração é processo comunicativo que resulta na construção de novas realidades objetivas e subjetivas. O foco do esforço não visa atender aos interesses específicos ou aos propósitos comuns de maneira prioritária: o resultado é o crescimento e a satisfação dos que, ao participarem do trabalho, encontram novos motivos de alegria e os resultados obtidos são consequências inevitáveis das interações que se estabelecem devido à excelência empregada pelo esforço poético dos que colaboram pela satisfação de fazerem o seu melhor, independente dos benefícios que lhes cabem individual e coletivamente.

A experiência da colaboração transforma o esforço em arte criativa. Nota-se a presença da colaboração pela excelência dos resultados aliada à felicidade dos envolvidos. Trabalhadores e beneficiários se confundem por meio da alegria comum que resulta no ato de dar e de receber. O primor do resultado é ofuscado pela alegria do fazer e do usar.

O propósito é a felicidade, o resultado é a transformação dos insumos em poesias concretas dotadas de beleza, utilidade e fundamentação. O significado é a união de todos em torno de uma realidade impossível de ser alcançada sem a renúncia, sem o empenho, sem a dedicação transformadora que encontra na alegria de servir a essência de seu ideal.

E se a pluralidade das competências exprime transformção dos modelo interativos, é necessário reconhecer que os modos de interação também configuram diferentes formas de reunir as pessoas e desenvolver seus esforços coletivos pela formação e evolução de grupos, equipes e *times*.

Grupos, equipes e times

Os modos de interação entre as pessoas variam de acordo com seus objetivos, modos e resultados pretendidos. Se os grupos se caracterizam pela reunião de pessoas é necessário ver que nenhuma equipe se configura sem a contrução de objetivos comuns. *Times* de alto desempenho avançam para além dos objetivos e transformam-se em espaços de realização nos quais a alegria de empregar as competências - individuais e coletivas - resulta em obras de arte de diferentes dimensões: concretas e abstratas.



A Dimensão de objetivos

Na dimensão dos objetivos identificamos os resultados que se pretendem alcançar pelo esforço coletivo. Os objetivos variam entre grupos, equipes e *times*.

Os objetivos do grupo são de natureza temática e respondem por interesses individuais. Os grupos configuram modos de organização cooperativa para atender aos interesses individuais. Os grupos interagem por meio da cooperação.

Os objetivos da equipe são estabelecidos para proporcionar um propósito comum. A equipe articula suas competências e cria regras de atuação de modo a maximizar o emprego de conhecimentos e habilidades de modo a resultar em maiores valores para os objetivos acordados e pretendidos. A avaliação conjunta e o esforço comum de melhoria cria espaço de interatividade cada vez mais complexos. As equipes se definem no modo de interação proporcionado pela coordenação.

Os times estabelecem seus objetivos na alegria de estar na presença do outro e ser o que são. O aprendizado comum, a realização coletiva, a confiança recíproca, a liderança compartilhada caracterizam um modo de interação no qual o resultado de excelência é acrescido pela alegria da presença do outro, pelo aprendizado comum, pelo propósito de servir sempre e mais. Os times são caracterizados pelo modo interativo de colaboração.

A Dimensão de modos

Os grupos caracterizam-se pelo ajuntamento de pessoas. O simples fato de estarem juntas em torno de um tema qualquer (o bar, o restaurante, o esporte, as visões, o debate das diferenças etc.) caracterizam modos de reunir que são regidos pela cooperação na presença do outro.

As equipes se caracterizam pelo compartilhamento de objetivos que estão além dos interesses individuais e ao mesmo tempo que os unifica. Grupos transformam-se em equipe quando as regras de convivência e articulação ordenam-se em torno de objetivos previamente acordados ou posteriormente construídos em tempo de interação.

Os times formam uma personalidade coletiva em que as características individuais afetam e alegram as interações coletivas proporcionando felicidade aos que labutam e aos que experimentam os resultados do esforço. O modo de colaboração transforma os membros do time e lhes proporciona novos desejos de interação.







Esvair o tempo sem o esforço construtivo é malbaratar o presente e comprometer o futuro



A Dimensão de resultados

Os grupos surgem da aproximação das pessoas em torno de temas comuns e proporcionam a experiência coletiva como principal resultado.

As equipes articulam-se em torno de propósitos comuns e se realizam com a consquista de resultados coletivos planejados e executados por meio da coordenação de esforços, propósitos e interesses.

Os times são constituídos na alegria da interação e seus resultados são transformadores para quem os constitui e para os que sofrem contato com seus resultados, que sempre se caracterizam pela excelência, pela beleza, pela criatividade, pela utilidade e pela robustez da fundamentação.

Dentro de suas peculiaridades, cada modo de interação em grupos, equipes e *times* reclama conjuntos de requisitos que se fazem necessários para a ação. Mas de modo específico são exigidos no trabalho colaborativo:

- O foco no propósito
- A liderança compartilhada
- O compromisso coletivo
- A excelência benevolente

Serviço e nós

No livro *Encontro Marcado*, no capítulo 21, encontramos as seguintes palavras do benfeitor Emmanuel:

"Sabemos que o tempo é o nosso mais valioso recurso perante a vida; mas tempo, sem atividade criadora, tão somente nos revela o descaso perante as Concessões Divinas."

O tempo que empregamos no desenvolvimento de nossas habilidades é esforço comunicativo pelo qual interagimos com a realidade para nos adaptarmos a ela e lhe ofertarmos o melhor de nós mesmos. Esvair o tempo sem o esforço construtivo é malbaratar o presente e comprometer o futuro. À luz da Doutrina Espírita compreendemos que o trabalho é instrumento de transformação que nos possibilita o propósito do progresso, tanto no campo intelectual quanto moral. Portanto é preciso reconhecer que em nosso esforço de trabalhar rumo ao entendimento do serviço que nos cabe, devemos alcançar as dimensões epistemológicas, terapêuticas, ontológicas, unificadoras, axiológicas e sociais que o trabalho nos proporciona.

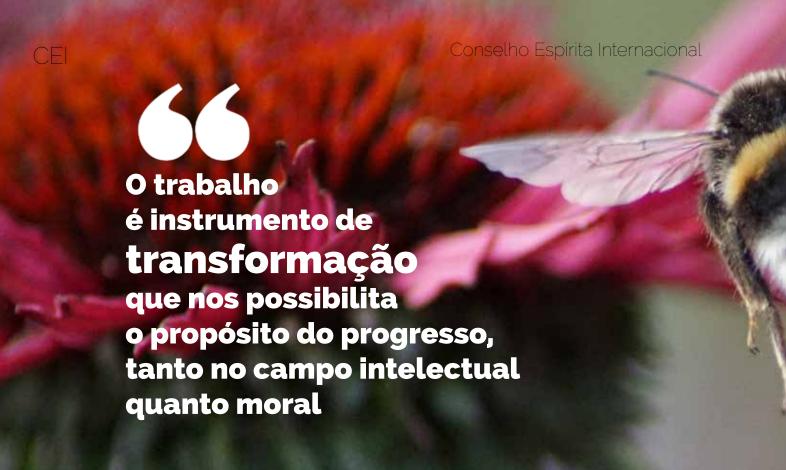


Photo by Carolien Van Oijen on Unsplash

A Dimensão epistemológica

Exprime-se no reconhecimento que o trabalho é um instrumento de aprendizagem por meio do qual alcançamos novos patamares de entendimento e realização.

Ao trabalhar reconhecemos a necessidade de novos aprendizados e esforçamo-nos por mais largos entendimentos de modo a cumprir os deveres que nos cabem. A melhoria do trabalho reclama esforço continuado de aprendizagem e o conhecimento construído nos torna continuamente melhores: é a dimensão epistemológica.

A Dimensão terapêutica

Ao nos melhorarmos curamo-nos de nossas mazelas. O entendimento do propósito do trabalho e o aproveitamento de sua dimensão epistemológica resulta em terapia para nós mesmos.

A oportunidade do trabalho exprime vasto tratamento de cura pelo qual construímos nossa nova realidade de saúde mental e espiritual, consubstanciadas no progresso efetivo de caráter intelectual e moral.

A Dimensão ontológica

O trabalho constrói um novo ser em nós. Formamo-nos e transformamonos no esforço do trabalho. Crescemos em conhecimentos e em capacidades realizadoras de modo tão expressivo que a informação nos habilita para novos modos de ser e de existir.

Pelo trabalho realizamos o devir em nós.



A Dimensão unificadora

As exigências interativas que o trabalho nos proporciona refletem-se na cooperação, na coordenação e na colaboração: todas atividades unificadoras que proporcionando a união entre os diferentes resultam na unificação dos propósitos e transformação das individualidades.

Reconhecer a dimensão unificadora do trabalho nos esclarece a urgência da fraternidade e proporciona o crescimento do respeito comum, da atenção ao próximo, da construção das diversidades.

Dimensão axiológica

O trabalho pensado à luz de tais conceitos tem sempre o bem comum como propósito e como valor: daí sua natureza axiológica. Pelo trabalho, o bem deve ser gerado para todos.

A resignificação que Jesus nos trouxe ao trabalho tem como resultado uma nova atitude de cooperação, coordenação e colaboração que pretendem mudar o mundo a partir da mudança de nós mesmos. O Cristo resignificou o sentido da religiosidade apresentando o trabalho desinteressado como dístico mais profundo do sagrado.

A Dimensão social

O trabalho é o instrumento da convivência. Sua dimensão social exprime-se no valor que cria: tanto econômico quanto moral, tanto financeiro quanto espiritual.

Reconhecer tais dimensões do trabalho nos habilita para uma visão da comunicação como crescimento coletivo que se realiza para além do compartilhamento de informações codificadas em modos convencionais de linguagem.

Conclusão

O trabalho é esforço útil transformando a realidade do mundo e realizando a construção de nós mesmos.

O serviço é culminância de trabalho pela qual passamos a espelhar em nós a Vontade Divina a exprimir a Suprema Bondade, a caracterizar-se como o bem de todos, pelo esforço de todos, pelo propósito de todos.

A comunicação é experiência coletiva de interação com a realidade que transforma o mundo em significantes e significados, a exprimir a dimensão poética pela qual criamos o mundo em nós e exprimimos para o mundo, com o propósito da melhoria continuada no progresso. Linguagem e esforço se articulam na interação com os outros, construíndo os domínios da intersubjetividade dentro dos quais nos transformamos em novos potenciais de bondade, pelo esforço comum de comunicar o belo, o útil e o bom.

A interação comunicativa cria oportunidades de progresso dentro do roteiro de estudo, aprendizado, trabalho e serviço.

Por meio dos esforços de interação em grupos, equipes e times alcançamos mais amplos entendimentos sobre a interação entre nós e compreendemos que a cooperação, a coordenação e a colaboração são instrumentos comunicativos pelos quais a linguagem do trabalho nos introduz na Gramática Divina do Serviço com alegria.

Somos aquilo que fazemos, fazemos aquilo que somos. Comunicar-se é realizar a expressão de nós mesmos e apreender a essência dos que nos cercam.

Por isso mesmo, em última análise: comunicação é serviço.

Bibliografia

XAVIER, Francisco C. e Waldo Vieira (Emmanuel e André Luiz, Espíritos). 2013. *Estude e viva*. Edição do Kindle. Brasília: FEB.

Photo by Jozsef Szabo on Unsplash



Notícias

11° CEM

O 11º Congresso Espírita Mundial vai realizar-se nos dias 4 e 5 de outubro de 2025 em Punta del Este – Uruguai, com o tema "Vida depois da Vida".

O Congresso é organizado pela Federação Espírita do Uruguai, com a coordenação do Conselho Espírita Internacional, através da sua Comissão Executiva.

Mais informações em breve no site do 11° CEM em www.11cem.com

O2 ● Formação de Facilitadores de Grupos de Estudo

A Área de Estudos da Doutrina Espírita do CEI - Conselho Espírita Internacional - realizou uma "Formação de Facilitadores de Grupos de Estudo", nos dias 7 e 8 de outubro de 2023. A formação foi, on-line, via plataforma Zoom. As inscrições foram abertas às federações membros do CEI. O objetivo geral da formação de facilitadores foi promover a formação contínua de facilitadores de grupos de estudo sobre o Espiritismo em Instituições Espíritas.

Área de Assistência Espírita e Promoção Social

A Área de Assistência Espírita e Promoção Social do CEI realizou no dia 12 de novembro mais uma conversa online com o tema "O Evangelho como caminho para o crescimento espiritual".

O tema foi debatido por Jose Vasquez, Presidente da Federação Espírita Venezuelana e Gipciro Zabala, colaborador do Centro Espírita Mensaje Fraternal - Caracas, Venezuela.

○ Sementes do futuro

A Área de Infância, Juventude e Família do CEI realizou no dia 18 de novembro uma Mesa Redonda live online como o tema "Valorização da Vida".

Sementes do Futuro é um projeto de Formação Continuada de Evangelizadores/Educadores Espíritas, promovido pela AIJF do CEI.

O objetivo geral desta formação é promover momentos de reflexão em torno da Valorização da Vida das crianças e jovens, com foco na promoção do autoconhecimento, no fortalecimento da autoestima, na consciencialização das potências da alma e na valorização da experiência reencarnatória.

● IV Conferência Trimestral 2023 - Guatemala

A Cadena Heliosóphica Guatemalteca realizou no dia 04 de novembro em Catarina, San Marcos - Guatemala, a IV Conferência Trimestral 2023, com o tema "Dando Luz para o Espírito".

Revue Spirite 177











OO. CFN - FEB

O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira realizou--se de 10 a 12 de novembro na sede administrativa da FEB em Brasília. Contou com a participação dos presidentes das entidades federativas estaduais, secretários regionais e adjuntos, secretários do CFN e coordenadores Nacionais de Áreas do CFN e adjuntos, assessor jurídico do CFN e Conselho Diretor da FEB. Na lista de visitantes estiveram Jussara Korngold, secretária geral do Conselho Espírita Internacional, Marina Odette Letelier e Edmeire Pereira Possanho, presidente e vice-presidente da Federación Espirita do Chile e Ururaci Szlezak da Sociedade de Estudos Espíritas Joanna de Ângelis, SEEJA, Viena.



O GCNDIJ (Grupo Coordenador Nacional DIJ) da Federação Espírita Portuguesa realizou, no dia 26 de novembro, o Encontro Nacional de Educadores de Infância e Juventude 2023, com o título "A Chave - Uma abordagem fora do comum para problemas comuns, atuais e urgentes."

Estiveram presentes, educadores e jovens representantes de todo o país.

○ 1º Encontro Espírita Panamericano

A Fraternidade Espírita Deus Amor e Caridade do Panamá vai realizar o 1º Encontro Espírita Panamericano, no dia 24 de fevereiro de 2024. O encontro conta com participantes do Brasil, Cuba, Guatemala, México, Panamá, El Salvador, Porto Rico, República Dominicana e Estados Unidos da América.



06



07





COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI TRIÉNIO DE 2023 - 2025

Conselho Espírita Internacional

Eduardo dos Santos

Área Administração da Casa Espirita Uruguai



Manuel de la Cruz 2ª Tesouraria Cuba



Hélio Blume 1ª Tesouraria Brasil

David Estany

Área de Estudo do Espiritismo Espanha



Jussara Korngold

Secretária - Geral do CEI Estados Unidos da América



Vitor Mora Féria 2º Secretário Portugal



Manuel Sonyer 1º Secretário

Espanha

Carlos Campetti Área Estudo e Pratica da Mediunidade Brasil



Silvana Elia

Area Infância Juventude e Familia



Anyela Nuñez

Área Atendimento Espiritual Uruguay



Wendy Castañón

Área Assistência e Promoção Social Espirita Guatemala



Marcial Barros

Área de Comunicação Social Espirita

Portugal

